

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
Programa de Pós-Graduação em Letras - Linguística e Língua Portuguesa

Gisely Gonçalves de Castro

A AQUISIÇÃO DO ASPECTO SOB UMA PERSPECTIVA MINIMALISTA

Belo Horizonte

2019

Gisely Gonçalves de Castro

A AQUISIÇÃO DO ASPECTO SOB UMA PERSPECTIVA MINIMALISTA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de doutora em Linguística e Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Arabie Bezri Hermont

Área de concentração: Estrutura formal e conceitual da linguagem

Belo Horizonte
2019

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

C355a Castro, Gisely Gonçalves de
A aquisição do aspecto sob uma perspectiva minimalista / Gisely
Gonçalves de Castro. Belo Horizonte, 2019.
146 f.: il.

Orientadora: Arabie Bezri Hermont
Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
Programa de Pós-Graduação em Letras

1. Língua portuguesa - Formação das palavras. 2. Língua portuguesa -
Aspecto verbal. 3. Aquisição de linguagem. 4. Teoria do minimalismo
(Linguística). 5. Gramática gerativa. 6. Crianças - Linguagem. 7. Gramática. I.
Hermont, Arabie Bezri. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

SIB PUC MINAS

CDU: 806.90-56

Ficha catalográfica elaborada por Rosemary Socorro Hosken - CRB 6/3170

Gisely Gonçalves de Castro

A AQUISIÇÃO DO ASPECTO SOB UMA PERSPECTIVA MINIMALISTA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de doutora em Linguística e Língua Portuguesa.

Área de concentração: Estrutura formal e conceitual da linguagem

Prof^a. Dr^a. Arabie Bezri Hermont – PUC Minas (Orientadora)

Prof^a. Dr^a. Adriana Tavares Maurício Lessa – UFRRJ (Banca Examinadora)

Prof^a. Dr^a. Gláucia do Carmo Xavier - IFMG (Banca Examinadora)

Prof^a. Dr^a. Ev^a Ângela Batista Rodrigues de Barros – PUC Minas (Banca Examinadora)

Prof. Dr. João Henrique Rettore Totaro – PUC Minas (Banca Examinadora)

Prof^a. Dr^a. Janayna Maria da Rocha Carvalho – UFMG (Suplente)

Prof^a. Dr^a. Josiane Andrade Militão – PUC Minas (Suplente)

Belo Horizonte, 11 de junho de 2019

A Carlos e Maria Aparecida, exemplos de determinação e dignidade.

AGRADECIMENTOS

À professora Arabie Bezri Hermont, pela orientação realizada, pelos conhecimentos compartilhados e pelo compromisso incontestável com a qualidade do ensino e da pesquisa.

Às professoras Adriana Tavares Maurício Lessa e Gláucia do Carmo Xavier, pelas contribuições feitas a este trabalho no Exame de Qualificação.

Aos membros da banca examinadora, por dedicarem tempo e atenção à minha tese.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Letras - Linguística e Língua Portuguesa da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, por exercerem a docência no sentido mais amplo da palavra.

Aos colegas do grupo de estudos eLinC, pela parceria que quero levar para a vida inteira.

Ao CNPq, pelo subsídio a este projeto e pelo incentivo à pesquisa no Brasil.

[...] o que prevemos é que algum outro princípio externo à linguagem interagiu com uma pequena mutação que deu origem à Gramática Universal. Isso estabelece uma nova meta de pesquisa para ver se podemos determinar que os princípios da Gramática Universal não têm a complexidade que pareciam ter, mas são, na verdade, o resultado da aplicação de princípios não linguísticos, talvez não humanos, a qualquer pequena mudança ocorrida no cérebro. Essa pequena mudança foi provavelmente a capacidade de realizar uma enumeração recursiva. (CHOMSKY, 2008).

RESUMO

Esta tese investiga um padrão subextensivo que caracteriza a aquisição da morfologia flexional no português. O objetivo deste trabalho é verificar se o referido padrão advém da interferência de traços semânticos na identificação de traços formais ou da capacidade das crianças para detectar regularidades no estímulo linguístico. O padrão subextensivo típico da aquisição da morfologia flexional diz respeito ao uso restrito de certas marcas aspecto-temporais a determinados tipos de verbo. Por exemplo, enquanto os verbos que descrevem situações atélidas – situações que não especificam um ponto final – parecem favorecer o uso do presente do indicativo, aqueles que descrevem situações télicas – situações que precisam atingir um ponto final para que se possa dizer que elas ocorreram – parecem favorecer o uso do pretérito perfeito do indicativo. Tendo por base a formulação dos três fatores no *design* da linguagem do atual programa de investigação da Teoria Gerativa, o Programa Minimalista, a hipótese formulada para explicar o padrão em causa foi a de que ele decorre da utilização de mecanismos do terceiro fator de natureza estatística. Tal hipótese contrasta com a hipótese dominante de que os traços aspectuais semânticos inerentes às raízes verbais influenciam fortemente o curso da aquisição do aspecto gramatical. Para a avaliação dessas hipóteses, procedeu-se a uma análise da relação entre duas subcategorias de aspecto gramatical – perfectivo e imperfectivo – e quatro subcategorias de aspecto semântico – estado, atividade, *accomplishment* e *achievement* – em dados longitudinais de produção verbal espontânea de duas crianças entre um ano e seis meses e dois anos e quatro meses, bem como nos dados de fala relativos ao *input* linguístico de cada uma das crianças. Os resultados alcançados atestam a inadequação da hipótese dominante, já que a categoria atividade não apresentou comportamento esperado em relação à categoria imperfectivo, e a validade da hipótese formulada nesta tese, já que os padrões exibidos nos dados das crianças refletiram os padrões do *input* linguístico. Com base nos resultados obtidos e na formulação minimalista dos três fatores no *design* da linguagem, propõe-se que uma abordagem minimalista para a aquisição da linguagem deverá incorporar mecanismos do terceiro fator, como os procedimentos de natureza estatística, à sua agenda de pesquisa.

Palavras-chave: Aquisição da linguagem. Programa Minimalista. Padrão Subextensivo. Aspecto Verbal. Terceiro Fator.

ABSTRACT

This thesis investigates an underextension pattern that characterizes the acquisition of flexional morphology in Portuguese. The aim of this study is to verify if the pattern comes from the interference of semantic features in the identification of formal features or the children's ability to detect regularities in the linguistic stimulus. The typical underextension pattern of the acquisition of flexional morphology concerns the restricted use of certain aspect-tense marks to certain types of verbs. For example, while verbs that describe atelic situations - situations that do not specify an ending point - seem to favor the use of the Indicative Simple Present, those that describe the telic situations - situations that need to reach an ending point so that they can be said to have occurred - seem to favor the use of the Indicative Simple Past/Perfect Present. Based on the formulation of the three factors in the language design of the current research program of the Generative Theory, the Minimalist Program, the hypothesis formulated to explain the pattern in question was that it stems from the use of mechanisms of the third factor of a statistical nature. For the evaluation of these hypotheses, we analyzed the relationship between two subcategories of grammatical aspects - perfective and imperfective - and four subcategories of semantic aspect - state, activity, accomplishment and achievement - in longitudinal data of spontaneous verbal production of two children between one year and six months and two years and four months old, as well as in the speech data regarding the linguistic input of each child. The results ensure the inadequacy of the dominant hypothesis, since the activity category did not present an expected behavior in relation to the imperfective category, and validates of the hypothesis formulated in this thesis, since the patterns presented in the children's data reflected the linguistic input patterns. Based on the found results and on the minimalist formulation about the three factors in language design, it is proposed that a minimalist approach to language acquisition should incorporate third factor mechanisms, such as procedures of a statistical nature to its research agenda.

Keywords: Language Acquisition. Minimalist Program. Underextension pattern. Verbal aspect. Third factor.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Indicador sintagmático de uma sequência terminal	27
Figura 2 – Representação da estrutura sintagmática conforme a Teoria X-barra	28
Figura 3 – Esquema geral da estrutura sintagmática conforme a Teoria X-barra.....	30
Figura 4 – Design do modelo da Teoria da Regência e Ligação.....	31
Figura 5 – Níveis de representação da Teoria da Regência e Ligação.....	32
Figura 6 – Design do Programa Minimalista.....	37
Figura 7 – Formação do objeto complexo K a partir da aplicação de Merge a α e β	39
Figura 8 – O movimento do constituinte α a partir da aplicação de Move.....	39
Figura 9 – Valoração dos traços ϕ de β a partir da aplicação de Agree.....	41
Figura 10 – Tempo envolvido na ocorrência de uma situação	45
Figura 11 – Oposição aspectual entre perfectivo e imperfectivo.....	46
Figura 12 – Composição aspectual.....	58
Figura 13 – Composição de classes aspectuais.....	60
Figura 14 - Relacionamento dos traços aspectuais às classes correspondentes	61
Figura 15 – Representação da estrutura sintagmática com a projeção aspectual	64
Figura 16 – O conteúdo da FL.....	85
Figura 17 – Representação esquemática do padrão subextensivo típico da aquisição da morfologia flexional.....	115
Figura 18 – Comparação entre os padrões detectados nos dados das crianças e nos dados relativos ao input linguístico	121
Figura 19 - Comparação entre a distribuição do aspecto nos dados das crianças e nos dados relativos ao estímulo linguístico.....	122

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Quadro aspectual de Castilho (1967).....	49
Quadro 2 – Classes aspectuais de Vendler (1957)	53
Quadro 3 – Representantes das classes aspectuais de Vendler (1957)	53
Quadro 4 – Classes aspectuais de Smith (1997)	54
Quadro 5 – Classes aspectuais conforme Bertinetto (2001).....	56
Quadro 6 – Padrão subextensivo da aquisição da morfologia flexional.....	65
Quadro 7 – Hipótese do Aspecto	67
Quadro 8 – Comparação entre os modelos de variação paramétrica.....	79
Quadro 9 – Descarte de dados relativos à produção verbal de ENY e JES	92
Quadro 10 – Categorias de aspecto gramatical	93
Quadro 11 – Categorias de aspecto lexical.....	94
Quadro 12– Agrupamento dos dados de ENY conforme a classe aspectual.....	101
Quadro 13 – Agrupamento dos dados de JES conforme a classe aspectual	102

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Distribuição do aspecto gramatical nos dados de ENY	96
Gráfico 2 – Distribuição do aspecto gramatical nos dados de JES	97
Gráfico 3 – Distribuição do aspecto lexical nos dados de ENY	99
Gráfico 4 – Distribuição do aspecto lexical nos dados de JES	100
Gráfico 5 - Correlação entre o aspecto gramatical e o aspecto lexical nos dados de ENY	103
Gráfico 6 - Correlação entre o aspecto gramatical e o aspecto lexical conforme a faixa etária de ENY.....	105
Gráfico 7 - Correlação entre o aspecto gramatical e o aspecto lexical nos dados de JES	106
Gráfico 8 - Correlação entre o aspecto gramatical e o aspecto lexical conforme a faixa etária de JES	107
Gráfico 9 – Distribuição do aspecto gramatical no input de ENY	110
Gráfico 10 – Distribuição do aspecto gramatical no input de JES	111
Gráfico 11 - Distribuição do aspecto lexical no input de ENY	112
Gráfico 12 - Distribuição do aspecto lexical no input de JES.....	112
Gráfico 13 - Correlação entre o aspecto gramatical e o aspecto lexical no input de ENY	113
Gráfico 14 - Correlação entre o aspecto gramatical e o aspecto lexical no input de JES	114

LISTA DE ABREVIATURAS

A	Adjetivo
Asp	Aspecto
C	Complementizador
D	Determinante
Comp	Complemento
Esp	Especificador
F	Flexão
FL	Faculdade da Linguagem
FLB	Faculty of Language in the Broad Sense
FLN	Faculty of Language in the Narrow Sense
GU	Gramática Universal
LF	Logical Form
N	Nome
Num	Numeração
P	Preposição
PM	Programa Minimalista
PF	Phonological Form
S	Sentença
SA	Sintagma adjetival
SAgr	Sintagma de Concordância
SAsp	Sintagma aspectual
SC	Sintagma complementizador
SD	Sintagma Determinante
SF	Sintagma Flexional
SN	Sintagma nominal
SNeg	Sintagma de Negação
SP	Sintagma preposicional
ST	Sintagma temporal
SV	Sintagma verbal
T	Tempo
TAM	Tempo-aspecto-modo

V	Verbo
VEPS	Very Early Parameter Setting

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
2 TEORIA GERATIVA.....	21
2.1 Alguns pressupostos teóricos básicos: Faculdade da Linguagem e Gramática Universal.....	22
2.2 Projeção e categorias sintáticas: as estruturas sintáticas como projeções da informação lexical.....	24
2.3 A projeção sintática nas abordagens gerativas iniciais: uma proposta baseada em regras de estrutura sintagmática	26
2.4 Teoria X-barra e traços distintivos: uniformidade para a estrutura sintagmática....	28
2.5 A projeção sintática na Teoria da Regência e Ligação: uma proposta baseada em princípios	31
2.6 O Programa Minimalista: a estrutura sintática como (re)arranjo de itens lexicais ..	36
3 ASPECTO	43
3.1 Aspecto gramatical: a perspectiva a partir da qual as situações são apresentadas ...	44
3.2 Aspecto lexical: as propriedades aspectuais inerentes aos itens lexicais	50
3.2.1 Propriedades semânticas aspectuais.....	50
3.2.2 Classes aspectuais	52
3.2.3 Composicionalidade aspectual.....	57
3.3 Codificação de traços aspectuais: a projeção aspectual na estrutura sintagmática...	61
3.4 O padrão da aquisição da morfologia flexional: um padrão subextensivo	65
4 AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM.....	70
4.1 Estágios de aquisição	71
4.2 As abordagens para o estudo da aquisição da linguagem: entre a dotação biológica e a experiência.....	72
4.2.1 Abordagens nativistas	75
4.2.1.1 VEPS	77
4.2.1.2 O modelo Hierárquico	78
4.2.1.3 O modelo Variacional	78
4.2.1.4 O modelo da Subespecificação	79
4.2.2 Abordagens emergentistas	80
4.2.2.1 Aprendizagem estatística.....	81
4.2.1.2 A teoria da aquisição baseada no uso.....	82
4.3 Em busca de uma abordagem minimalista para a aquisição da linguagem	84
5 METODOLOGIA.....	90
5.1 Procedimento metodológico.....	91
5.2 Seleção dos dados.....	91
5.3 Tratamento dos dados.....	93
6 DESCRIÇÃO DOS DADOS.....	95
6.1 Descrição dos dados das crianças investigadas	95

6.2 Descrição dos dados do estímulo linguístico	109
7 AVALIAÇÃO DAS HIPÓTESES.....	115
7.1 Avaliação da Hipótese do Aspecto	116
7.2 Avaliação da hipótese de trabalho	119
8 CONSIDRAÇÕES FINAIS	127
REFERÊNCIAS	133
APÊNDICE A – ASPECTO GRAMATICAL NOS DADOS DE ENY	138
APÊNDICE B – ASPECTO GRAMATICAL NOS DADOS DE JES.....	141
APÊNDICE C – ASPECTO LEXICAL NOS DADOS DE ENY	143
APÊNDICE D – ASPECTO LEXICAL NOS DADOS DE JES.....	145

1 INTRODUÇÃO

Ao considerar o contraste entre os resultados fornecidos pela análise linguística e as observações empíricas acerca das habilidades linguísticas das crianças, Chomsky (1980) fez uma cautelosa suposição que, desde então, tem sido utilizada nos estudos de base gerativa acerca da aquisição da linguagem como resposta para o problema do desenvolvimento linguístico. Referimo-nos à suposição pré-minimalista de que a linguagem deveria ser um sistema complexo, determinado pela dotação genética e autônomo em relação a outros domínios cognitivos. De fato, se examinarmos a literatura pré-minimalista em busca das características definidoras da Faculdade da Linguagem, a faculdade cognitiva que se dedica exclusivamente à linguagem, não teremos dificuldades para listar os seguintes atributos: inata, geneticamente determinada, complexa, autônoma e específica da espécie humana.

Todavia, Chomsky sempre foi cauteloso em suas suposições acerca da Faculdade da Linguagem, deixando claro que as propriedades a ela atribuídas derivavam da discrepância entre a experiência linguística disponível às crianças e o conhecimento linguístico alcançado por elas. Essa disparidade entre conhecimento e experiência foi capturada pelo argumento da pobreza de estímulos, segundo o qual apenas a experiência não poderia explicar a aquisição da linguagem. O cerne do problema levantado pelo argumento da pobreza de estímulos pode ser colocado na forma da seguinte pergunta: como a criança pode adquirir um intrincado sistema linguístico em um período de tempo relativamente curto e com base em experiência limitada? Dadas as condições de limite de tempo e experiência, muito do conhecimento linguístico deveria ir além do que o ambiente pode justificar. É nesse contexto que Chomsky apresentou suas suposições pré-minimalistas acerca da natureza da linguagem. Antes de postular uma Faculdade da Linguagem de tal e tal maneira, Chomsky (1980) fez a ressalva de que o argumento da pobreza de estímulos não lhe deixava outra alternativa razoável senão adotar semelhante postulação.

É justamente com base no argumento da pobreza de estímulos que muitos pesquisadores gerativistas da aquisição da linguagem assumem que o conhecimento linguístico é inato e ricamente estruturado. Isso explicaria o desenvolvimento linguístico similar por crianças de diferentes partes do globo terrestre, apesar de todas as limitações e variações das condições de aquisição. De um modo mais específico, o que esses pesquisadores assumem é que todas as línguas humanas compartilham um conjunto de princípios básicos e um conjunto fixo de opções de variação, os parâmetros, ambos dados biologicamente como parte da Gramática Universal, o estado inicial da Faculdade da Linguagem. Dessa forma, em razão da disparidade entre a

experiência disponível e o conhecimento alcançado, conforme apontou o argumento da pobreza de estímulos, a conclusão a que se chegou foi a de que somente uma Gramática Universal complexa poderia ser capaz de explicar a aquisição da linguagem.

Quando consideramos os desenvolvimentos recentes da Teoria Gerativa, logo surge a seguinte questão: a postulação de uma Gramática Universal complexa ainda pode ser sustentada? Para avaliarmos essa questão, vamos considerar um pressuposto básico do atual programa de investigação da Teoria Gerativa: o Programa Minimalista. Ora, mesmo uma análise superficial dos textos minimalistas de Chomsky, especialmente os que foram publicados nas duas últimas décadas, com destaque para Hauser *et al.* (2002), Fitch *et al.* (2005) e Chomsky (2005), já seria suficiente para mostrar que uma das principais suposições do Programa Minimalista é a de que os princípios da Gramática Universal não têm a complexidade que eles pareciam ter, de modo que é possível identificar muitas das propriedades da linguagem em outros domínios da cognição humana e até mesmo em outras espécies. Dessa forma, a aparente complexidade da Gramática Universal, alega Chomsky (2008), parece decorrer da atuação de princípios gerais que se relacionam com a cognição geral ou com o mundo natural como um todo a uma pequena mudança ocorrida no cérebro relativa à enumeração recursiva. Portanto, a suposição de que o estado inicial da Faculdade da Linguagem é ricamente estruturado não se sustenta numa perspectiva minimalista.

Uma vez que o Programa Minimalista propõe uma redução substancial da complexidade da Gramática Universal, resta-nos refletir sobre o modo como o problema da aquisição da linguagem deve ser abordado nessa perspectiva: quais seriam os fundamentos de uma abordagem minimalista para a aquisição da linguagem? De certo modo, tais fundamentos encontram-se estabelecidos em Chomsky (2005), em que encontramos a sugestão de que o desenvolvimento da linguagem no indivíduo é determinado pela interação entre três fatores: dotação genética, experiência e princípios gerais não específicos da Faculdade da Linguagem. É no terceiro fator que podemos localizar propriedades relativas a outros domínios da cognição humana além da linguagem. Nesse contexto, um ponto relevante para a aquisição da linguagem é o que se segue: se não temos muito o que dizer acerca do componente genético da Faculdade da Linguagem, no sentido de que ele compreende apenas uma pequena mudança ocorrida no cérebro relativa à enumeração recursiva, o lugar onde devemos buscar explicações para o problema da aquisição é na interação entre a linguagem e outras faculdades cognitivas.

Entre as propostas para a aquisição da linguagem que consideram aspectos do terceiro fator estão os trabalhos de Yang (2004) e Roberts e Holmberg (2010), os quais assumem respectivamente a utilização de mecanismos estatísticos e o envolvimento da eficiência

computacional para a realização de tarefas pertinentes à fixação paramétrica. Contudo, tanto Yang (2004) quanto Roberts e Holmberg (2010) ainda parecem manter uma caracterização da Gramática Universal em termos de um conjunto de princípios e parâmetros, restando aos mecanismos do terceiro fator a função de auxiliar as crianças a fixarem os parâmetros. Certamente, isso não diminui em nada a importância dos trabalhos em questão: Yang (2004) e Roberts e Holmberg (2010) foram os primeiros estudiosos que, de fato, forneceram exemplos a respeito da forma como os três fatores podem interagir para determinar o desenvolvimento da linguagem.

A consideração de mecanismos relativos ao terceiro fator no estudo da aquisição da linguagem tem a vantagem de restringir a quantidade de informação genética no estado inicial, o que tornaria as propostas para a aquisição mais alinhadas ao objetivo minimalista de reduzir a aparente complexidade da Gramática Universal. É nessa perspectiva que propomos o estudo sobre o padrão subextensivo da aquisição da morfologia flexional que aqui se delinea.

O objetivo deste trabalho é verificar se o referido padrão decorre da interferência de traços semânticos na identificação de traços formais ou da capacidade das crianças para detectar regularidades no estímulo linguístico. Documentado em diversas pesquisas sobre a aquisição da morfologia flexional, o padrão em causa está relacionado à tendência que as crianças em fase inicial de aquisição da linguagem apresentam de limitar certas marcas aspecto-temporais a verbos que apresentam propriedades aspectuais semânticas específicas. Por exemplo, os verbos que descrevem situações atéticas, isto é, situações que não especificam um ponto final, como *correr*, *nadar*, *gostar*, *saber*, parecem favorecer o uso do presente do indicativo. Já aqueles que descrevem situações télicas, ou seja, situações que precisam atingir um ponto final para que se possa dizer que elas ocorreram, como *pintar um quadro*, *construir uma casa*, *chegar ao cume*, *ganhar uma corrida*, parecem favorecer o uso do pretérito perfeito do indicativo.

Tendo por base a formulação minimalista dos três fatores para o desenvolvimento da linguagem (CHOMSKY, 2005), a qual pressupõe interação entre dotação genética, experiência e propriedades pertinentes a faculdades cognitivas de domínio geral, a hipótese que formulamos para explicar o padrão subextensivo da aquisição da morfologia flexional foi a de que ele decorre da utilização de mecanismos do terceiro fator de natureza estatística. Essa hipótese contrasta com a hipótese dominante, conhecida como Hipótese do Aspecto¹, segundo a qual os traços aspectuais semânticos inerentes às raízes verbais influenciam fortemente a aquisição do aspecto gramatical (LI; SHIRAI, 2000).

¹ A Hipótese do Aspecto também é conhecida como Hipótese da Primazia do Aspecto (ROBISON, 1990), Hipótese do Tempo Defectivo (ANDERSEN 1991) e Hipótese do Aspecto Lexical (ROHDE 2009 [1996]).

Para a avaliação dessas hipóteses, analisamos dados de produção verbal espontânea de duas crianças entre um ano e seis meses e dois anos e quatro meses, bem como os dados relativos ao *input* linguístico² que cada uma delas recebeu, com base nas subcategorias de aspecto gramatical perfectivo e imperfectivo e nas subcategorias de aspecto semântico estado, atividade, *accomplishment* e *achievement*. Se nossa hipótese de trabalho estiver correta, isto é, se o padrão subextensivo for resultado da utilização de procedimentos de natureza estatística, os dados das crianças refletirão os padrões exibidos pelos dados do *input* linguístico. Por outro lado, se a hipótese dominante estiver correta, isto é, se o padrão subextensivo for resultado da interferência de traços aspectuais semânticos inerentes às raízes verbais na aquisição do aspecto gramatical, a marca aspectual de um determinado verbo deverá estar diretamente relacionada aos traços aspectuais inerentes a esse verbo.

A consideração de mecanismos do terceiro fator de natureza estatística nos estudos da aquisição da linguagem poderá ter implicações tanto teóricas quanto empíricas para pesquisas futuras. No plano teórico, as abordagens para o estudo da aquisição da linguagem se tornariam mais alinhadas ao objetivo minimalista de reduzir a aparente complexidade da Gramática Universal. Já no plano empírico, na ausência de um conjunto de princípios e parâmetros especificados geneticamente, os fenômenos linguísticos supostamente unificados por um determinado princípio deveriam surgir conforme sua distribuição no estímulo linguístico, e não de uma vez.

Desenvolvemos as questões pertinentes a esta tese em oito capítulos, incluindo esta introdução. No capítulo 2, além de apresentarmos os pressupostos básicos nos quais se assenta a Teoria Gerativa, discutimos o modo como as propostas para o tratamento da projeção de categorias sintáticas se desenvolveram a partir de um sistema de regras de estrutura sintagmática para um sistema de princípios relacionados à derivação das sentenças. No capítulo 3, nosso foco incide sobre a categoria com a qual trabalhamos nesta tese: a categoria aspecto. Dentre outras ações, diferenciamos o aspecto de outra categoria associada à interpretação temporal das sentenças (tempo), tratamos da distinção entre o aspecto gramatical e o aspecto lexical e refletimos sobre o padrão subextensivo da aquisição da morfologia flexional. No capítulo 4, voltamo-nos para o problema da aquisição da linguagem. Consideramos aí os estágios de aquisição pelos quais as crianças passam, as abordagens teóricas que buscam explicar como o conhecimento linguístico se desenvolve e os fundamentos de uma abordagem

² Os dados do *input* linguístico dizem respeito ao estímulo linguístico que as crianças receberam, isto é, a fala dirigida às crianças durante as gravações. Nos dois casos analisados, esses dados correspondem aos dados de fala das mães das crianças.

minimalista para a aquisição da linguagem. No capítulo 5, apresentamos as informações concernentes à metodologia utilizada nesta tese, as quais compreendem esclarecimentos sobre o procedimento metodológico empregado e sobre a seleção e o tratamento dos dados. No capítulo 6, ocupamo-nos da descrição dos dados das crianças investigadas e dos dados relativos ao estímulo linguístico. No capítulo 7, avaliamos as duas hipóteses propostas para explicar o fenômeno com o qual lidamos nesta tese. Por fim, concluímos este texto com as considerações finais acerca dos resultados alcançados.

Em suma, ao avaliar a hipótese de que o padrão subextensivo da aquisição da morfologia flexional decorre da utilização de mecanismos do terceiro fator, esta tese explora os fundamentos de uma abordagem minimalista para a aquisição da linguagem. Ao contrário do que muitas pesquisas parecem sugerir, o estudo da aquisição da linguagem a partir de uma perspectiva minimalista não parece suportar a ideia de que as crianças nascem com um conhecimento linguístico ricamente estruturado. É provável que a consideração de aspectos do terceiro fator no estudo da aquisição da linguagem, como é o caso de procedimentos de natureza estatística, possa contribuir para a elaboração de explicações mais satisfatórias para o desenvolvimento linguístico. Em todo caso, tal atitude poderia pelo menos tornar as abordagens gerativistas para a aquisição mais adequadas aos pressupostos atuais da Teoria Gerativa.

2 TEORIA GERATIVA

Os seres humanos são capazes de produzir um número infinito de sentenças novas a partir da combinação de elementos de um conjunto finito e de perceber e articular os sons da fala de modo que tenham significado, em situações concretas de comunicação. Tal capacidade está associada ao que se conhece por *infinitude discreta*, ou por *aspecto criativo da linguagem*, ou por qualquer outra terminologia capaz de evidenciar o poder expressivo ilimitado da linguagem. Interessado nessa notável habilidade humana, que, aliás, já havia chamado a atenção dos gramáticos de Port Royal e dos filósofos cartesianos no século XVII, Chomsky (1985 [1957]) iniciou um empreendimento que influenciou profundamente o pensamento linguístico. Tal empreendimento diz respeito à Teoria Gerativa.

Os sucessivos impulsos que a Teoria Gerativa tem recebido ao longo dos anos, o que pode ser exemplificado por meio da conhecida periodização em Teoria Transformacional Inicial, Teoria Padrão, Teoria Padrão Estendida, Teoria da Regência e Ligação e Programa Minimalista, mostram que o empreendimento gerativo se encontra em pleno desenvolvimento. Essa sucessão de estímulos também indica que muitos dos problemas com os quais a Teoria Gerativa lida ainda precisam ser solucionados. E não poderia ser diferente: os problemas científicos não apenas são motivados por questões empíricas ou teóricas que inevitavelmente surgem no curso do desenvolvimento de qualquer teoria, como também costumam levar a novos tipos de problemas. Daí os constantes movimentos que ocorrem no interior da Teoria Gerativa.

Neste capítulo, discutimos justamente questões relativas ao desenvolvimento da Teoria Gerativa. Nosso propósito é apresentar seus pressupostos teóricos básicos e refletir sobre a maneira como o entendimento acerca da projeção da informação lexical avançou conforme o empreendimento gerativo foi progredindo. Uma compreensão mais ampla acerca dos desenvolvimentos teóricos relativos à projeção da informação lexical é fundamental para a realização deste trabalho não apenas porque lidamos com a projeção de propriedades lexicais associadas a uma categoria funcional, mas também porque tais desenvolvimentos servem de base para os capítulos subsequentes.

Este capítulo foi dividido em 6 seções. Na seção 2.1, apresentamos alguns conceitos básicos que foram desenvolvidos no quadro da Teoria Gerativa, com destaque para a Faculdade da Linguagem e a Gramática Universal. Na seção 2.2, introduzimos uma ideia central nos estudos em sintaxe gerativa: a de que as estruturas sintáticas são projeções de seus itens lexicais. Na seção 2.3, mostramos que a formalização inicial acerca da estrutura sintática envolvia um sistema de regras de estrutura sintagmática no qual estava incluído o léxico. Na seção 2.4,

focalizamos dois desenvolvimentos teóricos que possibilitaram um tratamento mais adequado da estrutura sintática, a saber, a Teoria X-barr e a proposta de traços distintivos. Na seção 2.5, tratamos da maneira como a atuação de um conjunto de princípios garante a projeção das propriedades do léxico para níveis hierárquicos superiores. Finalmente, na seção 2.6, abordamos o entendimento minimalista de que, no decorrer da derivação de estruturas sintáticas, cabe à sintaxe apenas (re)arranjar itens lexicais.

2.1 Alguns pressupostos teóricos básicos: Faculdade da Linguagem e Gramática Universal

O problema central com o qual a Teoria Gerativa lida desde o seu surgimento pode ser formulado a partir da seguinte questão: que tipo de capacidade permite o conhecimento da linguagem? Como existem diversos conceitos implicados na formulação dessa pergunta, nossa primeira tarefa consiste na explicitação de alguns deles.

Quando falamos em uma capacidade para a linguagem, estamos nos referindo à Faculdade da Linguagem (FL). Uma das suposições formuladas no âmbito da Teoria Gerativa é a de que a mente humana compreende certas faculdades, uma das quais é a que se dedica exclusivamente à linguagem, a FL. Nessa perspectiva, a Teoria Gerativa assume uma abordagem naturalista³ da linguagem como um órgão mental do cérebro (CHOMSKY 2000a). Essa abordagem está ancorada no pressuposto de que a mente humana faz parte do mundo natural e, como tal, deve ser estudada como qualquer outro aspecto da natureza.

De posse da FL, os seres humanos são capazes de realizar uma série de tarefas para alcançar o conhecimento de sua língua. Esse conhecimento que todo falante possui sobre a sua língua, antes chamado de competência, agora é geralmente denominado Língua-I⁴, isto é, língua internalizada (CHOMSKY 2000a). A competência contrasta com o desempenho, que diz respeito ao uso concreto que o falante faz de sua língua nas mais variadas situações de interação. Como a pergunta colocada no início desta seção deixa transparecer, a Teoria Gerativa se dedica ao estudo do conhecimento linguístico, e não do seu uso.

Com base nesses conceitos, já podemos tecer alguns comentários sobre o modo como a Teoria Gerativa procurou solucionar o problema de descrever e explicar o conhecimento

³ [...] a “naturalistic approach” to the mind investigates mental aspects of the world as we do any others, seeking to construct intelligible explanatory theories, with the hope of eventual integration with the “core” natural sciences (CHOMSKY, 2000a, p. 76).

⁴ His work over the past half century has opened up the study of our “competence” (to use the term now replaced by “I-language”), but how we put that competence to use in our performance is still largely a closed book, perhaps a mystery (CHOMSKY, 2000a, p. ix).

linguístico. Como veremos na seção 2.3, as abordagens gerativas iniciais trataram esse problema em termos de um conjunto específico de regras. Alcançar o conhecimento linguístico significava, nessa perspectiva, dominar um conjunto de regras – uma gramática – a partir do qual as sentenças pudessem ser derivadas.

Caso uma teoria permitisse a formulação de uma gramática que pudesse ser aplicada à descrição das sentenças de uma determinada língua, ela teria atingido a adequação descritiva. Como dois ou mais conjuntos de regras podiam ser compatíveis com uma mesma estrutura, a noção de medida de avaliação foi introduzida como uma forma de relacionar gramáticas específicas à teoria geral da estrutura linguística. Nesse caso, se uma teoria dispusesse de um procedimento de busca para escolher, entre um vasto número de gramáticas diferentes, uma delas com base em sua medida de avaliação, essa teoria teria atingido a adequação explicativa.

Durante as décadas de 1970 e 1980, muitos esforços foram empreendidos com a finalidade de atingir a adequação explicativa. Tais esforços desencadearam uma notável mudança no interior da Teoria Gerativa, que partiu de uma abordagem do conhecimento linguístico baseada em um conjunto específico de regras em direção a uma abordagem baseada em princípios. Essa mudança culminou, em Chomsky (1988 [1981]), com a abordagem de Princípios e Parâmetros.

Tal como formulada em Chomsky (1988 [1981]), a abordagem de Princípios e Parâmetros postula uma Gramática Universal (GU) como o estado inicial da FL. Nessa perspectiva, a GU seria composta por um conjunto de princípios invariantes entre as línguas e um conjunto de parâmetros fixados com base nos dados linguísticos. Uma vez que os parâmetros fornecem opções limitadas para a variação entre as línguas, aspectos importantes da variação linguística seriam dados biologicamente, como parte do componente genético da linguagem.

Embora a abordagem de Princípios e Parâmetros tenha o mérito de sugerir maneiras para reduzir a tensão entre a adequação descritiva e a adequação explicativa, sua importância é medida em função das contribuições que teve para o surgimento do Programa Minimalista (PM). De acordo com Chomsky (2004a), os conhecimentos proporcionados pela abordagem de Princípios e Parâmetros possibilitaram a definição de novas metas de pesquisa com potencial para atingir um nível de explicação mais profundo⁵ do que a adequação explicativa, no sentido de responder não apenas quais são as propriedades da linguagem, mas também por que elas são da forma que são. Nas próximas seções, discorreremos sobre os desenvolvimentos da Teoria

⁵ In principle, then, we can seek a level of explanation deeper than explanatory adequacy, asking not only what the properties of language are but also why they are that way (CHOMSKY, 2004a, p. 105).

Gerativa que conduziram ao PM, começando, na seção 2.2, com uma ideia central que perpassa todo o empreendimento gerativo. Falamos aqui da ideia de que as estruturas sintáticas são projeções de seus itens lexicais constituintes.

2.2 Projeção e categorias sintáticas: as estruturas sintáticas como projeções da informação lexical

Uma das propriedades fundamentais da linguagem humana é a sua organização hierárquica. O que isso significa é que uma expressão linguística como (1a) não é uma simples sequência linear de itens lexicais (1b), mas uma estrutura hierárquica de constituintes (1c) conhecida como estrutura de constituintes ou estrutura sintagmática.

- (1) a. os livros de Chomsky
- b. [os] [livros] [de] [Chomsky]
- c. [os [livros [de [Chomsky]]]]

Em (1c), o nome *Chomsky* combina-se com a preposição *de* para formar o constituinte complexo [de Chomsky]. Uma vez formado, o constituinte [de Chomsky] combina-se com o nome *livros*, formando o novo constituinte complexo [livros de Chomsky]. Por fim, o constituinte [livros de Chomsky] combina-se com o artigo *os* para formar o mais novo constituinte complexo [os livros de Chomsky].

Uma evidência de que expressões linguísticas são estruturas hierárquicas vem do próprio comportamento dos constituintes: constituintes comportam-se como uma unidade. Por exemplo, na sentença *Ele leu os livros de Chomsky*, podemos confirmar que *os livros de Chomsky* é um constituinte, e não apenas uma sequência linear de palavras, na medida em que o composto *os livros de Chomsky* pode ser pronominalizado (*Ele os leu*), questionado e deslocado (*O que ele leu?*) ou clivado (*Foram os livros de Chomsky que ele leu*). Em todos os casos, o constituinte *os livros de Chomsky* comporta-se como uma unidade sintagmática.

Um entendimento importante a que se chegou acerca da estrutura de constituintes é que uma unidade sintagmática é endocêntrica. O que isso quer dizer é que uma unidade sintagmática é organizada em torno de um item lexical central, isto é, de um núcleo que determina a natureza categorial de todo o composto. Em (1), por exemplo, a unidade sintagmática [livros de Chomsky] possui a propriedade categorial *nome*, já que é projetada a partir do nome *livro*.

A ideia de que as estruturas sintáticas são projeções de seus itens lexicais constituintes é central nos estudos em sintaxe gerativa. Como mostraremos mais adiante (seções 2.5 e 2.6), ela foi declarada explicitamente no Princípio da Projeção, mantendo-se nos desenvolvimentos posteriores da Teoria Gerativa sob a Condição de Inclusividade, segundo a qual estruturas sintáticas não são nada além do que (re)arranjos da informação lexical.

Se as estruturas sintáticas são projeções ou (re)arranjos da informação lexical, resta saber de que tipo são os itens lexicais envolvidos na construção das sentenças. Uma distinção clássica nos estudos linguísticos é a que se dá entre categorias lexicais e categorias funcionais. Conforme Radford (2004), as categorias lexicais, também conhecidas como palavras de conteúdo, são frequentemente caracterizadas como sendo aqueles itens lexicais que têm um conteúdo semântico relativamente específico, isto é, que possuem valor referencial e, como tal, carregam o significado básico de uma expressão linguística. Elas são abertas, ou seja, passíveis de criação de novas unidades, e existem em grande número. São categorias lexicais os nomes (N), os verbos (V), os adjetivos (A) e as preposições (P).

Por outro lado, as categorias funcionais possuem significado mais abstrato, carregam informação puramente gramatical, são fechadas e existem em número limitado. De acordo com Radford (2004), o significado abstrato do léxico funcional compreende propriedades como gênero, número, pessoa e tempo. São categorias funcionais os determinantes (D), que delimitam informações gramaticais de um nome, os complementizadores (C), que marcam a força ilocucionária da sentença que introduzem, e o tempo (T), que confere forma finita a uma sentença. Neste trabalho, incluímos a categoria aspecto (Asp) no inventário das categorias funcionais. Como veremos no capítulo 3, especificamente na seção 3.3, parece incontroverso que, além das projeções que expressam informação temporal (sintagma temporal – ST) e força ilocucionária (sintagma complementizador – SC), V também é dominado por uma projeção que expressa informação aspectual (sintagma aspectual – SAsp).

As categorias funcionais são de fundamental relevância para a aquisição da linguagem. Uma vez que informações gramaticalmente relevantes são expressas em termos de propriedades distributivas das categorias funcionais e, conseqüentemente, das categorias lexicais a elas associadas, o que as crianças precisam fazer para adquirir a gramática de sua língua é detectar essas propriedades distributivas das categorias funcionais e atribuir sentido aos padrões detectados.

Ao longo dos desenvolvimentos da Teoria Gerativa, diferentes revisões técnicas concernentes à projeção de categorias sintáticas foram propostas. Na sequência, observamos

que essas reformulações partiram de um sistema de regras de estrutura sintagmática em direção a um sistema de princípios relacionados à derivação das sentenças.

2.3 A projeção sintática nas abordagens gerativas iniciais: uma proposta baseada em regras de estrutura sintagmática

Em *Syntactic structures*, obra publicada originalmente em 1957, Chomsky lançou uma pergunta de tamanha repercussão para a época que o próprio nome da Teoria Gerativa veio de um dos termos utilizados em sua formulação: o verbo *gerar*. Reportamo-nos à passagem em que Chomsky (1985 [1957]) faz a seguinte indagação⁶: que tipo de mecanismo (gramática) seria capaz de gerar todas e apenas as estruturas que são sentenças (sequências gramaticais) em uma determinada língua? Ao assumir o modelo transformacional como sendo o mais adequado para responder a essa questão, Chomsky (1985 [1957])⁷ iniciou o empreendimento gerativo, cuja primeira formulação ficou conhecida como Teoria Transformacional Inicial.

Na Teoria Transformacional Inicial, a estrutura sintagmática é definida por um conjunto finito Σ de sequências iniciais e um conjunto F de regras de reescrita $X \rightarrow Y$ interpretadas como uma instrução que manda converter a sequência X na sequência Y . Nesse caso, a formação de uma sentença se dá a partir de um conjunto de regras como o de (2), que extraímos de Chomsky (1985 [1957], p. 26), responsável por expandir ou desenvolver a sentença (S) em dois constituintes, os quais também são desenvolvidos, e assim sucessivamente até que não existam mais símbolos que possam ser reescritos.

(2) Regras Sintagmáticas

Regra 1: $S \rightarrow SN + SV$

Regra 2: $SN \rightarrow \text{Art} + N$

Regra 3: $SV \rightarrow V + SN$

Regra 4: $\text{Art} \rightarrow \text{o, a}$

Regra 5: $N \rightarrow \text{homem, bola}$

Regra 6: $V \rightarrow \text{chutou}$

⁶ We ask what sort of grammar is necessary to generate all the sequences of morphemes (or words) that constitute grammatical English sentences, and only these (CHOMSKY, 1985 [1957], p. 18).

⁷ Embora tenhamos enfatizado a obra *Syntactic structures*, *The logical structure of linguist theory*, texto datado de 1955 e publicado em 1975, também é considerado um texto inaugural da Teoria Gerativa.

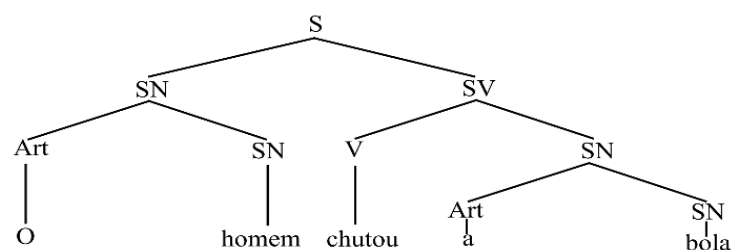
O conjunto das sequências geradas a partir da sequência inicial, sendo cada sequência o resultado da aplicação de uma regra de reescrita à sequência anterior, é conhecido como derivação. Se uma determinada sequência não puder mais ser reescrita pela aplicação de regras, diremos que ela é uma sequência terminal. O processo de derivação de uma sentença foi apresentado em Chomsky (1985 [1957], p. 27) conforme os procedimentos constantes em (3). A sentença que utilizamos para exemplificar o processo de derivação, *O homem chutou a bola*, é uma tradução da sentença utilizada por Chomsky (1985 [1957]), a saber, *The man hit the ball*.

(3) Derivação

- a) S
- b) SN + SV (Regra 1)
- c) Art + N + SV (Regra 2)
- d) Art + N + V + NP (Regra 3)
- e) O + N + V + NP (Regra 4)
- f) O + homem + V + NP (Regra 5)
- g) O + homem + chutou + NP (Regra 6)
- h) O + homem + chutou + Art + N (Regra 2)
- i) O + homem + chutou + a + N (Regra 4)
- j) O + homem + chutou + a + bola (Regra 5)

A representação de uma sequência terminal pode ser feita a partir de um indicador sintagmático, um dispositivo que permite codificar informações concernentes à estrutura e à classe dos constituintes. Sua finalidade consiste em mostrar, para cada segmento da cadeia terminal, se esse segmento compreende um constituinte ou não, e, em caso afirmativo, de que tipo é esse constituinte. O indicador sintagmático da sentença derivada em (3) é ilustrado na figura 1.

Figura 1 – Indicador sintagmático de uma sequência terminal



Fonte: Chomsky (1985 [1957], p. 27)

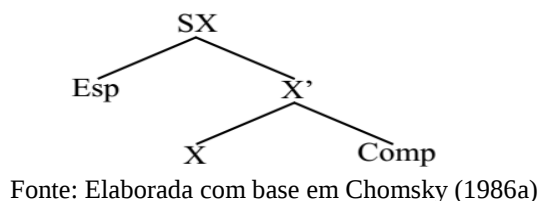
Como é possível constatar em (2), não há, na Teoria Transformacional, um léxico separado: as sequências terminais são introduzidas pelas regras sintagmáticas da mesma maneira que os símbolos não terminais. Mais tarde, com a publicação de *Aspects of the theory of syntax*, em 1965, obra que inaugurou a Teoria Padrão, a introdução do léxico teve o efeito de reduzir o alcance das regras sintagmáticas. Assim, a gramática deixou de conter as regras 4, 5 e 6 de (2), passando a incluir um grupo de regras de subcategorização – regras que introduzem símbolos complexos, sendo cada símbolo complexo uma coleção de traços sintáticos especificados – e um léxico⁸ – um conjunto de entradas lexicais, sendo cada entrada lexical um par (D, C), em que D é uma matriz de traços fonológicos distintivos e C é um símbolo complexo (CHOMSKY, 1965).

Uma vez que seu alcance foi reduzido com a Teoria Padrão, não demorou para que as regras sintagmáticas fossem eliminadas da Teoria Gerativa. Em Chomsky (1970), essas regras cederam ao desejo de capturar a endocentricidade das estruturas sintáticas, o que foi possível com o tratamento uniforme da estrutura sintagmática oferecido pela Teoria X-barras e pela proposta de traços distintivos, conforme discutimos na próxima seção.

2.4 Teoria X-barras e traços distintivos: uniformidade para a estrutura sintagmática

Na teoria X-barras, em que X é uma variável que toma seu valor dependendo da categoria que funciona como núcleo do sintagma, o núcleo X (a projeção mínima) determina as relações internas ao sintagma, que se estabelecem em dois níveis: o nível X' (a projeção intermediária) e o nível SX (projeção máxima). No nível X', o núcleo X estabelece relação com seu complemento (Comp). Já no nível SX, a relação existente é a que se estabelece entre o núcleo X mais seu complemento e o especificador (Esp). A representação da estrutura sintagmática conforme a Teoria X-barras geralmente é feita da seguinte forma:

Figura 2 – Representação da estrutura sintagmática conforme a Teoria X-barras



⁸ [...] the lexicon is a set of lexical entries, each lexical entry being a pair (D, C), where D is a phonological distinctive feature matrix "spelling" a certain lexical formative and C is a collection of specified syntactic features (a complex symbol) (CHOMSKY, 1965, p. 84).

Duas observações principais podem ser feitas acerca desse esquema. A primeira é que cada sintagma (SX) herda seu rótulo de categoria sintática de seu núcleo (X); e a segunda é que todos os sintagmas têm basicamente a mesma estrutura interna. É nesse sentido que dissemos anteriormente que os sintagmas são endocêntricos, isto é, eles são sempre projeções de seus núcleos.

Na formulação inicial da Teoria X-barra, os núcleos dos sintagmas eram exclusivamente os de natureza lexical, a saber, V, N, A e P. Nesse caso, as projeções máximas que podiam ser formadas eram o sintagma verbal (SV), o sintagma nominal (SN), o sintagma adjetival (SA) e o sintagma preposicional (SP). Quanto aos constituintes *sentença* (S) e *S-linha* (S'), S era reescrito conforme (4a), em que F significa flexão, e S' era reescrito conforme (4b), em que C significa complementizador e inclui constituintes deslocados para a periferia esquerda da sentença.

(4) Expansão dos constituintes S e S'

(a) $S \rightarrow SN + F + SV$

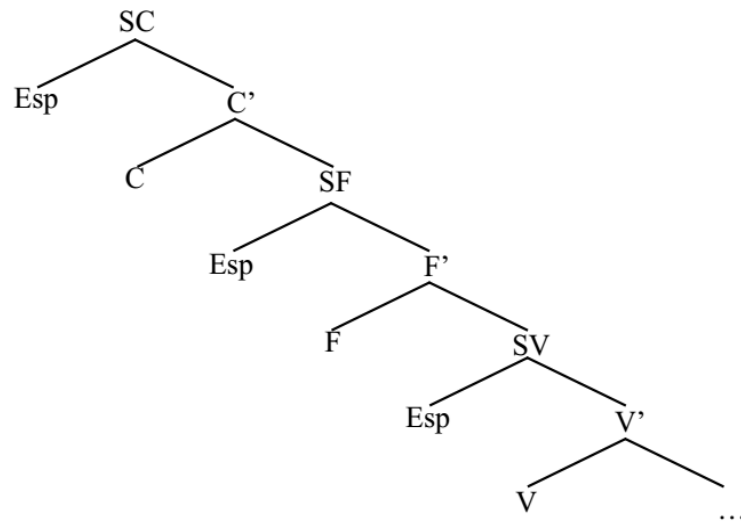
(b) $S' \rightarrow C + S$

Uma vez que os sintagmas S e S' não eram projeções de núcleos, a Teoria X-barra ainda não fornecia uma abordagem geral para todos os sintagmas. Um tratamento geral da estrutura sintagmática só foi alcançado uma década e meia mais tarde em Chomsky (1986a), embora importantes tentativas já tivessem sido feitas, como é o caso de Stowell (1981), que, no capítulo 6 de sua tese, sugeriu que S e S' fossem reanalisados como sintagma flexional (SF) e SC respectivamente.

A reconsideração de S e S' abriu caminho para uma importante generalização. Com a formulação de uma estrutura geral para a Teoria X-barra, como a que propôs Chomsky (1986a), os sintagmas passaram a incluir núcleos de natureza funcional. Dessa maneira, a sentença foi dividida em uma camada lexical (SV) e uma camada funcional (SF e SC), sendo a última a projeção estendida da primeira. O esquema geral da estrutura sintagmática conforme a Teoria X-barra apresenta a configuração dada na figura 3. Ressalvamos, contudo, que algumas categorias funcionais que ganharam *status* na árvore sintática após o influente trabalho de Pollock (1989)⁹ foram omitidas em razão do propósito geral desta seção de discutir a estrutura sintagmática conforme a Teoria X-barra.

⁹ Ao analisar a colocação de partículas de negação e de advérbios relativamente aos verbos finitos no francês, Pollock (1989) propôs a cisão de SF em ST e sintagma de concordância (SAgr).

Figura 3 – Esquema geral da estrutura sintagmática conforme a Teoria X-barra



Fonte: Elaborada com base em Chomsky (1986a)

Embora tenhamos, até o momento, tratado as categorias sintáticas como um todo inanalísável, Chomsky (1970) associou a Teoria X-barra à proposta de que as quatro categorias lexicais básicas (N, V, A e P) constituem um complexo de traços distintivos. De acordo com o autor, as categorias lexicais são definidas a partir da combinação dos valores dos traços [N] e [V], o que gera as seguintes possibilidades:

- (5) a. N = [+N, -V]
- b. V = [-N, +V]
- c. A = [+N, +V]
- d. P = [-N, -V]

Uma vantagem do sistema de traços distintivos é que ele permite identificar classes naturais de categorias sintáticas que compartilham um certo comportamento gramatical, isto é, ele possibilita a expressão de semelhanças categoriais cruzadas entre categorias sintáticas distintas. Talvez a importância da incorporação dos traços distintivos na gramática gerativa fique mais evidente se pensarmos num problema que ocorre no nível da fonologia, conforme relatado por Chomsky (1965). Na fonologia, algumas regras podem aplicar-se a consoantes sonoras, como [b] e [z], mas não a surdas, como [p] e [s]; e outras regras podem aplicar-se a contínuas, como [s] e [z], mas não a oclusivas, como [p] e [b]. Dessa forma, se cada unidade

fonológica for considerada um conjunto de traços, uma determinada regra poderá aplicar-se a todos os segmentos que contenham um traço específico ou um conjunto de traços.

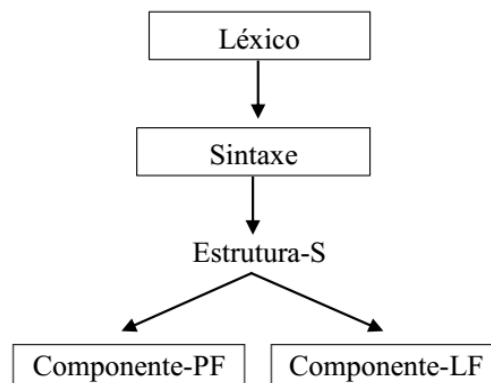
A análise das categorias lexicais em termos de um sistema de traços distintivos repercutiu amplamente nos estudos gerativistas. Foi um passo simples, a partir daí, estender o sistema de traços distintivos para as categorias funcionais. Além do mais, a proposta de traços distintivos está diretamente relacionada ao entendimento atual do PM de que as sentenças não são nada além do que (re)arranjos dos traços provenientes do léxico.

A Teoria X-barra e a proposta de traços distintivos tiveram grande prestígio durante o período de vigência da Teoria da Regência e Ligação. Implementada no início da década de 1980, a Teoria da Regência e Ligação declara explicitamente o Princípio da Projeção, o qual requer que as propriedades lexicais sejam representadas nos níveis sintáticos. Conforme mostraremos na próxima seção, no que diz respeito à projeção da informação lexical, a Teoria da Regência e Ligação representa uma significativa mudança em relação às abordagens gerativas iniciais: não são mais as regras de estrutura sintagmática que garantem a projeção, mas a atuação de um conjunto de princípios.

2.5 A projeção sintática na Teoria da Regência e Ligação: uma proposta baseada em princípios

O modelo conhecido como Teoria da Regência e Ligação, conforme representado na figura 4, foi apresentado em Chomsky (1988 [1981]), conservando-se como a versão dominante da abordagem de Princípios e Parâmetros durante toda a década de 1980.

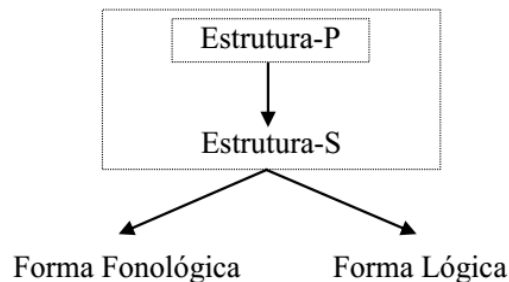
Figura 4 – Design do modelo da Teoria da Regência e Ligação



Fonte: Elaborada com base em Chomsky (1988 [1981], p. 17)

Como mostra a figura 4, a Teoria da Regência e Ligação incorpora um número de componentes distintos: o léxico (um repositório de itens e traços lexicais), a sintaxe (formada pelos subcomponentes categorial e transformacional), o componente-PF (do inglês *Phonological Form*, que significa Forma Fonológica) e o componente-LF (do inglês *Logical Form*, que significa Forma Lógica). A sintaxe é o componente responsável pela geração da Estrutura-S (estrutura superficial), a qual está associada à Estrutura-P (estrutura profunda) por meio de uma regra sintática conhecida como *Mova- α* , e às representações em PF e em LF por meio de um sistema de regras do componente-PF e do componente-LF. Em outras palavras, o léxico e o subcomponente categorial da sintaxe, cujas regras constituem uma variedade da Teoria X-barra, geram a Estrutura-P, que é mapeada para a Estrutura-S por meio do poderoso subcomponente transformacional da sintaxe *Mova- α* . Como é ilustrado na figura 5, podemos dizer que a Estrutura-P, a Estrutura-S, a Forma Lógica e a Forma Fonológica constituem os quatro níveis de representação da Teoria da Regência e Ligação.

Figura 5 – Níveis de representação da Teoria da Regência e Ligação



Fonte: Elaborada com base em Chomsky (1988 [1981])

Em princípio, a regra *Mova- α* permite que qualquer elemento sintático se mova para qualquer lugar na estrutura da sentença, o que pode gerar sequências agramaticais. Para impedir a geração de não sentenças, vários subsistemas de princípios aplicam-se aos níveis de representação, atuando como filtros e barrando, dessa forma, estruturas ilícitas. Evidentemente, o mais geral desses princípios é o Princípio da Projeção¹⁰, que determina que nenhuma informação codificada no léxico seja ignorada ou perdida durante o curso de uma derivação sintática, o que inclui informações categoriais e semânticas. Nessa formulação, o Princípio da Projeção considera tanto a propriedade da seleção categorial (c-seleção) quanto a propriedade da seleção semântica (s-seleção), já que cada representação sintática associada a uma dada

¹⁰ Representations at each syntactic level (i.e., LF, and D- and S-structure) are projected from the lexicon, in that they observe the subcategorization properties of lexical items (CHOMSKY 1988 [1981], p. 38).

expressão linguística deve representar informações lexicais relativas a categorias sintáticas e interpretações semânticas. A representação de informações do tipo semântico é regida pela Teoria θ .

A Teoria θ trata da atribuição de papéis θ (papéis temáticos), isto é, interpretações semânticas associadas a determinados itens, como agente (entidade que causa um evento), experienciador (entidade que experiencia um evento), tema (entidade objeto de um evento), paciente (entidade que sofre um evento), benefactivo (entidade beneficiada por um evento), locativo (entidade em que se situa um evento), entre outros. Além do Princípio da Projeção, que, conforme mencionamos anteriormente, determina que as representações em cada nível sintático sejam projetadas a partir do léxico, outro princípio que regula a atribuição de papéis θ é o chamado Critério θ ¹¹, assim formulado em Chomsky (1988 [1981]):

(6) Critério θ :

Cada cadeia recebe apenas um papel θ , e cada papel θ é atribuído a uma e apenas uma cadeia.

O que precisamos ter em mente para compreender o Critério θ é que determinados elementos podem ser produzidos em uma posição e interpretados semanticamente em outra. Nesse caso, o constituinte movido de sua posição de base deixa para trás um *trace*¹², formando uma cadeia. Dessa forma, é possível identificar o papel θ de um sintagma deslocado em virtude de ele estar conectado com a sua posição de origem. Com isso, acabamos de enunciar que as posições em que se dá a atribuição e o recebimento de papéis θ são aquelas em que os argumentos são gerados.

Os papéis θ são atribuídos dentro da projeção máxima de um núcleo X atribuidor, sendo X um núcleo de natureza lexical. Sabemos que, para projetar um sintagma SX, o núcleo X pode selecionar complemento e especificador. A organização hierárquica do sintagma revela que as relações estabelecidas em torno do núcleo, a saber, núcleo-complemento e núcleo-especificador, são assimétricas. Enquanto o complemento é selecionado imediatamente pela projeção mínima X, o especificador é selecionado de maneira menos imediata pela projeção

¹¹ Each argument bears one and only one θ -role, and each θ -role is assigned to one and only one argument (CHOMSKY, 1988 [1981], p. 36).

¹² Conforme a proposta de *trace*, quando um item se move, ele deixa para trás um elemento foneticamente nulo que possui as propriedades interpretativas do elemento movido. A motivação para tal proposta foi a constatação de que as lacunas decorrentes de movimentos geralmente apresentavam comportamentos semelhantes aos das posições lexicalmente preenchidas.

intermediária X'. O núcleo lexical capaz de selecionar itens para compor com ele o sintagma, estabelecendo restrições não apenas quanto à categoria sintática a que esse item deve pertencer (c-seleção), mas também quanto ao seu tipo semântico (s-seleção), é chamado de predador; enquanto o complemento e o especificador selecionados pelo predador são chamados respectivamente de argumento interno e argumento externo. Assim, a atribuição de papéis θ ocorre diretamente, quando o atribuidor é um núcleo lexical e o argumento que o recebe é o argumento interno, ou indiretamente, quando o atribuidor é a composição do núcleo e seu argumento interno e o argumento que o recebe é o argumento externo.

A Teoria θ mantém ligação estreita com a Teoria do Caso, o subsistema que trata da atribuição de caso (nominativo, acusativo e oblíquo) aos SDs. O princípio que regula esse processo é o Filtro de Caso¹³, que garante que todo SD foneticamente realizado tenha caso. O Filtro de Caso é formulado em Chomsky (1981 [1988]) da seguinte forma:

(7) Filtro de Caso

*[SD] se SD tem conteúdo fonético e não tem caso.

A relação entre a Teoria θ e a Teoria do Caso se dá na medida em que é a marcação de caso que estabelece as funções gramaticais de um SD e, com isso, permite o reconhecimento de seu papel θ . Por exemplo, se a flexão verbal marca um SD com caso nominativo, ele pode ser interpretado com papel θ de agente; se o verbo marca um SD com caso acusativo, ele pode ser interpretado com papel θ de tema; se uma preposição marca um SD com caso oblíquo, ele pode ser interpretado com papel temático de benefactivo, e assim por diante.

Nominativo, acusativo e oblíquo são justamente os casos pertinentes ao português. Como acabamos de mencionar, eles são atribuídos, nesta ordem, pelo núcleo funcional F ao especificador de SF, e pelos núcleos lexicais V e P aos seus respectivos complementos. Nessa perspectiva, embora a configuração de atribuição de caso Nominativo (relação Esp-núcleo) seja diferente daquela em que se dá a atribuição dos casos Acusativo e Oblíquo (relação núcleo-Comp), em qualquer das situações, o caso deve ser atribuído sob regência, o que nos remete ao subsistema de princípio denominado Teoria da Regência.

A Teoria da Regência trata da relação entre um núcleo sintagmático e as categorias dependentes dele. Para entender a relação de regência, outro tipo de relação precisa ser

¹³ *NP if NP has phonetic content and has no Case (CHOMSKY, 1988 [1981], p. 49).

explicitado: a relação conhecida como m-comando. A formulação da relação m-comando pressupõe a noção de dominância, conforme exposta em (8).

(8) Dominância

α domina β se e somente se existe uma sequência conexa entre um ou mais galhos entre α e β na árvore sintática e o percurso de α até β é unicamente descendente (MIOTO; SILVA; LOPES, 2013, p. 200).

(9) M-comando

α m-comanda β se e somente se: α não domina β ; e cada projeção máxima γ que domina α também domina β (MIOTO; SILVA; LOPES, 2013, p. 200).

A partir da relação de m-comando, a relação de regência¹⁴ pode ser formulada da seguinte forma:

(10) α governa β se e somente se: $\alpha = X^0$ (ou seja, α é um núcleo lexical N, A, V, P ou um núcleo funcional F); α m-comanda β e β não está protegido de α por uma projeção máxima. (MIOTO; SILVA; LOPES, 2013, p. 200).

Há ainda outros tipos de relações que podem ser propostas no âmbito da Teoria da Regência. A relação de c-comando, por exemplo, está relacionada ao subsistema que ficou conhecido como Teoria da Ligação¹⁵ e é fundamental para a compreensão do funcionamento do sistema computacional no PM. Apresentamos a relação de c-comando em (11) e discutimos seu impacto no PM na próxima seção.

(11) C-comando

α c-comanda β se e somente se: α não domina β ; β não domina α , e cada nó sintático que domina α também domina β (KENEDY, 2013 p. 274).

¹⁴ Em Chomsky (1988 [1981]), a relação de regência é formalizada nas páginas 163 e 165.

¹⁵ A Teoria da Ligação trata das relações entre anáforas, pronomes, e expressões referenciais e seus possíveis antecedentes. De acordo com a Teoria da Ligação, as anáforas, que dependem de um antecedente para fixar sua referência, devem ser ligadas em sua categoria de regência; os pronomes, que possuem relativa autonomia referencial, devem ser livres em sua categoria de regência; e as expressões referenciais, que não precisam de um antecedente com o qual se identificam referencialmente, devem ser livres. Em Chomsky (1988 [1981]), esses princípios de ligação são formalizados na página 188.

Nesta seção, mostramos que o modelo da Teoria da Regência e Ligação concebeu a projeção sintática em termos de um sistema de princípios. Dentre os princípios atuantes no modelo em questão, o Princípio da Projeção, que determina que as representações em cada nível sintático sejam projetadas a partir do léxico, garante que nenhuma informação codificada no léxico seja ignorada ou perdida. Dois desenvolvimentos posteriores contribuíram para um novo entendimento acerca da projeção da informação lexical. O primeiro, tratado em Chomsky (1986b, 1991), é o princípio da Interpretação Plena, que requer que tudo que estiver presente nos níveis de interface seja interpretável pelas interfaces. O segundo, proposto em Chomsky (1993), é a Condição de Inclusividade, que limita o poder da sintaxe a (re)arranjos de itens lexicais, proibindo-a de criar novos objetos. A seguir, discutimos a maneira como esses dois desenvolvimentos foram implementados no PM e a forma como eles contribuíram para a compreensão atual acerca da projeção da informação lexical.

2.6 O Programa Minimalista: a estrutura sintática como (re)arranjo de itens lexicais

O PM explora a possibilidade de que o conteúdo atribuído à GU seja uma maneira ótima de satisfazer às condições impostas à FL¹⁶ pelos sistemas cognitivos com os quais ela interage, isto é, o sistema conceitual-intencional e o sistema articulatório-perceptivo. Nessa perspectiva, os únicos níveis de representação necessários são aqueles que, de fato, servem a essas interações (PF e LF), cabendo à sintaxe gerá-los diretamente, de uma maneira ótima, o que proíbe etapas supérfluas em derivações e símbolos supérfluos em representações. Assim, os níveis que não estão diretamente relacionados às interfaces, isto é, aqueles inteiramente internos à sintaxe, como a estrutura-D e a estrutura-S (figura 5), devem ser eliminados.

O que estamos dizendo é que, numa perspectiva minimalista, o propósito da interação entre a FL e os sistemas cognitivos vizinhos é atender às exigências desses sistemas vizinhos, enquanto a maneira como esse propósito é alcançado é considerada ótima. As condições de interface¹⁷ compreendem o que se conhece por condições de legibilidade, que exigem que a FL apresente informações legíveis aos sistemas de desempenho. Quanto à suposição da

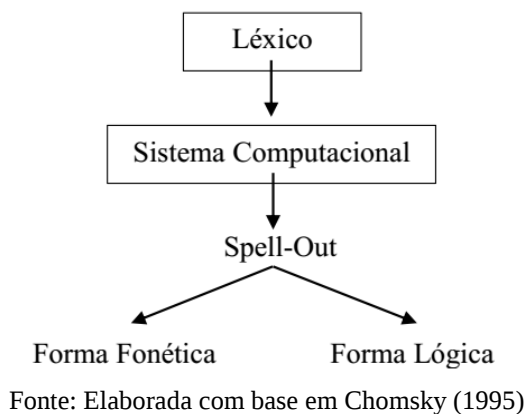
¹⁶ Uma discussão mais ampla acerca da FL é fornecida na seção 4.3 desta tese.

¹⁷ We have assumed two external systems: sensorimotor systems and systems of thought, each with its own characteristics independent of FL. The former can only use information presented in a specific form: with temporal order, prosodic and syllable structure, certain phonetic properties and relations. The systems of thought require information about units they can interpret and the relations among them: certain arrays of semantic features, event and quantificational structure, and so on. Insofar as we can discover the properties of these external systems (an empirical problem, however difficult), we can ask how well the language organ satisfies the design specifications they impose, providing legible representations at the interface levels. That is the minimal condition FL must satisfy to be usable at all (CHOMSKY, 2000b, p. 94).

computação ótima¹⁸, o sistema computacional é assim considerado na medida em que deve optar pela melhor solução para o problema de satisfazer os requisitos de legibilidade nas interfaces, não devendo, para isso, fornecer aparato além do necessário (CHOMSKY, 2000b).

Em suma, o que podemos esperar do sistema computacional é que ele entregue apenas informações interpretáveis às interfaces (Interpretação Plena) e que nenhum elemento novo seja introduzido em uma computação (Condição de Inclusividade). O *design* da linguagem nesses termos é representado na figura 6, em que as operações do sistema computacional (*Merge*, *Move* e *Agree*) são governadas por princípios como a interpretabilidade e a inclusividade:

Figura 6 – Design do Programa Minimalista



Conforme o modelo representado na figura 6, a linguagem consiste em um léxico e em um sistema computacional. O léxico é considerado um componente indispensável da FL. É ele que fornece os elementos básicos para a computação, ou seja, é o léxico que alimenta o sistema computacional. Cada item retirado do léxico para a construção da sentença é um compósito de traços semânticos, fonológicos e formais, sendo cada traço composto por um atributo (propriedades como tempo, pessoa, número, gênero e caso) e por um valor (passado, presente e futuro para tempo; primeira, segunda, terceira para pessoa; singular e plural para número; masculino, feminino e neutro para gênero; e nominativo, acusativo e oblíquo para caso).

Os traços podem ser interpretáveis ou não-interpretáveis nas interfaces. Os traços interpretáveis compreendem dois conjuntos óbvios: o conjunto dos traços fonéticos (associados à articulação e à percepção física de determinada palavra) e o conjunto dos traços semânticos (associados ao significado e ao valor referencial que as palavras assumem), os quais são legíveis em suas respectivas interfaces. Quanto aos traços formais, aqueles que orientam o sistema

¹⁸ [...] FL provides no machinery beyond what is needed to satisfy minimal requirements of legibility and that it functions in as simple a way as possible (CHOMSKY, 2000b, p. 112-113).

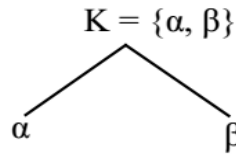
computacional a respeito das relações sintáticas que um determinado item lexical deve estabelecer com outros no interior de uma sentença, alguns deles são interpretáveis, enquanto outros são não-interpretáveis, isto é, são ilegíveis em qualquer das interfaces, embora necessários para realizar operações computacionais. Um exemplo de traços interpretáveis são os traços ϕ (pessoa, número e gênero) de nomes. Por outro lado, esses mesmos traços são considerados não-interpretáveis em verbos. Nessa perspectiva, a concordância verbal, por exemplo, teria função estritamente relacional, mas não semântica, tanto é que a construção *Eles já foi embora* não provoca alteração semântica quando comparada à construção *Eles já foram embora*.

Considerando, portanto, que é do léxico que o sistema computacional obtém todas as informações necessárias para disparar operações sintáticas, uma questão que se levanta é a que diz respeito ao problema da transição dos itens lexicais do primeiro componente para o segundo. Colocando esse problema na forma de uma pergunta, teremos o seguinte: o sistema computacional acessa todo o léxico para retirar daí um pequeno número de itens que devem compor uma sentença? Existem diferentes propostas na literatura que tratam do modo como os itens lexicais saem do léxico e entram no sistema computacional. Contudo, não precisamos nos dedicar a cada uma delas para responder à questão que acabamos de colocar. Para isso, basta dizer que a resposta é negativa, o que significa que, entre o léxico e o sistema Computacional, existe uma instância intermediária conhecida como numeração (Num): $\text{Num} = \{(n, l)\}$, onde l é um item lexical e n é o índice que indica o número de vezes que l será retirado do léxico. Dessa forma, o sistema computacional acessa apenas um subconjunto de itens lexicais necessários para alimentar a derivação.

Dada uma numeração de itens lexicais, o sistema computacional mapeia Num para um par de representações que compreende uma forma fonológica e uma forma lógica, cada uma legível na interface apropriada, caso em que dizemos que as representações são convergentes. Para que isso seja possível, um número de operações deve acontecer no interior do sistema computacional. A primeira delas é denominada *Select*, operação que retira um dado item da numeração e o introduz no espaço derivacional. Uma vez no espaço derivacional, os itens lexicais são concatenados por meio de outra operação conhecida como *Merge*.

Merge é a operação que combina dois objetos sintáticos para formar um objeto sintático complexo. A formação do objeto complexo K a partir da concatenação de α e β é exemplificada na figura 7, com a ressalva de que o diagrama arbóreo é meramente convencional, não tendo significado teórico numa perspectiva minimalista:

Figura 7 – Formação do objeto complexo K a partir da aplicação de *Merge* a α e β

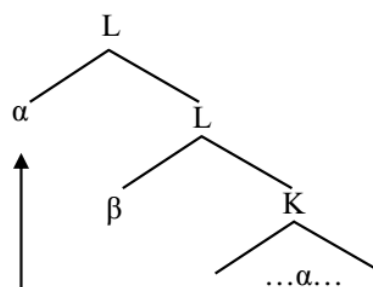


Fonte: Elaborada com base no capítulo 4 de Chomsky (1995)

De acordo com Chomsky (1995)¹⁹, o valor de K deve refletir o fato de que elementos verbais e nominais apresentam interpretações distintas em LF e comportamento distintos no componente fonológico. O que Chomsky sugere é que K deve incluir algum “rótulo” capaz de indicar sua categoria. Na teoria X-barra, esse rótulo era garantido a partir da projeção de um núcleo sintagmático; no entanto, a Condição de Inclusividade, conforme referida anteriormente, limitou o poder da sintaxe a (re)arranjos de itens lexicais, proibindo-a, dessa forma, de criar novos objetos. Chomsky (1995) acrescenta, então, que o rótulo K deve ser construído a partir dos dois constituintes α e β e que considerações lógicas o levam a concluir que o rótulo de K é ou α ou β , isto é, um ou outro projeta, constituindo-se como núcleo de K. Assim, o valor de *Merge* (α , β) é K, que, por sua vez, é $\{\alpha, \{\alpha, \beta\}\}$ ou $\{\beta, \{\alpha, \beta\}\}$.

Uma vez no espaço derivacional, um item pode ser deslocado de uma posição estrutural para outra. A operação que realiza esse deslocamento é chamada de *Move*. Um exemplo da atuação de *Move* é apresentado na figura 8, onde um constituinte α se move de uma posição interna de K para a posição de especificador de L:

Figura 8 – O movimento do constituinte α a partir da aplicação de *Move*



Fonte: Elaborada com base no capítulo 4 de Chomsky (1995)

Move é considerado uma operação composta, envolvendo *Merge* e *Agree*. Em virtude de sua natureza complexa, *Move* tem sido descrito como uma operação de último recurso.

¹⁹ [...] verbal and nominal elements are interpreted differently at LF and behave differently in the phonological component. K must therefore at least (and we assume at most) be of the form $\{\gamma, \{\alpha, \beta\}\}$, where γ identifies the type to which K belongs, indicating its relevant properties. Call γ the label of K (CHOMSKY, 1995, p. 223).

Conforme Chomsky (2000b)²⁰, as condições de *design* ótimo supõem que operações mais simples sejam escolhidas no lugar de operações mais complexas, o que significa que *Merge* ou *Agree* (ou a combinação dos dois) precedem *Move*, o último recurso, escolhido apenas quando nada mais é possível.

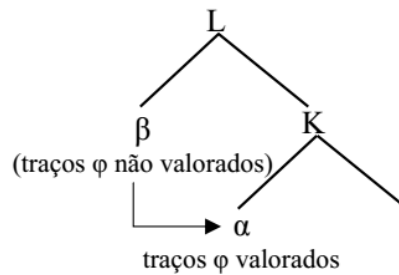
No entanto, mais adiante, Chomsky fornece um argumento de que *Move*, enquanto uma operação que expressa a propriedade de deslocamento das línguas naturais, é motivado por condições de interface e que o mecanismo que permite seu funcionamento são os traços não-interpretáveis. Assim, alçado ao mesmo status de *Merge*, *Move* e *Merge* passam a ser vistos como dois lados da mesma moeda: o primeiro concatena α a β internamente a β (Merge Interno), e o último concatena α a β externamente a β (Merge Externo).

As operações que ocorrem no Sistema Computacional são impulsionadas, em grande parte, pela valoração de traços. Como mostramos anteriormente, os itens lexicais entram na computação como conjuntos de traços. Sob a suposição de que traços não valorados são ilegítimos nas interfaces, já que a interface precisa conhecer o valor de um traço para interpretá-lo, apenas os traços interpretáveis valorados são legíveis. Dessa forma, traços não-interpretáveis precisam ser eliminados antes de atingir a interface. Para que isso aconteça, os traços não-interpretáveis também precisam ser valorados (CHOMSKY, 2001). A operação que garante a valoração de traços é denominada *Agree*.

Agree é uma relação assimétrica entre uma "sonda" e seu "alvo". Em algum ponto de uma dada derivação, um núcleo funcional serve como uma "sonda" que inicia uma busca por um "alvo" correspondente dentro de seu domínio de c-comando. Enquanto a sonda entra na derivação com traços não valorados, o alvo já entra na derivação com seus traços valorados. *Agree* aplica-se ao par sonda/alvo segundo uma noção abstrata de identidade de traços- ϕ , de modo que os valores dos traços- ϕ do alvo são copiados para a sonda. Se o traço valorado for um traço não-interpretável, o que significa que a interface de LF não pode lidar com ele, ele será excluído; se for interpretável, permanecerá na estrutura. O processo de valoração de traços é exemplificado na figura 9.

²⁰ Plainly *Move* is more complex than its subcomponents *Merge* and *Agree*, or even the combination of the two, since it involves the extra step of determining P(F) (generalized "pied-piping"). Good design conditions would lead us to expect that simpler operations are preferred to more complex ones, so that *Merge* or *Agree* (or their combination) preempts *Move*, which is a "last resort," chosen when nothing else is possible. Preference for *Agree* over *Move* yields much of the empirical basis for Procrastinate and has other consequences, as do the other preferences (CHOMSKY, 2000b, p. 101-102).

Figura 9 – Valoração dos traços ϕ de β a partir da aplicação de *Agree*



Fonte: Elaborada com base no capítulo 4 de Chomsky (1995)

Na figura 9, o núcleo funcional β é uma sonda e α é o seu alvo. Como β possui traços ϕ não valorados e α já tem esses traços valorados, a operação *Agree* se aplica ao par β/α e, dessa forma, os traços- ϕ de α são copiados para β .

Ao término de uma derivação, a estrutura sintática aí formada é dividida em duas partes e enviada para os componentes de interface para interpretação fonológica e semântica. O procedimento que realiza essa divisão é conhecido como *Spell-out*. Em trabalho desenvolvido após 1995, Chomsky (2001) explora a possibilidade de que *Spell-out* possa ser aplicado várias vezes, o que chamou de *Spell-out* múltiplo. Assim, quando a derivação atinge certo ponto, isto é, ao final de uma determinada fase, a estrutura sintática aí formada é encapsulada e enviada para os componentes de interface. Dessa forma, embora ainda existam os componentes PF e LF, não há níveis sintáticos de representação PF e LF. Isso leva a uma natureza radicalmente derivacional da computação, em que as interfaces acessam a computação sintática sem a mediação dos níveis de representação.

Neste capítulo apresentamos as propostas para o tratamento da projeção da informação lexical na estrutura sintática conforme foram desenvolvidas na literatura gerativista. Nosso intuito foi apresentar uma visão mais abrangente da teoria que embasa esta tese e, ao mesmo tempo, prover um contexto para os capítulos seguintes. Como veremos nos próximos capítulos, os avanços no estudo da projeção da informação lexical possibilitaram avanços correspondentes na compreensão do desenvolvimento da linguagem e na descrição da codificação morfossintática dos traços relacionados ao significado temporal. No primeiro caso, não se espera mais que as crianças acumulem um conjunto de regras individuais de sua língua, mas que identifiquem propriedades dos traços formais de elementos funcionais. Já no segundo caso, chegou-se a uma explicação consensual acerca do problema da flexão temporal em termos de valoração dos traços de categorias funcionais associadas à interpretação temporal das sentenças.

Considerando o funcionamento do sistema computacional, uma questão relevante para este trabalho é se os traços de Asp estão disponíveis no estado inicial de aquisição da linguagem. Na perspectiva das abordagens nativistas para a aquisição da linguagem (seção 4.2.1), em que a caracterização da GU em termos de princípios e parâmetros é mantida, os traços de Asp estão disponíveis no estado inicial, de modo que a tarefa das crianças é descobrir quais palavras codificam esses traços e como eles se comportam na língua que estão aprendendo. Nesse caso, há estudos que propõem que o aspecto lexical cumpre alguma função nesse processo de descoberta. Na visão minimalista (seção 4.3), a especificação de traços de categorias funcionais na gramática da criança como parte do estado inicial parece ser contraintuitivo, uma vez que isso contraria a suposição do PM de que a complexidade da GU é apenas aparente. Para avançarmos em relação a essas questões, tratamos, no próximo capítulo, da categoria aspecto e, na sequência, da aquisição da linguagem.

3 ASPECTO

Tempo, aspecto e modo (TAM) são categorias gramaticais associadas à interpretação temporal das sentenças. Morfologicamente é possível que elas formem agrupamentos, podendo ser marcadas através de um único morfema, como a desinência TAM *-va-*, que marca tempo pretérito, aspecto imperfectivo e modo indicativo. Sintaticamente, contudo, os núcleos funcionais que compõem essas categorias são dispostos em camadas ao longo da estrutura das sentenças. Uma observação importante que deve ser feita a respeito dessas categorias é que elas apresentam sensibilidade a traços de outros constituintes no contexto sintático.

De acordo com Zagona (2013), tempo, aspecto e modo são categorias que especificam proposições em relação a um contexto de avaliação. Se, para o tempo e o aspecto, esse contexto de avaliação é temporal; para o modo, ele é uma fonte de julgamento externa. Tempo e aspecto são, portanto, categorias intimamente interligadas: ambas relacionam situações a um contexto de avaliação temporal, mas o fazem de maneiras diferentes. Em sentenças finitas, o tempo verbal especifica uma relação de ordenação entre tempos distintos: o intervalo de tempo do SV e o tempo externo de avaliação, que pode ser o tempo da fala ou um antecedente fornecido em outra sentença. A distinção entre (a) e (b), em (1), ilustra essa afirmação.

- (1) a. Um corpo celeste **colidiu** com a Terra, formando a Lua.
b. Poucas estrelas **colidirão** na fusão entre a Via Láctea e a Andrômeda.

Nessas sentenças, o tempo do evento de colisão entre os corpos celestes é entendido como anterior (1a) ou posterior (1b) ao tempo em que a sentença é pensada, proferida ou ouvida. Assim, a distinção entre (1a) e (1b) é de natureza temporal, já que os tempos verbais ancoram as situações descritas pelas sentenças no eixo do tempo.

Em contraste, a distinção entre (2a) e (2b) é de natureza aspectual. Tanto em (2a) quanto em (2b), a escrita da tese é situada no passado. Contudo, se em (2a), a eventualidade é apresentada como completa no passado, não havendo nenhuma referência explícita às fases de seu desenvolvimento, em (2b), ela é apresentada como uma situação em andamento no passado.

- (2) a. Sally Ride **escreveu** sua tese em 1970.
b. Sally Ride **escrevia** sua tese em 1970.

Como se pode observar em (2), o aspecto não localiza as situações no tempo, mas expressa a constituição temporal interna dessas situações, isto é, expressa as diferentes formas pelas quais essas situações podem se desenrolar no tempo. Comrie (1976, p. 5) tratou a diferença entre tempo e aspecto com base na oposição entre o “tempo externo” (tempo) e o “tempo interno” (aspecto) da situação.

Outra distinção aspectual pode ser feita se levarmos em conta as propriedades semânticas aspectuais inerentes aos verbos e seus argumentos. Por exemplo, embora as sentenças de (3) apresentem as situações a partir da mesma perspectiva aspectual, em (3a), a crença de Galileu Galilei na teoria heliocêntrica de Copérnico é uma situação estática que se prolonga indefinidamente no tempo; por outro lado, em (3b), a construção do primeiro telescópio é uma situação dinâmica que perdura somente até que o processo de construção seja concluído.

- (3) a. Galileu Galilei **acreditava** na teoria heliocêntrica de Copérnico.
b. Galileu Galilei **construía** o primeiro telescópio em 1608.

Como mostram os exemplos de (2) e (3), o conceito de aspecto compreende dois sistemas distintos de categorias: o que transmite informações a respeito da perspectiva temporal sob a qual a situação é apresentada (2) e o que transmite informações acerca das propriedades semânticas dos sintagmas verbais (3). O primeiro é um sistema pertencente à gramática de uma língua particular e, por isso, é denominado aspecto gramatical. O segundo é um sistema de categorização não gramatical dos tipos de situação e sua expressão lexical e, por essa razão, é conhecido como aspecto lexical. Este capítulo trata do aspecto, em sua distinção entre aspecto gramatical e aspecto lexical. Tal distinção é fundamental para a compreensão do fenômeno com o qual lidamos nesta tese: o padrão subextensivo da aquisição da morfologia flexional, o qual, conforme mencionado na introdução desta tese, diz respeito a um padrão restritivo de correlação entre o aspecto gramatical e o aspecto lexical.

3.1 Aspecto gramatical: a perspectiva a partir da qual as situações são apresentadas

O aspecto gramatical, que Comrie (1985)²¹ define como a gramaticalização da expressão do contorno temporal interno de uma situação, apresenta uma situação apropriada a

²¹ The internal temporal contour of a situation provides the conceptual basis for the notion of aspect, which refers to the grammaticalisation of expression of internal temporal constituency (COMRIE, 1985, p. 6).

partir de uma determinada perspectiva temporal, ou de um “ponto de vista” nas palavras de Smith (1997). A codificação gramatical das noções aspectuais pode ser realizada de diferentes maneiras: através da morfologia flexional, da morfologia derivacional ou das construções perifrásticas.

Uma vez que localiza um determinado evento dentro de um quadro temporal, o aspecto gramatical pode focalizar tanto o evento em sua totalidade quanto apenas uma parte dele, como um de seus estágios internos, seu início ou seu fim. No primeiro caso, temos o aspecto perfectivo, como em (2a), em que o quadro temporal engloba o início e o fim da escrita da tese. No segundo caso, temos o aspecto imperfectivo, como em (2b), em que o quadro temporal é mais estreito que o intervalo da escrita da tese e, por isso, focaliza apenas uma parte da situação.

Conforme foi atestado em pesquisas tipológicas, como a de Comrie (1976), a distinção aspectual mais comumente encontrada nas línguas é a que se evidencia entre perfectividade e imperfectividade. Na literatura sobre aspecto, essa distinção costuma ser feita em termos da oposição entre situações completas e incompletas. Por se tratar de uma questão básica na conceituação dos aspectos perfectivo e imperfectivo, vamos ilustrar a oposição completo/incompleto a partir da figura 10, que representa o tempo contido numa dada situação.

Figura 10 – Tempo envolvido na ocorrência de uma situação

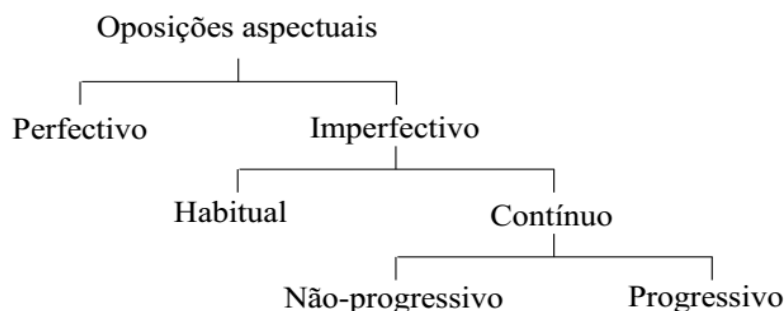


Fonte: Travaglia (2014 [1985], p. 45)

Na figura 10, o ponto A indica o início da situação e o ponto B, o seu fim. Portanto, o segmento AB indica a duração da situação, o tempo envolvido em sua realização. Já o segmento AA' indica os primeiros momentos da situação, o segmento B'B indica seus últimos momentos e o segmento A'B' indica o momento em que a situação está em pleno desenvolvimento. Se uma situação é apresentada com seu ponto de início (A), meio (A'B') e fim (B) englobados em um todo, dizemos que ela é completa. Por outro lado, se a situação é apresentada em uma de suas fases de desenvolvimento, isto é, em seu início (AA'), meio (A'B') ou fim (B'B), dizemos que ela é incompleta. É nessa perspectiva que devemos interpretar os conceitos de aspecto perfectivo e aspecto imperfectivo que trazemos na sequência.

Para Comrie (1976, p. 4)²², enquanto o “perfectivo olha a situação de fora”, com início, meio e fim englobados em um todo, o “imperfectivo olha a situação de dentro”, focalizando uma de suas partes internas. A forma como o autor representou essa oposição é reproduzida na figura 11.

Figura 11 – Oposição aspectual entre perfectivo e imperfectivo



Fonte: Comrie (1976, p. 25)

Ao comentar o esquema reproduzido na figura 11, Comrie (1976) alegou que, embora muitas línguas tenham uma categoria única para expressar a imperfectividade, outras subdividem o imperfectivo em várias subcategorias distintas, dentre as quais as subdivisões mais típicas são as que se estabelecem entre habitual e contínuo e, derivada desta, não progressivo e progressivo.

No entendimento de Comrie (1976), o aspecto habitual denota uma situação que abrange um período prolongado de tempo, envolvendo tipicamente a iteratividade, isto é, a repetição de uma situação em múltiplas ocasiões. Não devemos, no entanto, a partir desta descrição, concluir que habitualidade e iteratividade são a mesma coisa. Conforme acentuou o autor, a simples repetição de uma situação não é suficiente para que ela seja habitual, como é o caso de (4a). Além do mais, uma situação pode ser referida por uma forma habitual sem que haja iteratividade²³, como acontece em (4b).

- (4) a. O palestrante levantou-se, tossiu cinco vezes e disse ...
 b. The Temple of Diana used to stand at Ephesus²⁴.

²² [...] the perfective looks at the situation from outside, without necessarily distinguishing any of the internal structure of the situation, whereas the imperfective looks at the situation from inside, and as such is crucially concerned with the internal structure of the situation, since it can both look backwards towards the start of the situation, and look forwards to the end of the situation, and indeed is equally appropriate if the situation is one that lasts through all time, without any beginning and without any end (COMRIE, 1976, p. 4).

²³ Travaglia (1981, 2014, p. 49), contudo, assegura que, no português, todo habitual é iterativo, embora a recíproca não seja verdadeira.

²⁴ A tradução para o português, *O templo de Diana ficava em Éfeso*, não possui sentido habitual.

No que diz respeito às duas primeiras noções, não é raro encontrar propostas que caracterizam o aspecto imperfectivo como acabado e pontual. Em Castilho (1967), um dos primeiros trabalhos sobre o aspecto verbal na língua portuguesa, embora o termo *completamento*²⁷ tenha sido utilizado como correspondente à perfectividade, as noções que realmente caracterizam o aspecto perfectivo em sua proposta são as de acabamento e instantaneidade, o que pode ser constatado em várias passagens em que o aspecto em questão é definido como (i) ação cumprida (p. 14); (ii) processo cujos pontos inicial e final são separados por um lapso de tempo extremamente curto (p. 50); (iii) ação totalmente decursa (p. 50); e (iv) ainda ação-ponto (p. 54). Portanto, para Castilho (1967), o perfectivo apresentaria uma situação como acabada, concluída, e também como pontual, instantânea.

No entanto, uma situação pode muito bem ser apresentada como completa e não acabada. Comrie (1976)²⁸ procurou demonstrar a inadequação de se afirmar que o perfectivo apresenta uma situação como acabada, encerrada, totalmente decursa, chamando a atenção para a existência de um futuro perfectivo em russo. Segundo o autor, indicar o fim de uma situação é, na melhor das hipóteses, apenas um dos possíveis significados da forma perfectiva, e, certamente, não a sua característica definidora.

Da mesma forma, o perfectivo não pode ser definido como apresentando uma situação pontual. Na verdade, o que acontece é que as formas perfectivas fazem abstração da duração, o que não significa indicar uma situação como pontual. A respeito disso, Comrie (1976)²⁹ afirma que, na verdade, o perfectivo envolve a falta de referência explícita à constituição temporal interna de uma situação, e não falta de constituição temporal interna.

Quanto à noção de duração, muitas vezes é dito que o imperfectivo designa situações que decorrem no tempo. Em Castilho (1967), a noção fundamental correspondente ao imperfectivo é justamente a de duração, como mostra seu quadro aspectual, que reproduzimos a seguir:

²⁷ A noção de completamento, peculiar ao aspecto perfectivo, implica na indicação precisa do começo e do fim do processo (CASTILHO, 1967, p. 50).

²⁸ A very frequent characterization of perfectivity is that it indicates a completed action. One should note that the word at issue in this definition is 'completed', not 'complete': despite the formal similarity between the two words, there is an important semantic distinction which turns out to be crucial in discussing aspect. The perfective does indeed denote a complete situation, with beginning, middle, and end. The use of 'completed', however, puts too much emphasis on the termination of the situation, whereas the use of the perfective puts no more emphasis, necessarily, on the end of a situation than on any other part of the situation, rather all parts of the situation are presented as a single whole (COMRIE, 1976, p. 16).

²⁹ From the definition of perfectivity given above, it follows that perfectivity involves lack of explicit reference to the internal temporal constituency of a situation, rather than explicitly implying the lack of such internal temporal constituency (COMRIE, 1976, p. 21).

Quadro 1 – Quadro aspectual de Castilho (1967)

Valor	Aspecto
Duração	Imperfectivo
Completamento	Perfectivo
Repetição	Iterativo
Neutralidade	Indeterminado

Fonte: Castilho (1967, p. 49)

Além de derivar o imperfectivo da noção de duratividade, como mostra o quadro 1, são várias as passagens em que Castilho (1967) trata as noções de imperfectividade e duração como sendo equivalentes. Conforme o autor, temos o imperfectivo se a ação verbal indica duração (p. 14) ou se a ação dura (p. 41). Nessa mesma perspectiva, o autor ainda afirma que o imperfectivo indica a duração pura e simples (p. 52) ou ainda ação-linha (p. 54).

Embora Castilho (1967) tenha associado imperfectividade à noção de duração, nem sempre é essa a noção envolvida na marcação imperfectiva. O que ocorre é que o aspecto imperfectivo simplesmente apresenta uma situação a partir de um ponto de vista temporal que evidencia parte dela, o que não significa que ela deva ser necessariamente duradoura. Tanto é que, quando utilizado com situações pontuais, o que o imperfectivo muitas vezes indica é o estágio que conduz à sua ocorrência, e não duração. Travaglia (2014 [1985], p. 68) exemplifica essa possibilidade com a seguinte frase: *Os funcionários da companhia estão explodindo a ponte*, em que a explosão da ponte não é tida como uma situação que dura no tempo.

Assim, reiteramos que os aspectos perfectivo e imperfectivo simplesmente focalizam uma determinada situação em sua totalidade, como completa, ou em parte, como incompleta. Se a situação descrita é acabada ou não, durativa ou não, isso decorrerá de outros fatores, como aqueles relacionados à interação entre o aspecto gramatical e o aspecto lexical, que serão tratados na próxima seção.

Antes de passarmos ao aspecto lexical, concluímos esta seção com algumas considerações acerca das formas mais canônicas de marcação dos aspectos perfectivo e imperfectivo no português. Em seu estudo sobre o aspecto no português, Travaglia (2014 [1985]) constata que, dentre os elementos que atuam na expressão do aspecto, destacam-se a flexão verbal e as perífrases. Quanto à flexão verbal, o presente do indicativo e o pretérito imperfeito do indicativo marcam aspecto imperfectivo, enquanto o pretérito perfeito do indicativo e o pretérito mais-que-perfeito do indicativo marcam aspecto perfectivo. Quanto às formas perifrásticas, as perífrases de gerúndio marcam aspecto imperfectivo, assim como o faz

a perífrase estar + particípio variável, já que o particípio é tomado como um adjetivo e o verbo auxiliar se comporta exatamente como um verbo de estado. Já em relação aos tempos do futuro e às formas imperativas e infinitivas, não há atualização de aspecto gramatical.

3.2 Aspecto lexical: as propriedades aspectuais inerentes aos itens lexicais

O aspecto gramatical fornece uma certa quantidade de informação necessária para a interpretação do significado aspectual de uma determinada sentença. A outra parcela de informação é dada pelo aspecto lexical, também referido como aspecto da situação (Smith, 1997), aspecto semântico ou *Aktionsart*³⁰. Como demonstramos nos exemplos de (3)³¹, no início deste capítulo, situações apresentadas a partir de uma mesma perspectiva aspectual podem ter interpretações distintas em virtude de suas propriedades semânticas aspectuais intrínsecas.

Na literatura sobre o aspecto, as propriedades semânticas aspectuais costumam ser utilizadas para compor classes aspectuais. Nessa perspectiva, é possível, conforme será exposto na seção 3.2.2, diluí-las em categorias ontológicas, como fez Vendler (1967); combinar seus traços para a formação de categorias independentes, como fez Smith (1997); ou ainda abordá-las a partir de uma perspectiva composicional, como fez Verkuyl (2005). As propriedades semânticas mais comumente teorizadas na literatura são dinamicidade, telicidade e duração. As particularidades de cada uma delas serão discutidas a seguir, segundo a perspectiva de Comrie (1976).

3.2.1 Propriedades semânticas aspectuais

Vimos afirmando que o aspecto lexical expressa informações sobre as propriedades semânticas aspectuais inerentes aos sintagmas verbais. De modo geral, essas propriedades estão associadas às noções de delimitação, mudança de estado e extensão temporal.

A noção de delimitação divide o domínio do aspecto semântico entre télico e atélico. Telicidade e atelicidade são propriedades que expressam respectivamente a presença ou a ausência de limite ou fim para uma determinada situação. Comrie (1976) explicou essa distinção comparando exemplos como *construir uma cadeira* e *cantar*. Situações télicas, como

³⁰ *Aktionsart* é um termo de origem germânica que significa modo de ação. Inicialmente o termo era usado apenas em relação à morfologia derivacional. Na década de 1970, na tradição da gramática gerativa europeia, passou a ser usado para se referir a classes aspectuais.

³¹ (3a) Galileu Galilei acreditava na teoria heliocêntrica de Copérnico.

(3b) Galileu Galilei construiu o primeiro telescópio em 1608.

construir uma cadeira, só se concretizam quando o ponto final é alcançado. Se a construção da cadeira for interrompida, não será possível afirmar que a situação de construir uma cadeira ocorreu. Por outro lado, situações atéticas, como *cantar*, não precisam atingir um ponto final para que elas se concretizem. A situação de *cantar* pode muito bem ser interrompida a qualquer momento e ainda será possível afirmar que ela ocorreu. Portanto, dizemos que a telicidade indica fim ou limite inerente, enquanto a atelicidade sinaliza fim ou limite arbitrário.

A oposição semântica tético/atético interage com a oposição gramatical perfectivo/imperfectivo. A respeito disso, Comrie (1976) mostrou que, quando isso acontece, certas deduções lógicas que podem ser feitas para as situações téticas não podem ser feitas para as situações atéticas. Por exemplo, o perfectivo de uma situação tética implica que a situação está acabada, concluída, enquanto o perfectivo de uma situação atética não traz necessariamente a mesma implicação. Além do mais, o progressivo de uma situação tética nunca implica o perfectivo dessa mesma situação (X está construindo uma cadeira não implica que X construiu uma cadeira), mas é isso que geralmente acontece com o progressivo de uma situação atética, (X está cantando implica que X cantou).

Enquanto o conceito de fim ou limite divide o aspecto lexical entre tético/atético, o de mudança de estado é responsável pela oposição dinâmico/estático. A propriedade de dinamicidade denota mudança de estado. Já a de estaticidade designa permanência de estado. Para Comrie (1976), uma distinção fundamental entre situações dinâmicas e estáticas é o empreendimento ou não de esforço para a sua continuidade. Enquanto situações dinâmicas como *correr* requerem *input* constante de energia para continuar, situações estáticas como *saber* não requerem esforço algum para a sua permanência.

Na interação com o aspecto gramatical, Comrie (1976) observa que, em muitas línguas, as formas perfectivas não se aplicam aos verbos estativos ou não se aplicam a uma grande parte deles. Dessa forma, a combinação entre perfectividade e estaticidade resulta em possibilidades semânticas bastante restritas como inceptividade e terminatividade, isto é, referência à fase inicial ou final de uma situação. Por outro lado, ainda segundo Comrie (1976), em virtude da naturalidade da combinação entre estaticidade e imperfectividade, é normal que as línguas desenvolvam uma forma especial para expressar significado progressivo.

Finalmente, a noção de extensão temporal opõe duratividade a pontualidade. A propriedade de duratividade expressa permanência por um certo período de tempo. Já a de pontualidade, ao contrário, indica característica do que é momentâneo, instantâneo. Na verdade, instantaneidade é uma noção conceitual: situações pontuais são concebidas como tais. Uma situação como *tossir*, ainda que tenha um período de duração extremamente curto, possui uma

certa extensão temporal. No que respeita às situações pontuais, Comrie (1976) introduz o termo *semelfactivo* para se referir a uma situação pontual que ocorre uma vez e uma única vez e *iterativo* para se referir a uma situação pontual que se repete.

A oposição durativo/pontual, a exemplo do que ocorre com outras oposições que tratamos até agora, também interage com o aspecto gramatical. Verbos pontuais, possuem significado iterativo quando ocorrem com formas imperfectivas. Já os verbos durativos, quando ocorrem com formas imperfectivas, possuem significado progressivo.

Existem, portanto, três conceitos fundamentais, a saber, delimitação, mudança de estado e extensão temporal, que dão origem às oposições télico/atélico, dinâmico/estático e durativo/pontual e que, de uma maneira ou de outra, subjazem praticamente a todas as taxonomias do aspecto lexical. A forma como os três conceitos são analisados em diferentes propostas é o foco das discussões da próxima seção.

3.2.2 *Classes aspectuais*

No início desta seção, afirmamos que as propriedades semânticas aspectuais costumam ser utilizadas na composição de classes aspectuais. Quem primeiro propôs algo nesse sentido foi Vendler (1957). De acordo com Vendler (1957, p. 143), o uso dos verbos pode sugerir diferentes “esquemas de tempo”, ou diferentes formas pelas quais o verbo envolve a noção de tempo. Os esquemas mais comuns foram descritos em termos de sua conhecida classificação quadripartida entre estados, atividades, *accomplishments* e *achievements*, esses dois últimos convencionalmente utilizados em inglês, sem tradução em português.

Os conceitos sobre os quais discorreremos na seção anterior (mudança de estado, extensão temporal e delimitação) parecem ser relevantes para a classificação de Vendler (1957). Os conceitos de mudança de estado e extensão temporal estão associados a um critério fundamental em sua classificação, qual seja, “sucessão de fases” (p. 144), que foi utilizado para agrupar verbos nas classes atividade e *accomplishment*, por um lado, e nas classes estado e *achievement*, por outro. Já o conceito de delimitação está associado ao critério de “definição temporal” (p. 145, 146), que foi utilizado para diferenciar as atividades dos *accomplishments* e os estados dos *achievements*.

De acordo com Vendler (1957, p. 144), verbos como *correr* e *desenhar um círculo* diferem de verbos como *saber* e *vencer uma corrida* porque os do primeiro grupo são processos que decorrem no tempo, isto é, consistem em fases que se sucedem no tempo, e os do segundo grupo, ao contrário, não indicam processos decorrendo no tempo, isto é, não apresentam

sucessão de fases. Os verbos do tipo de *correr* e *desenhar um círculo* foram chamados de atividades e *accomplishments* respectivamente; enquanto aqueles do tipo de *saber* e *vencer uma corrida* foram denominados estados e *achievements*, nessa ordem. Para Vendler (1957), os *accomplishments* e os *achievements* distinguem-se, na devida ordem, das atividades e dos estados em virtude de sua natureza definida. Nesse contexto, a partir dos critérios de sucessão de fases e definição temporal formulamos o seguinte quadro das classes de Vendler:

Quadro 2 – Classes aspectuais de Vendler (1957)

	Sucessão de fases	Definição temporal
Atividade	+	-
<i>Accomplishment</i>	+	+
<i>Achievement</i>	-	+
Estado	-	-

Fonte: Elaborado com base em Vendler (1957, p. 149)

Como mostra o quadro 2, os verbos de atividade consistem em períodos de tempo indefinidos. Por outro lado, os verbos de *accomplishment* compreendem períodos de tempo definidos, já que apresentam um *clímax*, um ponto terminal. Por sua vez, os verbos de estado se caracterizam como instantes de tempo indefinidos, já que não demandam sucessão de fases e não são demarcados temporalmente. Finalmente, os verbos de *achievement* envolvem instantes de tempo definidos. Os verbos que, no entendimento de Vendler (1957), são exemplos inequívocos de cada uma das classes foram agrupados no quadro 3.

Quadro 3 – Representantes das classes aspectuais de Vendler (1957)

Atividades	<i>Accomplishments</i>	<i>Achievements</i>	Estados
correr	pintar um quadro	reconhecer	saber
nadar	fazer uma cadeira	perceber	possuir
escrever	construir uma casa	encontrar/perder	desejar
trabalhar	escrever um livro	chegar ao cume	querer
puxar algo	desenhar um círculo	ganhar uma corrida	gostar/odiar
empurrar algo	dar um sermão	morrer	acreditar

Fonte: Elaborado com base em Vendler (1957, p. 150)

As classes de Vendler (1957) tiveram grande repercussão nas abordagens linguísticas acerca do aspecto. São vários os teóricos que buscaram sistematizar as noções fundamentais

subjacentes à constituição das quatro classes aspectuais em termos de traços distintivos que codificam as propriedades de telicidade, atelicidade, estatividade, dinamicidade, duratividade, pontualidade, dentre outras.

Dentre as diversas propostas que retomaram a classificação de Vendler (1957), uma das mais abrangentes foi a que Smith (1997) desenvolveu. A partir da combinação dos valores dos traços [estático], [durativo] e [télico], Smith (1997) propôs cinco classes aspectuais que chamou de tipos de situação³²: estados, atividades, *accomplishments*, *achievements* e semelfactivos. Uma das principais modificações em relação ao sistema de Vendler (1957) foi a incorporação dos semelfactivos, como *tossir* e *soluçar*, os quais já haviam sido mencionados em Comrie (1976). No entanto, como veremos logo a seguir, a autora não faz a distinção entre semelfactivo e iterativo que se vê em Comrie (1976). O quadro das classes aspectuais de Smith (1997) é reproduzido a seguir:

Quadro 4 – Classes aspectuais de Smith (1997)

	Estático	Durativo	Télico
Estado	+	+	-
Atividade	-	+	-
<i>Accomplishment</i>	-	+	+
Semelfactivo	-	-	-
<i>Achievement</i>	-	-	+

Fonte: Smith (1997, p. 20)

Para Smith (1997, p. 32), estados³³ envolvem um período de tempo sem estrutura interna. Uma vez que sua condição de estado só muda se um agente externo o fizer, os pontos inicial e final de um estado não fazem parte de seu esquema temporal. As situações estativas incluem atribuições de propriedades concretas e abstratas de todos os tipos (ser alto), posse (ter uma fazenda), localização (estar em Copenhague), estados mentais (acreditar em fantasmas), entre outros.

No que diz respeito às atividades³⁴, Smith (1997, p. 23) as define como processos que envolvem atividade física e mental e que possuem final arbitrário. Justamente por apresentarem

³² The situation type of a sentence indirectly classifies the event or state talked about according to its temporal properties. I distinguish five types of situation: State, Activity, Accomplishment, Semelfactive, Achievement. They differ in the temporal properties of dynamism, durativity, and telicity (SMITH, 1997, p. 3).

³³ States consist of an undifferentiated period without internal structure (SMITH, 1997, p. 32)

³⁴ Activities are processes that involve physical or mental activity, and consist entirely in the process (SMITH, 1997, p. 23).

final arbitrário, a autora argumenta que as atividades apresentam estrutura parte-todo cumulativa, o que permite concluir que elas são homogêneas. Em outras palavras, as atividades decorrem no tempo de maneira homogênea, pois qualquer parte de uma atividade é da mesma natureza que o todo. Exemplos de atividade são os processos ilimitados em princípio (empurrar um carrinho), processos com estágios internos indefinidos (comer cerejas) e atividades derivadas (atividades de evento múltiplo, como *tossir*, e perífrases com verbos do tipo *continuar*).

Já os *accomplishments*³⁵ são caracterizados por Smith (1997, p. 26) como processos culminantes ou ainda como mudanças de estado. Para a autora, os *accomplishments* apresentam um esquema temporal complexo, no sentido de que combinam processo e ponto final, que, ao ser atingido, provoca um novo estado de coisas. Esse novo estado de coisas pode afetar tanto o objeto (construir uma ponte), quanto o sujeito (ir para a escola). Ao contrário das atividades, os *accomplishments* apresentam estrutura parte-todo contável e, portanto, são heterogêneos. Isso significa que uma parte de um *accomplishment* não é da mesma natureza que o todo. Os principais tipos de resultado que os *accomplishments* suscitam são objeto afetado (dobrar uma barra de ferro), objeto construído (escrever uma carta), objeto consumado (beber um copo de vinho) e Path-Goal (caminhar até o lago).

Quanto à sua principal inovação em relação às classes de Vendler (1957), a saber, os semelfactivos³⁶, Smith (1997, p. 29) os define como eventos de estágio único, isto é, pontuais, que não possuem resultado. Eventos corporais, como *tossir*, eventos a que autora se refere como internos, como *cintilar*, e diversas outras ações pontuais, como *chutar*, são exemplos de semelfactivos. Os verbos que compõem essa classe tendem a ocorrer em sequência. Quando isso acontece, temos o que a autora chama de atividades de estágios múltiplos.

Por fim, Smith (1997, p. 30) descreve os *achievements*³⁷ como eventos instantâneos que resultam em mudança de estado. Embora algumas línguas associem os estágios preliminares ou resultantes a esse tipo de situação, o que, de fato, define uma situação como sendo *achievement*, argumenta a autora, é a mudança de estado instantânea. Assim como os *accomplishments*, os principais tipos de resultado que os *achievements* provocam são: objeto afetado (quebrar um copo), objeto construído (definir um parâmetro), objeto consumado (explodir uma bomba), experienciador afetado (ver um cometa) e Path-Goal (chegar ao topo).

³⁵ Accomplishments consist of a process and an outcome, or change of state (SMITH, 1997, p. 26).

³⁶ Semelfactives are single-stage events with no result or outcome (SMITH, 1997, p. 29).

³⁷ Achievements are instantaneous events that result in a change of state (SMITH, 1997, p. 30).

Nas considerações que fizemos sobre as classes de Smith (1997), a propriedade de homogeneidade foi utilizada quando nos referimos às atividades e aos *accomplishments*. Todavia, existem propostas em que essa propriedade é codificada por meio de um traço semântico que participa da composição das classes aspectuais. Exemplo disso é Bertinetto (2001), que propõe o seguinte quadro:

Quadro 5 – Classes aspectuais conforme Bertinetto (2001)

	Durativo	Dinâmico	Homogêneo
Estado	+	-	+
Atividade	+	+	+
<i>Achievement</i>	-	+	-
<i>Accomplishment</i>	+	+	-

Fonte: Elaborado com base em Bertinetto (2001)

Como é possível constatar a partir da comparação dos quadros 4 e 5, a proposta de Bertinetto (2001) difere da de Smith (1997) em três pontos principais: a utilização do traço [homogêneo] no lugar do traço [télico]; o não reconhecimento da classe dos semelfactivos; e a substituição do traço [estático] pelo seu oposto: o traço [dinâmico].

No quadro das classes aspectuais de Bertinetto (2001), o traço [homogêneo] desempenha exatamente a mesma função que o traço [télico] no quadro de Smith (1997). Isso porque o traço [homogêneo] está fundamentado na estrutura parte-todo dos intervalos temporais em que os predicados se mantêm. Por exemplo, se dividirmos um intervalo durante o qual um predicado atético ocorre, encontraremos a mesma situação em qualquer parte desse intervalo (se é verdade que um maratonista correu por meia hora, então deve ser verdade que ele estava correndo por cada período dentro dessa meia hora). Por outro lado, se dividirmos um intervalo durante o qual um predicado télico ocorre, qualquer parte desse intervalo não será da mesma natureza que o todo (se é verdade que um maratonista correu cinco quilômetros em meia hora, não pode ser verdade que ele correu cinco quilômetros em qualquer intervalo dessa meia hora). Sendo assim, concluímos que os predicados atéticos são homogêneos, enquanto os predicados télicos são heterogêneos.

Como mostram os quadros 4 e 5, a definição das propriedades relevantes para a construção das classes aspectuais varia de uma proposta para outra. Variam também as propostas relativas ao nível linguístico a que essas propriedades pertencem. Enquanto Vendler

(1957) manteve-se no nível lexical³⁸, Verkuyl (1972, 2005) argumenta que o aspecto lexical é uma propriedade do SV. A seguir, apresentamos a proposta de Verkuyl com mais detalhes.

3.2.3 Composicionalidade aspectual

Por composicionalidade aspectual, entendemos, tal como Verkuyl (1972, 2005), dentre outros textos, que o significado aspectual de uma sentença é calculável com base em suas partes constituintes. Nessa perspectiva, o aspecto não deve ser entendido como uma categoria inalisável inerente aos verbos, mas como uma propriedade da sentença, em que informações coletadas em seus diversos níveis constituem os ingredientes que formam o composto aspectual. É uma análise dessa natureza que Verkuyl (1972) propôs quando argumentou que o significado durativo ou não durativo de uma sentença só poderia ser explicado em termos da combinação entre subcategorias verbais e sintagmas preposicionais, nominais ou quantificadores. Por essa razão, Verkuyl (1972, p. 40)³⁹ alega que as categorias durativo e não durativo não deveriam ser consideradas “primitivos semânticos atribuídos aos verbos”, mas deveriam ser atribuídas a um nó mais alto que V.

Os exemplos utilizados por Verkuyl (1972) para demonstrar as dificuldades envolvidas em análises não composicionais consistiram em construções do tipo *tocar um concerto de Schumann*, *caminhar um quilômetro* e *comer uma fatia de pão*, para as quais foi atribuído o esquema (6a), em oposição a construções como *tocar música clássica*, *caminhar* e *comer pão*, cujo esquema temporal é dado em (6b).

- (6) a. $sv[v\text{VERBO}]_V + sn[\text{QUANTIDADE ESPECIFICADA DE X}]_{SN}sv$
 b. $sv[v\text{VERBO}]_V + sn[\text{QUANTIDADE NÃO ESPECIFICADA DE X}]_{SN}sv$

A categoria VERBO, presente tanto em (6a) quanto em (6b), representa quaisquer uma de suas subcategorias durativas, dentre as quais Verkuyl (1972) lista as seguintes: MOVEMENT, PERFORM, TAKE, ADD TO, TRANSITION, DO. Já a categoria QUANTIDADE ESPECIFICADA DE X, em (6a), indica que X é contável, finito ou delimitado, enquanto a categoria QUANTIDADE NÃO ESPECIFICADA DE X, em (6b),

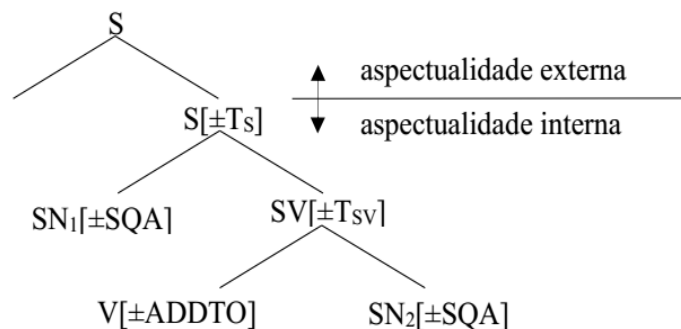
³⁸ Vendler (1957, p. 146, 147) utilizou a palavra “termo” para denotar verbos: activity terms, accomplishment terms, achievement terms e states terms.

³⁹ The basic idea developed in this chapter is that the categories DURATIVE and NONDURATIVE should not be considered semantic primitives assigned to Verbs but that they should rather be assigned to a higher node than V (VERKUYL, 1972, p. 40).

indica que X é não contável, não finito ou não delimitado. Quando um verbo durativo ocorre com um constituinte que contém informações quantificadas, o valor desse constituinte acaba neutralizando o significado durativo do verbo. Por esse motivo, *tocar um concerto de Schumann*, *caminhar um quilômetro* e *comer uma fatia de pão* são sintagmas verbais não durativos.

Em texto posterior, Verkuyl (2005, p. 20) elucidou o processo de composição aspectual por meio da estrutura que reproduzimos a seguir, em que o traço [ADDTO]⁴⁰ expressa dinamicidade, mudança, não estatividade, sendo utilizado para opor verbos estativos ([–ADDTO]) aos não estativos ([+ADDTO]), e o traço [SQA]⁴¹ expressa quantidade especificada de coisas, sendo utilizado para indicar que algo pode ([+SQA]) ou não ([–SQA]) ser discernível, contável ou mensurável.

Figura 12 – Composição aspectual



Fonte: Verkuyl (2005, p. 20)

A incorporação de traços distintivos simplificou consideravelmente a primeira abordagem composicional do aspecto, que demandava esquemas temporais distintos conforme o SN pertencesse à categoria QUANTIDADE ESPECIFICADA DE X ou à categoria QUANTIDADE NÃO ESPECIFICADA DE X, além das diversas subcategorias do verbo: MOVEMENT, PERFORM, TAKE, ADD TO, TRANSITION, DO. Como mostra a figura 12, são as informações expressas pelos traços [±ADDTO] do verbo e [±SQA] dos argumentos que constituem os ingredientes do composto aspectual, e não um certo número de categorias. Nessa perspectiva, o verbo é especificado para uma propriedade semântica e combina-se com o SN₂, também especificado para uma propriedade semântica, formando o nível SV, que carrega a

⁴⁰ The [+ADDTO]-property of the verb expresses dynamic progress, change, nonstativity or whatever term is available to distinguish it from stative verbs, which have a minusvalue (VERKUYL, 2005, p. 20).

⁴¹ The [+SQA]-feature expresses that the NP pertains to a specified quantity of things or mass denoted by its head noun or contains [-SQA]-NPs (VERKUYL, 2005, p. 20-21)

informação semântica aspectual [$\pm T_{SV}$]. Em seguida, o SV combina-se com NP₁, formando o nível S, que carrega a informação aspectual complexa [$\pm T_S$]. A informação aspectual de cada nível é, portanto, construída a partir de informações coletadas em níveis inferiores.

De um modo mais concreto, Verkuyl (2005) demonstra o processo de composição aspectual esquematizado na figura 12 por meio de uma álgebra de traços do tipo exemplificada em (7).

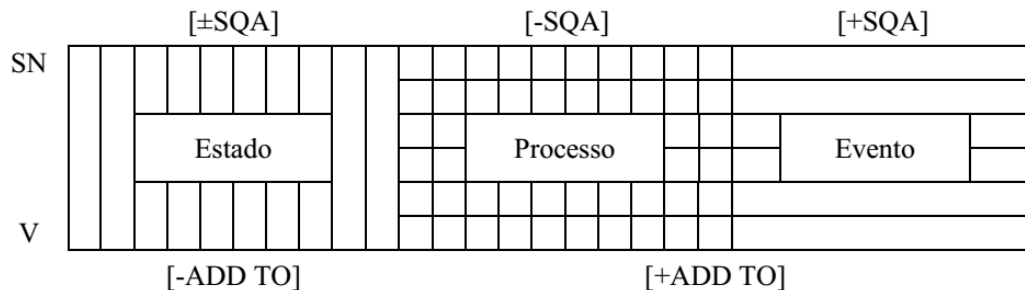
(7)	a. [sEinstein [+T _S [+SQA]]	[sv escrever [+T _{SV} [+ADDTO] [+SQA]]]	três artigos]]	terminativo
	b. [sEinstein [-T _S [+SQA]]	[sv escrever [-T _{SV} [+ADDTO] [-SQA]]]	artigos]]	durativo
	c. [sFísicos [-T _S [-SQA]]	[sv escrever [+T _{SV} [+ADDTO] [+SQA]]]	três artigos]]	durativo
	d. [sEinstein [-T _S [+SQA]]	[sv ter [-T _{SV} [-ADDTO] [+SQA]]]	três artigos]]	durativo

A ideia que subjaz a essa álgebra de traços é a de que, na composição da aspectualidade interna da sentença (a aspectualidade do nível S na figura 12), um único valor negativo coletado nos níveis inferiores já é suficiente para que a informação aspectual complexa [T_S] também seja negativa. Como diria Verkuyl (2012, p. 572), as sentenças b, c e d possuem “vazamentos” (valores negativos) causados pela natureza não especificada dos argumentos (b e c) ou pela natureza estática do verbo (d). Assim, a noção de terminatividade só será possível no nível S se todos os seus valores aspectuais componentes forem positivos. Essa restrição, denominada *Plus-Principle* (princípio mais) pelo autor, implica que terminatividade, telicidade ou delimitação temporal são, na verdade, propriedades composicionais da sentença, e não propriedades intrínsecas do verbo.

Verkuyl (2005) defende que uma análise composicional do aspecto tem a vantagem de descrever os diversos significados aspectuais de uma sentença sem o apelo a qualquer tipo de mecanismo coercitivo que opera sobre uma determinada categoria, transformando-a em outra. Por exemplo, se assumimos que o verbo *escrever* é uma atividade e que uma propriedade inerente às atividades é a atelicidade, não há meios pelos quais podemos analisar a situação *escrever três artigos* senão a partir de um operador que transforma atividades em *accomplishments*. Por essa razão, Verkuyl (2005) assume uma postura crítica em relação às

classes ontológicas de Vendler (1957) e adota a tripartição esquematizada na figura 13, em que as classes estado, processo e evento são o produto do processo de composição aspectual.

Figura 13 – Composição de classes aspectuais



Fonte: Verkuyl (2005, p. 23)

Conforme a figura 13, a tripartição de Verkuyl (2005) não reconhece a existência de verbos de estado, verbos de processo e verbos de evento. Por ser de base composicional, a tripartição entre estado, processo e evento é uma classificação de nível superior. Dessa forma, a classe dos estados é formada a partir da combinação do traço [-ADDTO] do verbo e do traço [±SQA] dos argumentos; a classe dos processos é formada pelo traço [+ADDTO] do verbo e do traço [-SQA] dos argumentos; e a classe dos eventos é formada pelo traço [+ADDTO] do verbo e do traço [+SQA] dos argumentos.

A perspectiva composicional de Verkuyl (2005) coloca em questão a legitimidade da noção de telicidade como uma propriedade ou como um traço inerente aos verbos. Para o autor, a ideia de um fim inerente é bastante suspeita do ponto de vista composicional, pois não pode ser expressa por meio de material linguístico. Com efeito, se, em *escrever três artigos*, é evidente que não há nada no verbo *escrever* que indique fim inerente, nem mesmo no argumento *três artigos* poderíamos dizer que há algo indicando um ponto culminante para *escrever*. O argumento *três artigos* não indica fim inerente, mas informação quantificadora, que restringe um processo irrestrito, que limita um processo ilimitado.

As considerações que fizemos nesta seção nos permitem afirmar que as abordagens do aspecto semântico se diferenciam basicamente pelo fato de serem ou não composicionais. Para o tratamento dos dados desta tese quanto ao aspecto lexical, consideramos a perspectiva composicional do aspecto. Sendo assim, assumimos que o aspecto lexical é uma propriedade do SV, e não apenas de V.

Nesta seção, refletimos sobre o aspecto lexical. Na subseção 3.2.1, mostramos como as noções gerais de delimitação, mudança de estado e extensão temporal derivam propriedades semânticas aspectuais. Especificamente, salientamos que a noção de delimitação está na base

da distinção entre as propriedades de telicidade e atelicidade; a noção de mudança de estado embasa a distinção entre as propriedades de estatividade e dinamicidade; e a noção de extensão temporal fundamenta a distinção entre as propriedades de duratividade e pontualidade. Já na subseção 3.2.2 apresentamos as propostas que capturaram essas distinções entre as propriedades aspectuais em termos de traços distintivos. Por fim, tratamos o aspecto lexical a partir de uma perspectiva composicional. A figura 14, a seguir, é uma tentativa de sistematizar as diversas propostas concernentes aos traços semânticos que entram na construção das classes aspectuais.

Figura 14 - Relacionamento dos traços aspectuais às classes correspondentes

[-ADDTO] [+Estativo] [-Dinâmico]	[+ADDTO] [-Estativo] [+Dinâmico]	[+Télico] [-Homogêneo]	
Estado	Atividade	Accomplishment	Achievement
[-Télico] [+Homogêneo]		[+Durativo]	[-Durativo]

Fonte: Autoria própria

Na figura 14, os traços aspectuais relativos aos verbos foram distribuídos entre as classes estado, atividade, *accomplishment* e *achievement* de acordo com as propostas de Smith (1997), Bertinetto (2001) e Verkuyl (2005). Contudo, é preciso reforçar que, embora os traços relativos aos argumentos não tenham sido considerados na figura, o tratamento do aspecto lexical levará em conta o SV, e não apenas o verbo.

Com o intuito de fornecer um vislumbre mais completo do aspecto na estrutura sentencial, a próxima seção vai além da linha divisória da figura 12 (aspectualidade interna e aspectualidade externa), ultrapassando, portanto, a representação do aspecto lexical, e discute questões relativas à codificação dos traços aspectuais na estrutura sintática.

3.3 Codificação de traços aspectuais: a projeção aspectual na estrutura sintática

Na seção 2.3, mostramos que a reanálise dos sintagmas S e S' e a consequente incorporação das categorias funcionais F e C no esquema X-barra modificaram

consideravelmente a descrição sintática das sentenças. A distinção básica que se estabeleceu aí entre núcleos lexicais e núcleos funcionais teve origem em diversas observações teóricas e empíricas. Uma delas está relacionada ao entendimento de que a estrutura só surge através da projeção de núcleos, o que levou à necessidade de tornar os esquemas X-barra uniformes.

A partir dos anos de 1980, as mesmas observações que motivaram a distinção entre núcleos lexicais e funcionais levaram à postulação de estruturas funcionais cada vez mais complexas. O primeiro estímulo veio de Pollock (1989)⁴², o qual observou que uma estrutura com um único núcleo flexional seria insuficiente para acomodar as posições que o verbo pode ocupar no francês. Um segundo estímulo veio de Cinque (1999), que, em um de seus primeiros esforços para o desenvolvimento do programa cartográfico, postulou um grande número de categorias funcionais associadas à modificação adverbial.

O objetivo de produzir mapas detalhados das estruturas sintáticas advém de uma série de diretrizes básicas que orientam o programa cartográfico: (i) uma propriedade morfossintaticamente relevante é expressa por um traço; (ii) o traço define um núcleo funcional; e (iii) o núcleo funcional tem um único complemento e um único especificador. Tais diretrizes não excluem, contudo, a possibilidade de que os núcleos funcionais expressem complexos de propriedades, como tempo e concordância. O que elas determinam é que esses complexos sejam montados por meio do movimento de núcleos.

Nessa perspectiva, Cinque (1999) sugeriu que, se a adjunção não for uma opção disponível, os advérbios devem estar situados na posição de especificador dos núcleos funcionais. Para chegar a essa suposição, o autor partiu da observação de que, enquanto algumas línguas expressam propriedades aspectuais, temporais e modais através de sintagmas adverbiais, outras executam essa tarefa através de afixos ou partículas que se ligam ao verbo. Embora aparentemente discrepantes, Cinque (1999) argumentou que esses mecanismos manifestam características fundamentalmente uniformes. Exemplo disso seria a ordem em que eles aparecem em diferentes línguas.

No que concerne ao aspecto, Cinque (1999) argumentou a favor de uma hierarquia uniforme de núcleos aspectuais expressa de formas distintas entre as línguas, conforme as escolhas morfológicas específicas de cada uma delas. Nessa perspectiva, as línguas podem optar

⁴² Como mencionamos brevemente na nota 8, da seção 2.4, o que Pollock (1989) sugeriu foi que os traços de tempo e de concordância se originam de modo independente em ST e SAgr respectivamente e que um sintagma de negação (SNeg) intervém hierarquicamente entre ST e SAgr. Pollock (1989) utilizou a colocação das partículas de negação e dos advérbios relativamente aos verbos principais em sentenças finitas do francês para argumentar a favor da ideia de que o verbo primeiramente se move para Agr, onde se combina com traços de concordância, e então move-se outra vez para T, onde se combina com traços de tempo.

por marcar ou não os núcleos dos sintagmas aspectuais. No primeiro caso, a marcação seria feita através dos afixos ou partículas associadas ao verbo. No segundo caso, as propriedades aspectuais seriam expressas por advérbios localizados nas posições de especificador dos respectivos núcleos aspectuais.

Essa linha de raciocínio pode ser estendida para abranger outros núcleos funcionais, como modo e tempo. De fato, foi exatamente isso que Cinque (1999) fez ao propor sua hierarquia universal das projeções funcionais, conforme reproduzimos a seguir:

- (8) [frankly Mood_{speech act} [fortunately Mood_{evaluative} [allegedly Mood_{evidential}
[probably Mod_{epistemic} [once T(Past) [then T(Future) [perhaps Mood_{irrealis}
[necessarily Mod_{necessity} [possibly Mod_{possibility} [usually Asp_{habitual}
[again Asp_{repetitive(I)} [often Asp_{frequentative(I)} [intentionally Mod_{volitional}
[quickly Asp_{celerative(I)} [already T(Anterior) [no longer Asp_{terminative}
[still Asp_{continuative} [always Asp_{perfect(?)} [just Asp_{retrospective} [soon Asp_{proximative}
[briefly Asp_{durative} [characteristically(?) Asp_{generic/progressive}
[almost Asp_{prospective} [completely Asp_{SgCompletive(I)} [tutto Asp_{P1Completive}
[well Voice [fast/early Asp_{celerative(II)} [again Asp_{repetitive(II)}
[often Asp_{frequentative(II)} [completely Asp_{SgCompletive(II)}
(CINQUE, 1999, p. 106)

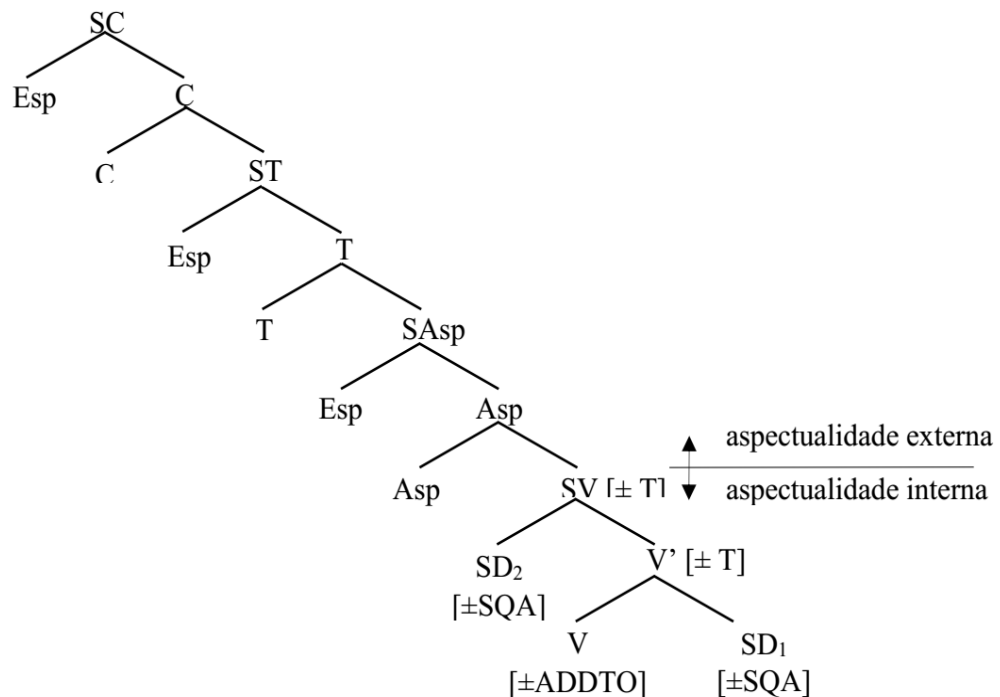
A hierarquia de Cinque (1999) prevê que o aspecto está abaixo de tempo. Esse parece ser o entendimento majoritário. De qualquer forma, o que tem sido consensual é a ideia de que a projeção estendida da categoria lexical V deve incluir o aspecto como uma de suas projeções funcionais (CHOMSKY 2002, p. 23). Nessa perspectiva, temos, pelo menos, as seguintes projeções: (i) uma projeção para informação aspectual; (ii) uma projeção para informação temporal-dêitica; e (iii) uma projeção para expressar força ilocucionária.

A projeção aspectual (SAsp) codifica informações sobre a delimitação/limitação de um evento. Já as projeções temporal-dêitica (ST) e de força (SC), que já foram mencionadas no primeiro capítulo, codificam respectivamente informações sobre o modo como o evento está situado no eixo do tempo e sobre as propriedades ilocucionais das sentenças. A maneira como essas informações estão distribuídas na sentença pode ser representada da seguinte forma:

- (9) [SC...C... [ST...T... [SAsp... Asp... [SV... V...]]]

Agora podemos combinar a figura 12 da seção anterior com as informações de (9), de modo que possamos obter uma única representação capaz de capturar as diferentes camadas de informação aspectual na estrutura da sentença. Essa junção é feita na figura 15, em que temos a aspectualidade interna, responsável pela classificação dos eventos de acordo com as propriedades inerentes ao SV, e a aspectualidade externa, o sistema temporal dentro do qual o evento é localizado.

Figura 15 – Representação da estrutura sintagmática com a projeção aspectual



Fonte: Elaborada a partir da expansão da figura 12

Como é possível depreender das considerações feitas até o momento, o aspecto constitui um caso de interface entre o léxico e a gramática. A correlação entre os aspectos gramatical e lexical pode restringir os significados de certas combinações. Dentre os diversos trabalhos que tratam o aspecto em termos da relação entre o aspecto gramatical e o aspecto lexical, destaca-se o de Smith (1997). Não é à toa que a autora chama sua proposta de “teoria de dois componentes”. Todavia, essa postura sempre foi uma constante desde as primeiras abordagens mais abrangentes do aspecto. Exemplo disso é o capítulo 2 de Comrie (1976), que trata da interação entre os aspectos perfectivo e imperfectivo e as propriedades aspectuais inerentes aos itens lexicais, bem como a distinção entre aspectualidade interna e aspectualidade externa exemplificada na figura 12, que já havia sido proposta anteriormente em Verkuyl (1993, p. 14).

Com base nessas considerações, podemos afirmar que o estudo da aquisição do aspecto é importante não só pelo fato de estarmos tratando de um legítimo caso de interface que, por isso mesmo, apresenta problemas interessantes de aquisição, mas também porque tal estudo pode contribuir para testar diferentes hipóteses elaboradas para explicar a aquisição do aspecto em particular e o desenvolvimento da linguagem em geral. Na próxima seção, discutimos questões relativas aos padrões que as crianças exibem durante a aquisição do aspecto. Trata-se de uma discussão essencial, já que nos fornecerá os subsídios necessários para a avaliação das hipóteses propostas para explicar os padrões de correlação entre o aspecto gramatical e o aspecto lexical nos dados das crianças investigadas.

3.4 O padrão de aquisição da morfologia flexional: um padrão subextensivo

Estudos sobre aquisição de tempo e aspecto realizados em diversas línguas têm apontado um padrão de correlação restritivo entre a morfologia verbal e determinados tipos de verbos. Mais especificamente, as crianças costumam restringir certos morfemas de tempo e aspecto a verbos portadores de uma determinada propriedade aspectual semântica, evitando, assim, estender essa marcação temporal específica a todas as classes aspectuais. Dessa forma, os verbos pertencentes às classes *accomplishment* e *achievement* tendem a ser marcados para tempo passado e aspecto perfectivo, enquanto aqueles que pertencem às classes estado e atividade estariam mais propensos a receber marcação de tempo presente e aspecto imperfectivo. Esse padrão subextensivo é representado no quadro 6.

Quadro 6 – Padrão subextensivo da aquisição da morfologia flexional

	Grupo télico	Grupo atélico
Aspecto lexical	<i>Accomplishment</i> e <i>achievement</i>	Estado e atividade
Aspecto gramatical	Perfectivo	Imperfectivo
Tempo	Passado	Presente

Fonte: Castro e Hermont (2018, no prelo)

Como mostra o quadro 6, as crianças não costumam usar todas as combinações entre aspecto semântico, aspecto gramatical e tempo disponíveis para elas. Elas tendem a combinar as classes dispostas verticalmente na segunda e terceira colunas, evitando combinações cruzadas. É claro que estamos falando aqui de tendências, e não de padrões absolutos, o que

significa que as combinações cruzadas não estão totalmente ausentes na fala das crianças, o que acontece é que elas ocorrem com menos frequência.

Um dos primeiros estudos a registrar essa tendência foi o de Brown (1973). Ao analisar dados de fala de crianças que adquiriam o inglês, o autor observou que as formas de passado foram associadas a um pequeno conjunto de verbos de curta duração, como *cair*, *escorregar*, *bater* e *quebrar*.

Pela mesma época, porém em ambiente francófono, Bronckart e Sinclair (1973) publicaram um estudo experimental sobre a aquisição de marcadores de tempo e aspecto cujos resultados se aproximam, em muitos pontos, dos que foram alcançados por Brown (1973). O experimento consistia em representar determinadas situações diante dos participantes e solicitar que eles descrevessem o que tinham acabado de ver. Essas situações representadas diante das crianças que participaram do experimento foram classificadas com base em propriedades aspectuais. Por exemplo, havia situações resultativas, como um caminhão empurrando um carro para uma garagem, e situações progressivas, como um peixe nadando em uma bacia. Os resultados obtidos foram os seguintes: as crianças abaixo de seis anos usavam o passado mais do que o presente para eventos resultativos e, inversamente, o presente mais do que o passado para eventos progressivos. Tais resultados levaram Bronckart e Sinclair a concluir que a distinção aspectual entre resultado e processo é a mais saliente para as crianças menores de 6 anos.

Ainda na década de 1970, em seu estudo sobre aquisição do italiano, Antinucci e Miller (1976) examinaram a fala espontânea de crianças entre um ano e meio e dois anos e meio e chegaram ao seguinte resultado: o pretérito perfectivo (*passato prossimo*) foi utilizado com verbos de mudança de estado que especificavam ações com um resultado claro, como *cair*, *fechar*, *encontrar* e *quebrar*; e o pretérito imperfeito (*imperfetto*) foi utilizado com os demais tipos de verbos.

Um pouco mais tarde, Bloom, Lifter e Hafitz (1980) também obtiveram resultados semelhantes aos de Brown (1973), Bronckart e Sinclair (1973) e Antinucci e Miller (1976). Com o objetivo de investigar a relação entre as propriedades semânticas dos verbos e o uso da morfologia flexional em língua inglesa, eles analisaram dados de fala de crianças em torno de dois anos de idade e observaram que *-ing* ocorreu com verbos como *brincar*, *passear* e *escrever*, e que *-ed* ocorreu com verbos como *encontrar*, *cair* e *quebrar*.

A partir dos resultados que obtiveram em seus estudos, Antinucci e Miller (1976) e Bloom e Lifter e Hafitz (1980) sugeriram que, até um determinado ponto do desenvolvimento linguístico, as crianças usam os morfemas temporais para expressar aspecto semântico, e não

tempo e aspecto gramaticais, e que, portanto, o aspecto surge antes do tempo. Nessa perspectiva, as crianças que adquirem o português, por exemplo, não usariam o pretérito perfeito para marcar tempo passado e aspecto perfectivo, mas sim uma propriedade aspectual semântica, como a telicidade.

Um dos primeiros estudos a argumentar contra essa hipótese foi o que realizaram Weist *et al.* (1984). Utilizando dados experimentais e espontâneos de crianças em fase de aquisição do polonês, os autores observaram que as crianças contrastaram morfemas de perfectivo e imperfectivo para o mesmo verbo, fornecendo, assim, contraexemplos à hipótese de que os morfemas de tempo e aspecto codificam aspecto semântico. Weist *et al.* (1984) referiram-se a essa hipótese como Hipótese do Tempo Defectivo, já que, nesse caso, a morfologia temporal seria defectiva em sua função de codificar propriedades gramaticais.

Apesar da objeção de Weist *et al.* (1984), diversos estudos sobre a aquisição de tempo e aspecto adotaram a Hipótese do Tempo Defectivo. Os resultados alcançados em tais estudos foram sistematizados por Li e Shirai (2000) na forma do que denominaram Hipótese do Aspecto. Válidas para a aquisição tanto da língua nativa quanto de línguas adicionais, as generalizações da Hipótese do Aspecto são as seguintes:

Quadro 7 – Hipótese do Aspecto

1. Os aprendizes utilizam marcação de passado e perfectivo com ***achievements*** e ***accomplishments***, eventualmente estendendo essa marcação a atividades e estados.

 2. Em línguas que codificam morfologicamente a distinção perfectivo/imperfectivo, o passado imperfectivo aparece mais tarde do que o passado perfectivo, e a marcação passado imperfectivo começa com verbos de estado e atividade e, em seguida, estende-se aos verbos ***accomplishment*** a ***achievement***.

 3. Em línguas em que há aspecto progressivo, a marcação progressiva começa com verbos de atividade e, em seguida, estende-se para verbos ***accomplishment*** e ***achievement***.

 4. A marcação progressiva raramente é estendida a verbos estativos.
-

Fonte: Li e Shirai (2000, p. 50)

Embora possam fornecer indícios para a hipótese de que os traços aspectuais semânticos influenciam o curso da aquisição de aspecto gramatical, as generalizações da Hipótese do Aspecto são neutras, já que apenas correspondem ao padrão evidenciado no quadro 6. Todavia, a vasta literatura acerca da aquisição de aspecto registra a hipótese de que a morfologia aspecto-temporal denota propriedades aspectuais semânticas, especificamente a propriedade de telicidade, e não o aspecto gramatical. O que isso significa é que, na produção linguística infantil, os afixos verbais de aspecto/tempo estariam codificando noções de (a)telicidade e não de (im)perfectividade.

Embora existam estudos desenvolvidos no quadro da Teoria Gerativa que adotam a Hipótese do Aspecto⁴³, nossa posição é a de que tal hipótese não pode ser sustentada em bases gerativistas. Se, numa perspectiva gerativista, as crianças precisam adquirir um mapeamento entre a categoria de aspecto gramatical e os afixos que codificam tal categoria, porque razão elas formariam um mapeamento atípico entre a categoria de aspecto lexical e os afixos de tempo/aspecto?

Mesmo em suas versões mais fracas, como aquelas que propõem que o aspecto semântico apenas influencia a aquisição do aspecto gramatical em etapas iniciais de aquisição da linguagem, a Hipótese do Aspecto não parece encontrar respaldo na Teoria Gerativa. Se semelhante hipótese estivesse correta, a relação entre o aspecto gramatical e o aspecto lexical deveria ser rígida. Por exemplo, sempre que um verbo télico fosse produzido, ele deveria estar associado a uma marca de perfectivo. Da mesma forma, sempre que um verbo atélico fosse produzido, ele deveria estar associado a uma marca de imperfectivo. Assim sendo, no estado inicial, o sistema computacional deveria dispor de uma operação específica para adicionar uma marca de perfectivo a um verbo télico e uma marca de imperfectivo a um verbo atélico, o que não parece ser o caso.

Suspeitamos que a dominância da Hipótese do Aspecto tenha relação com um problema tratado em Castilho (2016). Ao discorrer sobre o processo de gramaticalização, o autor teceu críticas às percepções que alguns estudiosos funcionalistas preconizaram sobre a língua. Dentre os objetos de sua crítica está a percepção de que “os produtos linguísticos avançam do léxico para a gramática, de tal sorte que categorias lexicais dão origem a categorias gramaticais” (CASTILHO, 2016, p. 139). Ao formular sua crítica, Castilho (2016) faz o seguinte questionamento: se o léxico e a gramática integram sistemas diferentes, organizados cada um deles com categorias próprias, por que não assumir que cada domínio tem seu próprio ritmo,

⁴³ Exemplo disso é Araújo (2015) que, em seu estudo sobre a aquisição do aspecto no PB, sugere que o aspecto lexical controla o uso dos morfemas flexionais em etapas iniciais de aquisição de linguagem.

funcionando sem determinações oriundas de outro domínio? Considerando essa indagação, o predomínio da Hipótese do Aspecto parece ter decorrido dessa percepção do léxico como um domínio primitivo, sendo a gramática um domínio dele derivado.

Tendo mostrado que a Hipótese do Aspecto não pode ser assentada em bases gerativistas, resta-nos avaliar tal hipótese em relação aos dados das crianças investigadas. Para tal, concluímos o tratamento das questões teóricas pertinentes a esta tese com a discussão acerca das abordagens para a aquisição da linguagem que realizamos no capítulo seguinte.

4 AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM

A não ser quando da produção das primeiras palavras, o processo de aquisição da linguagem costuma passar despercebido. A partir de observações informais, é possível dizer que o momento mais perceptível do desenvolvimento linguístico infantil é justamente aquele em que as crianças proferem suas primeiras palavras. Ao que parece, as etapas anteriores à produção lexical inicial, como é o caso do estágio em que as crianças começam a balbuciar, assim como as etapas subsequentes a esse marco, como é o caso do estágio em que as crianças começam a fazer combinações entre palavras, não despertam tanta atenção.

Mesmo em contexto formal, o prefixo *pré* em *pré-linguístico*, uma qualificação atribuída ao período que antecede a produção lexical, pode ter o indesejado efeito de sugerir que sequer há algum tipo de desenvolvimento linguístico antes que as crianças produzam suas primeiras palavras. De qualquer maneira, passado esse ponto do desenvolvimento linguístico, em pouco tempo e de forma natural, as crianças completarão o processo de aquisição de sua língua enfrentando os mais diversos desafios que qualquer sistema linguístico impõe aos seus aprendizes. Portanto, embora as crianças façam parecer que a aquisição da linguagem é um processo simples, não podemos nos esquecer de que o sistema com o qual elas lidam é altamente complexo.

Esse contraste entre o modo como se dá a aquisição e a natureza do que é adquirido levou diversos estudiosos a sugerir uma espécie de programa de desenvolvimento para a aquisição da linguagem. A partir da experiência linguística, esse programa especificaria a sequência e o tempo dos eventos gerais do processo de aquisição, assim como certos aspectos mais específicos. Além das abordagens que recorrem a algum programa específico para explicar o modo como as crianças chegam a adquirir uma língua, existem aquelas que descrevem o curso da aquisição da linguagem com base em habilidades cognitivas mais gerais de aprendizado. Nessa perspectiva, a aprendizagem da língua demandaria a utilização de mecanismos analógicos, associativos e indutivos para a análise dos dados linguísticos.

Em princípio, as abordagens em questão estão associadas a duas visões distintas acerca do problema mais geral da origem do conhecimento. De um lado, a visão racionalista postula que o conhecimento provém da estrutura da mente humana, e, de outro, a visão empirista defende que a fonte do conhecimento é a experiência. Neste capítulo, discutimos questões concernentes ao modo como as abordagens racionalistas e empiristas divergem ao tentar explicar a aquisição da linguagem, e ainda buscamos avançar uma discussão sobre o que seria uma abordagem minimalista da aquisição da linguagem. Iniciamos essa discussão na seção 4.1

com algumas considerações relativas aos estágios pelos quais as crianças passam durante a aquisição da linguagem. Em seguida, na seção 4.2, discorreremos sobre as abordagens teóricas para o estudo da aquisição da linguagem. Na sequência, na seção 4.3, exploramos os fundamentos de uma perspectiva minimalista para a aquisição da linguagem.

4.1 Estágios de aquisição: o caminho a ser percorrido durante o desenvolvimento linguístico

Adquirir uma língua significa adquirir um sistema simbólico, combinatório, restritivo e recursivo. O sistema linguístico é simbólico porque suas unidades representam uma infinidade de possíveis significados; é combinatório porque suas unidades são combinadas para formar unidades cada vez mais complexas; é restritivo porque existem regras que governam a combinação das unidades linguísticas; e é recursivo porque o mecanismo combinatório aplica-se indefinidamente ao seu próprio resultado. Tendo em mente o que as crianças precisam adquirir, resta então compreender como o processo de aquisição se desenvolve. Para isso, algumas considerações acerca dos estágios pelos quais as crianças passam durante a aquisição da linguagem é de substancial importância.

Podendo a idade variar de uma criança para outra, o que se observa é que as crianças passam por, pelo menos, três estágios durante o seu desenvolvimento linguístico: o estágio pré-linguístico, o estágio de uma palavra e o estágio de combinações múltiplas (QUADROS, 2008). O estágio pré-linguístico compreende a fase em que as crianças produzem sons que não possuem significado e começam a balbuciar. Contudo, estudos mostram que os bebês distinguem entre os contrastes fonêmicos não encontrados em sua língua nativa já nos primeiros dias de vida. Por volta de seu primeiro ano de vida, essa capacidade de discriminar sons de línguas diferentes decresce, enquanto a sensibilidade aos sons que indicam diferença de significado aumenta. É nessa fase que as crianças começam a produzir suas primeiras palavras que valem por frases. Quando isso acontece, dizemos que a criança entrou no estágio de uma palavra.

Segundo Quadros (2008), no estágio de uma palavra, as crianças costumam produzir palavras diretamente relacionadas ao seu ambiente, como graus de parentesco, partes do corpo humano, brinquedos e algumas qualidades. Nessa fase, afirma a autora, as crianças normalmente utilizam uma palavra para representar uma sentença inteira. Justamente por isso, o estágio de uma palavra é chamado de holofrásico. As palavras produzidas nesse estágio são

basicamente nomes e verbos. Há também produção de elementos interrogativos e locativos, além da negação.

No estágio subsequente, o estágio de duas palavras, as crianças começam a combinar duas palavras, observando a ordem utilizada na língua que está adquirindo (QUADROS, 2008). Nesse estágio, elas também começam a distinguir sentenças afirmativas, negativas e interrogativas; contudo, apresentam dificuldade com a 1ª e 2ª pessoas do discurso. Segundo Scliar Cabral (1977), o que acontece é que a criança utiliza uma 3ª pessoa não marcada, com ausência de oposição entre a 1ª pessoa do discurso e a referência, bem como ausência de oposição entre a 1ª e 2ª pessoas do discurso. Uma vez que há omissão de preposições, conjunções e demais elementos de ligação, a produção linguística das crianças que se encontram no estágio de duas palavras é denominada fala telegráfica.

O último estágio da aquisição é chamado de estágio de combinações múltiplas. Quadros (2008) ressalta que, nesse estágio, as crianças apresentam significativo desenvolvimento linguístico, como a produção de respostas a perguntas sim/não, de enunciados com perguntas QU e de elementos conectivos. É nessa fase que se evidencia um desenvolvimento crescente na produção de estruturas complexas, de modo que, em pouco tempo, as crianças completam a tarefa de adquirir a língua de seu ambiente, passando a apresentar produção linguística semelhante à dos adultos.

Como discutiremos na próxima seção, os principais argumentos avançados tanto por nativistas quanto por empiristas consideram que esse estado final que as crianças atingem, ou seja, a gramática mental madura, está necessariamente relacionado ao estado inicial. Todavia, há divergências quanto ao grau de abstração e complexidade desse estado inicial. Por exemplo, numa perspectiva nativista da aquisição do aspecto, há especificação abstrata dessa categoria na gramática mental da criança como parte do estado inicial. Assim, a tarefa da criança seria apenas descobrir quais palavras se enquadram na categoria e como essa categoria se comporta na língua que está adquirindo. Por outro lado, em uma visão empirista, a criança precisa formar a categoria em questão com base na análise de regularidades no *input* linguístico. Mais detalhes sobre a origem e as repercussões dessa controvérsia são apresentados a seguir.

4.2 Abordagens para o estudo da aquisição da linguagem: entre a dotação biológica e a experiência

As abordagens para o estudo da aquisição da linguagem divergem em seus pressupostos epistemológicos fundamentais, refletindo uma disputa entre interesses filosóficos concernentes

à origem do conhecimento que perdurou por séculos. De um lado, a corrente empirista, representada por nomes como Locke, Berkeley e Hume, assume que o conhecimento é derivado da experiência no ambiente. De outro lado, a corrente racionalista, que tem como seus principais representantes os filósofos Descartes e Kant, considera a estrutura da mente humana como a fonte suprema do conhecimento, admitindo, desse modo, a existência de conhecimentos *a priori*.

No contexto mais específico das reflexões sobre a origem do conhecimento linguístico, a oposição empirismo/racionalismo repercutiu na disputa entre Skinner (1957) e Chomsky (1959) na forma da polarização entre comportamentalismo e inatismo. Partindo de pressupostos distintos, os autores buscaram explicar a origem do conhecimento linguístico considerando variáveis muito diferentes. Skinner (1957), em *Verbal Behavior*, tentou aplicar o modelo behaviorista clássico à aprendizagem das línguas, procurando explicar o comportamento verbal a partir dos processos de estímulo e resposta. Nesse caso, uma criança aprenderia uma determinada língua porque seria estimulada positivamente ao produzir estruturas corretas, ou negativamente quando assim não fizesse.

Evidentemente, dificuldades são impostas à abordagem comportamentalista quando a produção de estruturas completamente novas por parte das crianças está em causa. A maneira como os behavioristas buscaram tratar essa questão foi a partir da postulação de um mecanismo geral de desenvolvimento. Nesse caso, uma generalização analógica possibilitaria que a criança construísse estruturas nunca ouvidas com base em estruturas já aprendidas.

Em sua resenha do texto de Skinner, *A Review of B. F. Skinner's Verbal Behavior*, Chomsky (1959) argumentou que um modelo comportamentalista da aprendizagem não poderia explicar a geratividade da linguagem. Ao contrário de Skinner, Chomsky atentou para as causas internas da linguagem, postulando noções como representação mental e regras de processamento internas.

Chomsky problematizou a suposição de mecanismos de generalização analógica a partir do que ficou conhecido como dependência estrutural. Um caso de dependência estrutural foi descrito por Chomsky (1987 [1978] p. 67-68). Segundo o autor, para dar conta da formação de perguntas em inglês conforme o par dado em (1), as crianças poderiam trabalhar com duas hipóteses: (i) as perguntas são formadas com a transposição da primeira ocorrência de *is* para o início da sentença; e (ii) as perguntas são formadas com a transposição da primeira ocorrência de *is* que segue o primeiro sintagma nominal para o início da sentença.

- (1) The man is here.
 Is the man ~~is~~ here?
- 

No primeiro cenário, a criança produziria sentenças agramaticais como (2b). No segundo, a criança teria que analisar a sentença em sintagmas abstratos para construir sentenças como (2c), o que demonstraria sensibilidade à dependência estrutural.

- (2) a. The man who is here is tall.
 b. *Is the man who here is tall?
 c. Is [the man who is here] tall?

Para além de uma análise linear, os casos de dependência estrutural exigem um tratamento mental abstrato que indica que a parte entre colchetes em (2c) é uma unidade de um tipo particular. Em virtude de sua natureza abstrata, as propriedades que regulam a formação de perguntas em inglês não estão explícitas nos estímulos linguísticos disponíveis para as crianças.

Ainda que o debate entre Skinner e Chomsky tenha ocorrido de forma assimétrica, no sentido de que Skinner não se preocupou em fornecer uma resposta à objeção de Chomsky e de que a *Review* teve mais repercussão do que o próprio *Verbal Behavior*, as questões aí tratadas estimularam diversas discussões posteriores sobre o desenvolvimento da linguagem e embasaram outros debates mais consistentes do ponto de vista teórico, como o que se travou em Piatelli-Palmarini (1987 [1978]) em torno das ideias de Piaget e de Chomsky.

Ao contrário do que ocorreu no debate entre Skinner e Chomsky, a questão agora não consiste mais em saber se o conhecimento linguístico é inato ou aprendido, mas o que exatamente é inato e o que exatamente é aprendido. Tanto Piaget quanto Chomsky partem do postulado de que é impossível haver conhecimento sem algum tipo inato de organização cognitiva. No entanto, Piaget afirma que não existem estruturas cognitivas inatas. Nessa perspectiva, as estruturas cognitivas seriam o resultado necessário do desenvolvimento da inteligência sensório-motora, esta, sim, e somente esta, hereditária. Por outro lado, Chomsky defende que as estruturas cognitivas já estariam especificadas geneticamente, cabendo aos estímulos do ambiente desencadear essas estruturas pré-determinadas. Com isso, vemos que não é a oposição empirismo/racionalismo que melhor captura as divergências entre Piaget e Chomsky. A proposta de Piaget é essencialmente racionalista. Se quisermos lançar mão de uma oposição para distinguir as propostas em questão, a mais adequada é aquela que contrapõe o

inatismo ao construtivismo. Portanto, se a oposição ao behaviorismo parece aproximar os dois teóricos, não há dúvidas de que as divergências respeitantes ao inatismo os distanciam.

Embora o antiempirismo de Piaget e Chomsky possa dar a entender que as perspectivas racionalistas tenham superado as empiristas, diversas abordagens correntes revelam que a velha controvérsia entre os paradigmas racional e empírico ainda permanece de alguma forma. Para manter a perspectiva bipartida que adotamos desde o início desta seção, atualizamos a oposição racionalismo/empirismo na forma do par opositivo nativismo/emergentismo. Uma comparação entre as abordagens paramétricas, de um lado (seção 4.2.1), e propostas como a aprendizagem estatística e a teoria da aquisição baseada no uso (seção 4.2.2), de outro, mostra como o debate tem sido travado nos dias atuais. Antes de focalizarmos essas questões, ressaltamos que, conforme a observação de MacWhinney (1999), o emergentismo não rejeita o nativismo. Trata-se, segundo o autor, de uma forma de ligar uma crescente compreensão do cérebro com novas teorias da cognição, fornecendo explicações em que as estruturas emergem da interação de processos conhecidos.

4.2.1 Abordagens nativistas

De acordo com as abordagens nativistas, a aquisição de uma língua não tem o caráter de aprendizagem. Em condições normais, as línguas surgem no momento apropriado, bastando que a criança seja exposta a estímulos linguísticos. O argumento que embasa as abordagens nativistas é o chamado argumento da pobreza de estímulo, segundo o qual muito do que as crianças sabem sobre sua língua vai além do que seu ambiente linguístico justifica. Tal como abordado em Chomsky (1980), o argumento da pobreza de estímulo reflete a discrepância entre o conhecimento e a experiência: por um lado, as análises linguísticas revelaram uma estrutura complexa de regras e relações subjacentes ao conhecimento linguístico; por outro lado, as observações empíricas mostraram que as crianças adquirem a sua língua num período de tempo relativamente curto e com base em experiência linguística limitada. Como a experiência linguística não poderia explicar o conhecimento que as crianças adquirem, Chomsky (1980) propôs, então, que a linguagem é inata e ricamente estruturada.

Nessa perspectiva, a tarefa pertinente ao linguista seria a de determinar quão rica deve ser a GU para explicar a aquisição da linguagem, o que Chomsky (2007, p. 4) chama de uma “abordagem *top-down*”⁴⁴. Numa abordagem em que a GU é caracterizada como complexa, a

⁴⁴ Throughout the modern history of generative grammar, the problem of determining the character of FL has been approached “from top down”: How much must be attributed to UG to account for language acquisition? The MP

aquisição da linguagem é explicada em termos de um conjunto de princípios, que estabelece as condições limítrofes dentro das quais as crianças podem atuar para formar suas gramáticas, e da fixação de um conjunto de parâmetros, que permite o preenchimento dos detalhes associados à distinção entre as línguas.

No modelo clássico de definição paramétrica, a fixação dos parâmetros era em grande parte uma questão de especificação genética juntamente com uma contribuição mínima da experiência. Isto é, os diversos aspectos da gramática que estavam associados à distinção entre as línguas foram concebidos como parte do estado inicial da FL, ao lado de princípios linguísticos universais. Portanto, o entendimento era o de que a FL devia conter tanto um conjunto de princípios linguísticos gerais quanto um conjunto finito de parâmetros que estabelecia opções relativas à variação entre as línguas.

Inicialmente vinculados aos princípios da GU, os parâmetros passaram a ser associados a uma classe específica de itens lexicais: as categorias funcionais. Essa proposta foi introduzida por Borer (1984) e repercutiu rapidamente nos estudos em aquisição da linguagem. Segundo a autora, uma vez que o inventário de regras flexionais e de formativos gramaticais é idiossincrático e aprendido com base em dados do *input*, o peso da aprendizagem deve ser colocado exatamente onde há fortes evidências de aprendizado: o léxico e suas propriedades idiossincráticas. Assim, afirma a autora, não há motivo para assumir que “os dados aos quais a criança está exposta se baseiam diretamente em princípios universais”, nem que a criança seleciona entre sistemas gramaticais concorrentes (BORER 1984, p. 29)⁴⁵.

A afirmação de Borer (1984) tem sido adotada para expressar a visão de que a variação paramétrica é limitada ao léxico. Mais especificamente, o entendimento atual é o de que os parâmetros estão associados a propriedades de uma classe específica de itens lexicais: as categorias funcionais. Uma vez que a abordagem cartográfica propôs uma estrutura funcional rica que varia entre as línguas, um movimento natural foi justamente a vinculação dos parâmetros às propriedades dos núcleos funcionais. Contudo, mesmo após a suposição de Borer (1984), diversos pesquisadores em aquisição da linguagem argumentam que os possíveis traços

seeks to approach the problem "from bottom up": How little can be attributed to UG while still accounting for the variety of I-languages attained, relying on third factor principles? (CHOMSKY, 2007, p. 4).

⁴⁵ It is worth concluding this chapter by reiterating the conceptual advantage of a system that reduces all interlanguage variation to the properties of the inflectional system. The inventory of inflectional rules and of grammatical formatives in any given language is idiosyncratic and learned on the basis of input data. If all interlanguage variation is attributable to that system, the burden of learning is placed exactly on that component of grammar for which there is strong evidence of learning: the vocabulary and its idiosyncratic properties. We no longer have to assume that the data to which the child is exposed bear directly on universal principles, nor do we have to assume that the child actively selects between competing grammatical systems. Rather, just by learning the inflectional rules operating in her/his environment, the possibilities offered by UG are narrowed down so as to give rise to Core Grammar (BORER 1984, p. 29).

formais associados aos núcleos funcionais devem ser especificados na GU, o que, como argumentaremos na seção 4.3, não parece ser compatível com o objetivo minimalista de reduzir a complexidade da GU.

Em linhas gerais, além do modelo clássico, existem, pelo menos, quatro propostas mais recentes para a configuração paramétrica. São elas: o modelo VEPS (Very Early Parameter Setting – Fixação de parâmetros muito cedo), de Wexler (1998), o modelo de Aquisição Hierárquica, de Baker (2005); o modelo Variacional, de Yang (2004); e o modelo da subespecificação, de Roberts e Holmberg (2010). Embora todos os modelos em questão decorram da Teoria de Princípios e Parâmetros, eles se diferenciam, de acordo com a revisão empreendida por Thornton e Crain (2013), no que diz respeito às seguintes características: uniformidade, ordenação, valor inicial, *input*, trajetória e conformidade. Tais características estão associadas às seguintes perguntas:

- a) Uniformidade: as crianças são expostas a um conjunto uniforme de dados?
- b) Ordenação: os parâmetros são definidos em uma ordem específica ou em qualquer ordem?
- c) Valor inicial: as crianças iniciam a fixação paramétrica com um valor *default*?
- d) *Input*: é necessária uma certa quantidade de dados para configurar um parâmetro?
- e) Trajetória: qual é o padrão de desenvolvimento que as crianças devem exibir ao selecionar o valor de um parâmetro? As mudanças são repentinas?
- f) Conformidade: as crianças seguem o mesmo curso através das opções paramétricas?

A seguir, apresentamos resumidamente cada um dos modelos mencionados.

4.2.1.1 VEPS

O modelo VEPS, conforme proposto por Wexler (1998), difere do modelo clássico no que diz respeito ao período de tempo necessário para a configuração dos parâmetros. Ambos os modelos propõem que as possíveis diferenças nos dados linguísticos primários, os quais são caracterizados como uniformes e abundantes, têm pouco impacto no curso da definição dos parâmetros; contudo, o tempo exigido para que as crianças comecem a fixá-los é menor no modelo VEPS. De acordo com Wexler (1998), os parâmetros básicos são fixados por volta dos 18 meses. Para o autor, essa fixação precoce não está relacionada à ordenação: embora as crianças comecem com um único valor, o modelo VEPS assume que os parâmetros são

independentes. Dada a expectativa de que todos os parâmetros básicos sejam definidos por volta dos 18 meses, a formação da gramática é caracterizada por mudanças abruptas dentro de um curto período de tempo.

4.2.1.2 O modelo hierárquico

Baker (2005) propôs um modelo hierárquico de fixação paramétrica com o objetivo claro de unificar a tipologia e a aquisição da linguagem. Nessa perspectiva, os parâmetros que ocupam posições mais altas na hierarquia, os macroparâmetros, fazem cortes tipológicos entre grandes famílias de línguas. Conforme a criança avança na hierarquia dos parâmetros em direção aos que estão mais próximos da base, isto é, em direção aos microparâmetros, a distinção entre as línguas torna-se cada vez mais fraca. A ordenação hierárquica dos parâmetros garante que sua fixação ocorra em uma ordem específica, de modo que as crianças possam eliminar todos os parâmetros subordinados aos valores não selecionados dos parâmetros mais altos. Assim, os parâmetros mais baixos devem aguardar as opções fornecidas pelos parâmetros dominantes na hierarquia. Embora certos grupos de parâmetros nunca sejam considerados pelas crianças, todos os parâmetros e seus valores potenciais estão pré-fixados na GU. Como no modelo VEPS, as crianças começam com um único valor, a formação da gramática é determinada por mudanças abruptas e os dados linguísticos primários têm pouco impacto no curso da fixação paramétrica.

4.2.1.3 O modelo Variacional

Assim como o modelo clássico, o modelo Variacional, tal como proposto por Yang (2004), supõe que os valores alternativos dos parâmetros são especificados como parte da dotação genética da espécie. A particularidade do modelo Variacional é a suposição de que as crianças começam inicialmente com os dois valores de um determinado parâmetro ativos e em competição. Assim, as crianças inicialmente analisam o *input* com base em duas gramáticas concorrentes. Se uma delas analisar o *input* com sucesso, então essa gramática será reforçada, aumentando sua probabilidade de ser utilizada no futuro. Por outro lado, se a gramática com o valor do parâmetro alternativo for incapaz de analisar esse mesmo *input*, ela será penalizada, o que reduzirá suas chances de ser selecionada futuramente. Uma vez que os parâmetros são definidos com base em mecanismos estatísticos, a configuração paramétrica deverá ser gradual, e não abrupta, o que contrasta com a suposição do modelo clássico de acionamento, em que os

valores dos parâmetros simplesmente alternam de um para o outro, como sugerido pela metáfora do *switch*.

4.2.1.4 O modelo da Subespecificação

Em seu modelo da subespecificação, Roberts e Holmberg (2010) supõem que todos os parâmetros são microparâmetros. Subespecificação, nessa perspectiva, significa que há uma especificação *default* para um dado traço formal. Para os autores, os macroparâmetros, como os que foram anunciados em Baker (2005), são epifenomenais, isto é, são o resultado de uma rede de microparâmetros, que se desenvolve em função da necessidade de incorporar traços formais marcados. Assim, em vez de um macroparâmetro que define a direção do núcleo como inicial ou final para todas as categorias sintáticas, tal como propôs Baker (2005), a direção de cada núcleo poderia ser definida separadamente, com uma convenção de marcação que estimula uma ordem harmônica para todos os núcleos. Nesse caso, um sistema de parâmetros não marcado seria composto por um conjunto harmônico de microparâmetros. No modelo da subespecificação, as crianças começam inicialmente com um único valor não marcado de parâmetro. Roberts e Holmberg (2010) também propõem que os traços formais associados aos núcleos funcionais devem estar especificados na FL de forma inata.

Um quadro comparativo entre o modelo clássico e os quatro modelos em questão conforme as seis características mencionadas anteriormente (uniformidade, ordenação, valor inicial, *input*, trajetória e conformidade) foi elaborado por Thornton e Crain (2013, p. 960). Com o intuito de resumir as informações apresentadas nesta seção, reproduzimos o quadro a seguir.

Quadro 8 – Comparação entre os modelos de variação paramétrica

	Clássico	VEPS	Hierárquico	Variacional	Subespecificação
Uniformidade	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM
Ordenação	NÃO	NÃO	SIM	NÃO	NÃO?
Valor inicial	A ou B	A ou B	A ou B	A e B	<i>Default</i> A
Requisito de <i>input</i>	SIM	SIM	SIM	NÃO	SIM?
Trajetória	SIM	SIM	SIM	NÃO	SIM?
Conformidade	SIM	NÃO	SIM	NÃO	NÃO

Fonte: Thornton e Crain (2013, p. 960)

De acordo com o quadro 8, todos os modelos compartilham a suposição de que crianças de uma dada comunidade linguística são expostas a um conjunto uniforme de dados. Quanto à ordenação, apenas o modelo hierárquico assume explicitamente que os parâmetros são definidos em uma ordem específica. Em relação ao valor inicial, somente o modelo variacional propõe que as crianças começam com dois valores de parâmetros concorrentes. No que diz respeito ao parâmetro requisito de *input*, a posição de que os dados linguísticos primários estão disponíveis em quantidade suficiente para garantir a aquisição dos parâmetros só não é compartilhada pelo modelo variacional. Com respeito à trajetória, enquanto os parâmetros são fixados gradualmente no modelo variacional, eles sofrem mudanças repentinas nos demais modelos. A propósito do parâmetro conformidade, somente os modelos clássico e hierárquico não postulam diferenças individuais no curso da fixação paramétrica.

Nesta subseção, pontuamos os modelos de configuração de parâmetros que têm sido empregados nos estudos em aquisição da linguagem. A seguir, consideramos duas abordagens alternativas aos modelos que aqui foram tratados.

4.2.2 Abordagens emergentistas

No cenário atual, são poucos os estudiosos que não concordam com a ideia de que os seres humanos possuem uma capacidade especial para adquirir uma língua. No entanto, o que, de fato, constitui essa capacidade e como ela é empregada na aquisição da linguagem são pontos em relação aos quais ainda não se chegou a um consenso. Se, por um lado, os nativistas argumentam a favor da existência de princípios ou mecanismos inatos que possibilitam a aquisição de uma língua, por outro lado, os emergentistas alegam que a aquisição da linguagem pressupõe algum tipo de procedimento de domínio geral que permite a formação de padrões linguísticos com base em regularidades presentes no *input*. Na conceituação formulada por Whinney (1999), o emergentismo diz respeito a uma tentativa de articular avanços obtidos nos estudos do cérebro humano com novas teorias da cognição, fornecendo explicações em que as estruturas emergem da interação de processos conhecidos. De um modo geral, os emergentistas costumam incorporar duas principais propostas em suas explicações para o desenvolvimento da linguagem: a aprendizagem estatística, conforme descrita por Thiessen (2009), e a teoria da aquisição baseada no uso, tal como descrita em Tomasello (2009).

A aprendizagem estatística propõe que a principal tarefa da criança que adquire uma língua é detectar as regularidades do *input* linguístico. Claramente, a identificação de padrões não é específica do domínio linguístico, mas faz parte das habilidades cognitivas gerais. Quanto

à hipótese da aquisição baseada no uso, trata-se de uma proposta que enfatiza a primazia do fator pragmático na comunicação humana. Nesse quadro, a aquisição de uma língua dependeria de habilidades cognitivas gerais que auxiliariam no reconhecimento das intenções dos falantes adultos, assim como na construção de categorias abstratas com base na aprendizagem item por item. Ambas as propostas são brevemente tratadas a seguir.

4.2.2.1 Aprendizagem estatística

A aprendizagem estatística diz respeito ao processo de identificação de unidades no *input* a partir da análise da probabilidade de ocorrência dessas unidades (THIESSEN, 2009). Trata-se de uma habilidade de domínio geral, já que ela é utilizada em diversos outros campos da cognição além da linguagem. Não só os humanos, desde os bebês até os adultos, mas também outras espécies apresentam evidências de aprendizado estatístico, o que sugere, segundo Kirkham *et al.* (2002), que o mecanismo subjacente à aprendizagem estatística é evolutivamente antigo e presente desde o nascimento.

O experimento clássico acerca da segmentação de palavras conduzido por Safran *et al.* (1996) fornece um exemplo claro de aprendizagem estatística. No experimento, bebês com idade de oito meses ouviram sons sequenciados formados por quatro combinações de unidades CV (consoante-vogal) sem pistas acústicas (golabu, padoti, tupiro e bidaku). O que precisamos observar em relação a esses dados é que, no interior de uma palavra, uma sílaba sempre prevê outra. Por exemplo, em *golabu*, *la* ocorreu depois de *go* em 100% das vezes. Já em fronteira de palavras, como em *bupado*, a sílaba subsequente é imprevisível. De acordo com Swingley (2005), isso imita a seguinte propriedade das línguas naturais: sequências sonoras são mais previsíveis dentro das palavras do que em limites de palavras. O resultado desse experimento foi que os bebês distinguiram as sequências previsíveis (golabu) das sequências imprevisíveis (bupado).

Uma vez que o mecanismo de aprendizagem estatística opera sobre informações estatísticas disponíveis no ambiente, uma questão relevante é a que diz respeito aos tipos de estatísticas que as crianças detectam. De acordo com Thiessen (2009), é possível agrupar essas estatísticas em duas grandes categorias: as condicionais, que especificam a probabilidade de um evento Y em relação a um evento X, e as distribucionais, que avaliam a tendência central e a variabilidade de membros de uma população.

Dentre as estatísticas condicionais, a probabilidade de transição é a mais conhecida. Conforme Thiessen (2009), a probabilidade de transição entre dois itens X e Y pode ser

formalizada como o número de vezes que a sequência X-Y ocorre dividido pelo número de vezes que X ocorre. Por exemplo, se a sequência X-Y ocorre 50 vezes e X ocorre 100 vezes, então a probabilidade de transição entre X e Y é 0.5, o que significa que, quando X ocorre, é seguido por Y em 50% das vezes. Outro tipo de estatística condicional é a probabilidade de coocorrência, isto é, a probabilidade de que dois ou mais eventos ocorram juntos. Todavia, Thiessen (2009) ressalta que as probabilidades de coocorrência são mais uma medida da força da relação entre dois ou mais itens do que sua simples frequência de coocorrência.

Outros tipos de informações estatísticas que as crianças podem detectar no ambiente são, como já mencionado, as estatísticas distribucionais. De acordo com Thiessen (2009), as estatísticas distribucionais refletem a frequência relativa de um evento. Por exemplo, se X ocorre setenta vezes e Y ocorre trinta vezes, dizemos que a probabilidade distributiva de X é de 70%. Enquanto as estatísticas condicionais descrevem a força da relação entre dois ou mais itens, as estatísticas distribucionais descrevem as tendências centrais e a variabilidade de um grupo de eventos.

Como mencionamos no início desta seção, adultos e outras espécies são capazes de aprender estatisticamente. Isso conduz a uma das questões mais intrigantes da aquisição da linguagem: por que, então, os bebês aprendem a língua com mais sucesso do que qualquer outro animal e do que a maioria dos adultos? Como resposta a essa pergunta, o que diversos estudiosos têm proposto é que os fatores que restringem a aprendizagem estatística, como habilidade de processamento de informação, percepção e experiência prévia, mudam não só de uma espécie para outra, mas também com o passar do tempo no caso de uma mesma espécie. Newport (1990), por exemplo, argumenta que, justamente em função desses fatores, bebês e adultos expostos ao mesmo *input* podem internalizar representações muito distintas sobre as quais os cálculos estatísticos são realizados.

4.2.1.2 A teoria da aquisição baseada no uso

Segundo Tomasello (2009), a teoria da aquisição baseada no uso pode ser resumida por meio dos seguintes aforismos: (i) significado é uso e (ii) estrutura emerge do uso. O primeiro aforismo representa uma abordagem da dimensão funcional ou semântica da comunicação linguística que se originou com a postura de Wittgenstein (1953) de combater a ideia de que os significados são coisas e, em contraste, focalizar em como as pessoas usam convenções linguísticas para alcançar fins sociais. Já o segundo representa uma abordagem da dimensão estrutural ou gramatical da comunicação linguística que foi explicitada na atitude de Langacker

(2000) de combater a ideia de uma gramática puramente formal e, em contraste, focar em como as construções gramaticais emergem de atos individuais de uso da língua.

Paralelamente a esses dois aforismos, Tomasello (2009) propõe que as crianças chegam ao processo de aquisição da linguagem, por volta de um ano de idade, equipadas com dois conjuntos de habilidades cognitivas: a leitura de intenções (dimensão funcional) e a descoberta de padrões (dimensão gramatical). Ler intenções é o que as crianças devem fazer para discernir os objetivos ou intenções dos falantes adultos quando eles usam convenções linguísticas para alcançar fins sociais e, assim, aprender essas convenções culturalmente. Encontrar padrões é o que elas devem fazer para ir além dos enunciados que ouvem e, assim, criar esquemas ou construções linguísticas abstratas.

Como é possível notar, a teoria da aquisição baseada no uso contesta a ideia de que é possível explicar a aquisição da competência gramatical a partir da aprendizagem de palavras individuais e, posteriormente, do emparelhamento das palavras aprendidas com regras abstratas. Ao contrário, o que a referida abordagem supõe é que as crianças iniciam a aquisição de sua língua a partir da produção e da compreensão de sentenças significativas como um todo. Assim, a investigação gira em torno da maneira como as crianças extraem as palavras com suas funções de enunciados e, ao mesmo tempo, como elas encontram padrões analógicos entre enunciados e, assim, abstraem construções gramaticais significativas.

Segundo Tomasello (2009), as crianças começam a elaborar construções mais abstratas entre dois e três anos de idade, tendo cada uma delas uma função particular no sentido dos contextos comunicativos nos quais é apropriadamente utilizada. Exemplos de algumas construções abstratas seriam as seguintes: transitivas simples e intransitivas, dativas, locativas e passivas. As transitivas simples e intransitivas indicam uma atividade ou estado de coisas. Enquanto as construções transitivas simples (SN + V + SN) denotam uma cena em que há dois participantes, sendo que um age sobre outro, as intransitivas (SN + V) denotam uma atividade em que há um único participante. Nesse caso, é possível que um agente faça algo (inergativas) ou que algo aconteça a alguém (inacusativas). As dativas (SN + V + SN para SN) indicam a transferência de objetos (e outras coisas) entre as pessoas. As locativas (colocar SN em SN) indicam relações espaciais ou causais. As passivas (SN + ser + V + por SN) indicam coisas que acontecem a pessoas ou a outras coisas.

O ponto central da teoria da aquisição baseada no uso é que a competência gramatical inicial das crianças é conceituada não em termos de regras computacionais abstratas sem conteúdo semântico, mas em termos de padrões construtivos convencionalmente associados a um conteúdo semântico particular. Assim, o que a criança precisa entender, argumenta

Tomasello (2009), é que quando o adulto produz um enunciado que se ajusta a um padrão linguístico particular, ele pretende um tipo particular de significado. Para descobrir padrões, as crianças utilizariam habilidades de domínio geral, como categorização, analogia e análise distribucional.

A aprendizagem estatística e a teoria da aquisição baseada no uso constituem, portanto, duas das principais alternativas às abordagens nativistas. Na próxima seção, apresentamos a postulação de Chomsky (2005) acerca dos três fatores para o desenvolvimento da linguagem e argumentamos que tal proposta constitui as bases para uma abordagem minimalista para a aquisição da linguagem. Como será possível notar, a visão minimalista da linguagem parece ser compatível com a ideia de que a aquisição da linguagem demanda mecanismos de domínio geral.

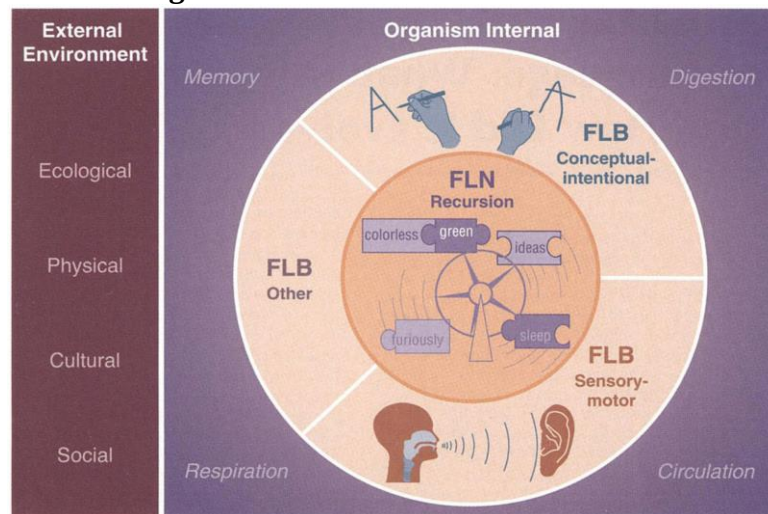
4.3 Em busca de uma abordagem minimalista para a aquisição da linguagem

O objetivo da discussão que propomos nesta seção é explorar os fundamentos do que seria uma abordagem minimalista para a aquisição da linguagem. No capítulo introdutório desta tese, observamos que o PM está comprometido com o objetivo de alcançar uma explicação dos fenômenos linguísticos baseada em princípios gerais que se relacionam não apenas com a linguagem, mas com a cognição geral ou mesmo com o mundo natural. Para atingir tal propósito, o PM explora a possibilidade de que a linguagem é um *design* perfeito para satisfazer condições de legibilidade na sua interação com outros sistemas cognitivos (seção 2.6). A ideia, de acordo com Chomsky (2002)⁴⁶, é a de que a FL não pode ser utilizável a menos que se envolva com sistemas de fala e pensamento, sendo que esse envolvimento determina, em grande medida, as propriedades da linguagem. Dito de outra forma, para que a FL seja utilizável, ela deve interagir com os sistemas externos, e para que isso seja possível, ela deve possuir propriedades que possibilitem tal interação.

Hauser *et al.* (2002) e Fitch *et al.* (2005), defenderam a ideia de que muitas das propriedades da linguagem podem ser identificadas em outras espécies, o que imediatamente levanta o problema da especificidade da linguagem. Nessa perspectiva, Hauser *et al.* (2002) avançam a hipótese de que a recursão é a única propriedade da FL exclusiva dos seres humanos e específica da linguagem. Essa proposta encontra-se representada na figura 16 a seguir, que extraímos dos próprios autores.

⁴⁶ The language faculty has to interact with those systems, otherwise it's not usable at all (CHOMSKY, 2002, p. 108)

Figura 16 – O conteúdo da FL



Fonte: Hauser *et al.* (2002, p. 1570)

Como mostra a figura 16, Hauser *et al.* (2002) distinguem entre a faculdade da linguagem no sentido estrito (FLN – *faculty of language in the narrow sense*) e a faculdade da linguagem no sentido amplo (FLB – *faculty of language in the broad sense*). A FLN contém propriedades exclusivas dos seres humanos e exclusivas da linguagem, e a FLB compreende todas as outras propriedades de algum modo envolvidas na linguagem, que podem ser compartilhadas com outras espécies ou desempenhar funções em outros domínios cognitivos.

Dada a caracterização da FL conforme a figura 16, o problema agora é o seguinte: o que podemos esperar da GU? O que observamos na seção 2.1 foi que enquanto a FL diz respeito a um sistema biológico/cognitivo, a GU denota a teoria do estado inicial desse sistema, isto é, os aspectos da FL que são geneticamente determinados. Portanto, se a recursão é a única propriedade da FL exclusiva dos seres humanos e específica da linguagem, só podemos concluir que a GU deve ser simples. E é exatamente isso que Chomsky parece ter em mente quando (2008)⁴⁷ afirma o seguinte:

A abordagem de Princípios e Parâmetros levantou outra questão: E os princípios da GU? De onde eles vêm? Se eles estão na gramática universal, se eles são parte da dotação genética, então eles tiveram que evoluir de alguma forma. Mas eles não poderiam ter evoluído muito porque são um desenvolvimento recente, o que evoluiu nesse curto período de tempo não pode ser complexo. Portanto, o que prevemos é que algum outro princípio externo à linguagem interagiu com uma pequena mutação que deu origem à gramática universal. Isso estabelece uma nova meta de pesquisa para ver se podemos determinar que **os princípios da GU não têm a complexidade que eles pareciam ter, mas são na verdade o resultado da aplicação de princípios não-linguísticos, talvez não-humanos, a qualquer pequena mudança ocorrida no**

⁴⁷ www.youtube.com/watch?v=rnLWSC5p1XE

cérebro. Essa pequena mudança foi provavelmente a capacidade de realizar uma enumeração recursiva. (Chomsky, 2008, grifo nosso).

Como está claro na fala de Chomsky, essa nova meta de pesquisa, o PM, busca compreender até que ponto a aparente complexidade da GU é apenas um epifenômeno da interação entre a capacidade da recursão e os princípios gerais não específicos da linguagem. Na verdade, Hauser *et al.* (2002) já tinham feito essa afirmação anteriormente quando alegaram que

os processos gerativos do sistema linguístico podem fornecer uma solução quase ótima que satisfaça as condições da interface para o FLB. Muitos dos detalhes da linguagem que são o foco tradicional do estudo linguístico [...] podem representar **subprodutos** dessa solução, gerados automaticamente por restrições neurais/computacionais pela estrutura de componentes da FLB que estão fora da FLN (HAUSER, 2002, p. 1574, grifo nosso).

Com isso, grande parte da complexidade atribuída à GU nas abordagens pré-minimalistas foi deslocada para fora dela, o que retirou o peso da explicação dos fenômenos linguísticos da dotação genética, transferindo-o para os princípios gerais relacionados não apenas à cognição humana, mas a outras espécies. Portanto, se é verdade que a visão pré-minimalista era a de que a linguagem consistia em um sistema complexo, substancialmente determinado pela dotação genética e fundamentalmente autônomo em relação a outros domínios cognitivos, um sistema com tais características não pode ser sustentado numa perspectiva minimalista. Além do mais, mesmo em suas suposições pré-minimalistas, Chomsky nunca foi categórico ao qualificar a linguagem dessa forma. Pelo contrário, havia certa cautela em suas declarações, de modo que a suposição de uma estrutura inata e rica era sempre justificada pelo argumento da pobreza de estímulos. Isso é o que mostra a passagem seguinte.

O argumento da pobreza de estímulos não nos deixa nenhuma alternativa **razoável** senão supor que as propriedades da linguagem são de algum modo determinadas na gramática universal, como parte do genótipo (CHOMSKY, 1980, p. 66, grifo nosso).

Nessa passagem, podemos observar a atitude cautelosa de Chomsky (1980), na medida em que o autor afirma que, em face do argumento da pobreza de estímulos, a única alternativa “razoável” é supor a existência de uma estrutura complexa e geneticamente codificada. Mais adiante, Chomsky (1980, p. 215) volta a apresentar uma postura cautelosa ao discutir a possibilidade de que princípios gerais da cognição humana pudessem estar envolvidos na FL.

Parece haver pouca razão para supor, **por enquanto**, que existam princípios gerais de estrutura cognitiva, ou mesmo de cognição humana, expressáveis em algum nível superior, a partir dos quais as propriedades particulares de determinados órgãos mentais, como a faculdade da linguagem, podem ser deduzidas, ou mesmo que haja analogias esclarecedoras entre esses vários sistemas. (Chomsky 1980, p. 215, grifo nosso).

A propósito, essa prudência ao tratar da autonomia da linguagem não foi uma exclusividade de Chomsky (1980). Antes disso, em seu debate com Piaget, realizado em 1975 e relatado em Piattelli-Palmarini (1987 [1978]), Chomsky já tratava dessas questões de forma mais ponderada. Ao responder a uma pergunta do psicólogo David Premack acerca da possibilidade de encontrar as propriedades formais que encontramos na linguagem em domínios não linguísticos, Chomsky afirmou que, embora não visse razão para esperar tal resultado, ficaria muito contente se isso acontecesse. Uma parte desse diálogo é reproduzida a seguir.

Premack: vocês disseram que não podemos esperar encontrar, nos domínios não linguísticos, as propriedades formais que encontramos na linguagem...
 Chomsky: Eu não disse isso: disse que não **via** esperança de isso acontecer.
 Premack: [...] considero prematuro concluir que as estruturas formais que, sabemos-lo, existem na linguagem não se podem encontrar. Noutras espécies, talvez mesmo noutros domínios humanos, isso talvez seja possível. É preciso esperar.
 Chomsky: [...] Não vejo razão alguma particular para esperarmos pelo mesmo resultado, mas, se isso se produz, ficarei **muito contente** (PIATTELLI-PALMARINI, 1987 [1978], p. 259-260, grifo nosso).

Se, em Chomsky (1980) e Piattelli-Palmarini (1987 [1978]), Chomsky não via motivos para supor que princípios gerais da cognição estivessem envolvidos na FL, tão logo que conseguiu fornecer uma explicação para a linguagem baseada em princípios, a aparente complexidade da GU passou a ser explicada em função da interação entre esses princípios e a capacidade da recursão. Uma observação importante que devemos fazer é que, de acordo com Chomsky (2007, p. 5)⁴⁸, uma explicação baseada em princípios é, na verdade, uma explicação baseada em interfaces. Segundo o autor, podemos considerar a explicação de certos fenômenos linguísticos como sendo baseada em princípios na medida em que tais princípios satisfazem as condições impostas pelas interfaces (CHOMSKY, 2007).

Com base nessas considerações, concluímos que uma das teses centrais do PM é a de que a FL é simples, opera com base em capacidades identificáveis em outros aspectos da

⁴⁸ To the extent that third factor conditions function, the language will be efficiently designed to satisfy conditions imposed at the interface; one can imagine more radical theses, to which I will briefly return. We can regard an account of some linguistic phenomena as principled insofar as it derives them by efficient computation satisfying interface conditions. We can therefore formulate SMT as the thesis that all phenomena of language have a principled account in this sense, that language is a perfect solution to interface conditions, the conditions it must at least partially satisfy if it is to be usable at all (CHOMSKY, 2007, p. 5).

cognição humana e em outras espécies, e, em grande parte, não é determinada pela dotação genética. Nesse caso, como foi explicitamente colocado em Chomsky (2008), o componente geneticamente determinado da linguagem deve estar restrito a algum tipo de mecanismo recursivo. Visto que Merge é o mecanismo responsável por implementar a recursão, só podemos deduzir que o componente genético da linguagem é limitado a esse mecanismo recursivo. De fato, essa é justamente a posição defendida por Chomsky (2007, p. 8)⁴⁹ ao descrever a operação Merge como uma propriedade geneticamente determinada da linguagem e exclusiva dela.

Na concepção minimalista da linguagem, em que a complexidade da GU é apenas aparente, um problema crucial é o que diz respeito ao desenvolvimento linguístico. Na seção 4.2, vimos que as abordagens nativistas para a aquisição da linguagem tratavam esse problema a partir de uma caracterização da GU em termos de um conjunto de princípios e parâmetros. Contudo, o que observamos neste capítulo é que uma caracterização da GU nesses termos não parece encontrar respaldo teórico nos desenvolvimentos mais recentes da Teoria Gerativa. Em seu texto acerca dos três fatores no *design* da linguagem, Chomsky (2005) aborda esse problema a partir de uma formulação em que o desenvolvimento da linguagem no indivíduo é determinado pela interação entre a dotação genética, uniforme na espécie humana, a experiência, que leva à variação dentro de um intervalo restrito, e os princípios gerais não específicos da FL. Neste trabalho, vamos nos referir a esses fatores como primeiro, segundo e terceiro fator respectivamente.

Com base nas considerações que fizemos na seção 4.2, podemos dizer que as abordagens nativistas para a aquisição da linguagem têm permanecido restritas aos dois primeiros fatores, mesmo após a referência explícita ao terceiro fator em Chomsky (2005). Como mencionamos na introdução desta tese, existem duas propostas que incluem aspectos do terceiro fator em suas explicações para a fixação paramétrica. Falamos das propostas de Yang (2004) e Roberts e Holmberg (2010), que consideram respectivamente mecanismos estatísticos e eficiência computacional como fatores relevantes para a realização de tarefas referentes à aquisição da linguagem. Todavia, ambas as propostas mantêm uma caracterização da GU em termos de um conjunto de princípios e parâmetros, restando aos mecanismos do terceiro fator a função de auxiliar as crianças na fixação paramétrica.

Embora possam fornecer um exemplo da maneira como os três fatores podem interagir para determinar o desenvolvimento da linguagem, as propostas em causa não parecem estar de

⁴⁹ [...] unbounded Merge is not only a genetically determined property of language, but also unique to it (CHOMSKY, 2007, p. 8)

acordo com os esforços minimalistas para limitar o primeiro fator à operação recursiva Merge. Se a GU é concebida em termos de um conjunto de princípios e parâmetros, o componente genético da linguagem inclui diversos outros elementos além de Merge.

Tendo em vista as considerações realizadas nesta seção, entendemos que uma abordagem minimalista para a aquisição da linguagem não poderá ser alcançada a menos que as suposições teóricas do PM relativas ao deslocamento do ônus da explicação da FL do primeiro fator para o terceiro fator (CHOMSKY, 2005) sejam, de fato, aplicadas às pesquisas em aquisição da linguagem. A respeito disso, a avaliação da nossa hipótese de trabalho poderá fornecer alguma contribuição para o desenvolvimento de abordagens minimalistas no cenário das pesquisas em aquisição da linguagem. Procedemos à avaliação das hipóteses pertinentes a esta tese no capítulo 7, após a apresentação da metodologia utilizada neste trabalho (capítulo 5) e da descrição dos dados a serem analisados (capítulo 6).

5 METODOLOGIA

Embora tenha havido uma preocupação crescente com questões metodológicas por parte dos linguistas da tradição gerativa, a construção da teoria linguística envolveu basicamente o tratamento de dados introspectivos fornecidos por falantes nativos a partir de julgamentos de gramaticalidade. Essa centralidade da Teoria Gerativa no uso de julgamentos de gramaticalidade decorre, segundo Schütze (2016 [1996]), das seguintes razões: (i) eles fornecem dados que não podem ser obtidos em dados de fala espontânea; (ii) eles fornecem evidências negativas; (iii) eles permitem remover facilmente dados irrelevantes; e (iv) eles permitem ao pesquisador abstrair-se da função comunicativa da linguagem e, assim, concentrar-se na gramática mental. Para Schütze (2016 [1996]), embora indispensáveis para o linguista, os julgamentos introspectivos não são suficientes. É por essa razão que muitos gerativistas têm complementado seus dados introspectivos com dados de fala obtidos espontaneamente, em que o informante produz estruturas de forma natural, ou por meio de tarefas de produção eliciada, em que o informante deve produzir estruturas adequadas ao contexto fornecido pelo pesquisador.

Schütze (2016 [1996]) ainda observa que, se quisermos obter resultados consistentes, diversos cuidados devem ser tomados quando da utilização de tarefas de julgamentos de gramaticalidade. Isso porque um grande risco inerente à introspecção é que o pesquisador pode inconscientemente enviesar seus julgamentos em favor de um resultado teórico esperado. Foi justamente por esse motivo que o procedimento de julgamento de gramaticalidade colecionou um número significativo de críticos. Labov (2008 [1972]), por exemplo, chegou a uma conclusão que caracterizou como dolorosamente óbvia: os linguistas não podem continuar a produzir teoria e dados ao mesmo tempo.

Além do problema da confiabilidade dos dados introspectivos, outro problema que surge especialmente no caso da aquisição da linguagem é o da relevância desses dados. Evidentemente, se quisermos investigar a natureza do conhecimento linguístico que as crianças possuem, não podemos simplesmente solicitar que elas forneçam julgamentos de gramaticalidade acerca de uma sentença. Assim, em virtude do problema da confiabilidade dos dados introspectivos e da sua irrelevância para um estudo sobre aquisição da linguagem, os dados desta pesquisa são do tipo espontâneo, coletados através da gravação da interação entre as crianças informantes com seus familiares. Neste capítulo, trazemos informações acerca do procedimento metodológico utilizado, da seleção dos dados, bem como sobre o tratamento que lhes será conferido. As informações acerca do procedimento metodológico utilizado estão

dispostas na seção 5.1; as que concernem à seleção dos dados, na seção 5.2; e as que dizem respeito à maneira como esses dados serão tratados, na seção 5.3 deste capítulo.

5.1 Procedimento metodológico

Os dados desta pesquisa pertencem ao acervo do LAPAL⁵⁰ (Laboratório de Psicolinguística e Aquisição da Linguagem da PUC-Rio) e foram coletados por Martins (2007) para sua tese de doutorado. Para a coleta dos dados, foram realizadas 47 sessões com periodicidade semanal e duração aproximada de 15 minutos. Como os dados são do tipo espontâneo, sua obtenção se deu através da gravação da fala das crianças em momentos de interação com adultos sem que houvesse tentativas de induzir a produção de construções específicas. O período durante o qual os dados foram coletados foi de um ano, entre 2003 e 2004, o que caracteriza os dados em questão como longitudinais.

Os informantes foram duas crianças do sexo feminino identificadas como ENY e JES. Ambas estavam adquirindo o PB como língua materna e nenhuma delas apresentava registros de déficit linguístico em seu histórico. ENY e JES tinham aproximadamente 18 meses quando do início da coleta dos dados. Mais especificamente, ENY tinha um ano, cinco meses e dez dias (1; 5: 10) e JES tinha um ano, seis meses e nove dias (1; 6: 9).

Tendo em vista que esta pesquisa investiga o padrão subextensivo característico da aquisição da morfologia flexional a partir da análise de dados longitudinais de duas crianças, o procedimento metodológico utilizado consiste em dois estudos de caso. Estudos de caso do tipo longitudinal são comuns em pesquisas sobre aquisição da linguagem. A maioria das pesquisas citadas na seção 3.4 utilizam o procedimento metodológico em questão. No caso específico deste trabalho, a utilização de estudos de caso de natureza longitudinal permitirá uma análise mais detalhada do comportamento dos dados das crianças em diferentes estágios de aquisição.

5.2 Seleção dos dados

O processo de seleção dos dados foi realizado em duas etapas: seleção de todos os sintagmas verbais produzidos pelas crianças e descarte de dados irrelevantes para a análise.

⁵⁰ Os dados foram cedidos pela Prof^a. Dr^a. Letícia Maria Sicuro Corrêa, fundadora e coordenadora do LAPAL.

Na primeira etapa, selecionamos, de um total de 4151 turnos de fala de ENY e 1677 turnos de fala de JES, 1117 formas verbais relativas à fala de ENY e 739 formas verbais relativas à fala de JES. Na segunda etapa, descartamos as ocorrências do tipo apoio, repetição, eliciação, reiteração e frases feitas, bem como aquelas correspondentes ao imperativo, ao infinitivo e à perífrase *ir+infinitivo*, já que, conforme Travaglia (2014 [1985]), elas não marcam aspecto. Os dados excluídos nessa etapa são exemplificados no quadro 9.

Quadro 9 – Descarte de dados relativos à produção verbal de ENY e JES

Dados	Características	Exemplo
dados descartados		
Apoio	Ocorrências ancoradas na fala do interlocutor	MÃE: Você gosta de jujuba? ENY: Gosto. (1;10:26)
Repetição	Repetição imediata da fala do interlocutor	MÃE: A Jéssica é linda! JES: É lin [Linda]. (1;7:13)
Eliciação	Ocorrências induzidas pelo interlocutor	MÃE: Fala assim: achei! ENY: Achei! (2;1;5)
Reiteraões	Ocorrências repetidas de forma sequenciada	JES: Ele pegou. (1;10:13) MÃE: [...] JES: Pegou. (1;10:13)
Frases feitas	Ocorrências consagradas pelo uso	ENY: Levantou poeira! (cantando) (2;2:16)
Imperativo		JES: Diiga [Desliga]. (01;08:10)
Infinitivo		ENY: Passear. (01;10:05)
Ir+infinitivo		JES: Vou dar comida. (02;02:13)

Fonte: Elaborado com base nos dados da pesquisa

Após a exclusão dos dados exemplificados no quadro 9, obtivemos uma amostra de 280 itens para ENY e de 217 para JES. A descrição dos dados que compõem essa amostra é realizada na seção 6.1 a partir das categorias estabelecidas na próxima seção.

Além desses dados relativos à produção verbal das crianças investigadas, analisamos também os dados concernentes ao estímulo ou *input* linguístico de cada uma delas. Os dados do estímulo ou *input* linguístico são aqueles provenientes da fala dirigida às crianças em momentos de interação. Nos dois casos, esses dados correspondem à produção verbal das mães das crianças. Assim, vamos utilizar as expressões *input* de ENY ou estímulo de ENY para nos

referirmos aos dados de fala produzidos pela mãe de ENY, bem como *input* de JES ou estímulo de JES para nos reportarmos aos dados de fala produzidos pela mãe de JES.

O processo de seleção dos dados relativos ao *input* linguístico seguiu as mesmas etapas estabelecidas para a seleção dos dados das crianças investigadas. Inicialmente, todos os sintagmas verbais produzidos pelas mães das crianças foram selecionados, e, em seguida, aqueles que consistiam em apoio, repetição, reiteraões, frases feitas, imperativo, infinitivo e na perífrase *ir* + infinitivo foram descartados. Após esse processo de descarte de dados, a amostra relativa ao estímulo linguístico de ENY somou 716 itens, enquanto a que diz respeito ao estímulo linguístico de JES totalizou 411 itens. A descrição desses dados é feita na seção 6.2 a partir das categorias estabelecidas na próxima seção.

5.3 Tratamento dos dados

As categorias relevantes para o tratamento dos dados são o aspecto gramatical, em sua divisão entre perfectivo e imperfectivo, e o aspecto semântico, em sua distinção entre as classes estado, atividade, *accomplishment* e *achievement*, conforme foram tratadas no capítulo 3. A fim de detectarmos os padrões existentes nos dados, as categorias de aspecto gramatical serão correlacionadas às categorias de aspecto semântico.

A classificação dos dados quanto ao aspecto gramatical levará em conta as considerações sobre a oposição completo/incompleto que fizemos na seção 3.1, bem como o estudo de Travaglia (2014 [1985]) acerca do aspecto e sua expressão conforme citado no final da referida seção. O quadro seguinte apresenta as subcategorias de aspecto gramatical relevantes para este trabalho.

Quadro 10 – Categorias de aspecto gramatical

Aspecto Gramatical	Conceito básico	Expressão no português	Exemplo
Perfectivo	Completo	Pret. perf. do ind.	ENY: Achei chupeta. (1;11:30)
Imperfectivo	Incompleto	Pres. do ind.	JES: Eu não gosto dele. (2;3:10)
		Pret. impf. do ind.	ENY: Tava aqui. (1;12:6)
		Perífrases de gerúndio	JES: Tá fazendo bagunça. (1;11:11)

Fonte: Elaborado com base no capítulo 4

Quanto ao aspecto lexical, a classificação dos dados levará em conta as propriedades aspectuais codificadas nos traços semânticos conforme a discussão realizada nas seções 3.2.2 e 3.2.3 do capítulo três. Tal como discutimos na seção 3.2.3, a proposta da composicionalidade aspectual de Verkuyl (2005) prevê que a informação aspectual é calculável a partir de informações coletadas em diversos níveis das sentenças. Nessa perspectiva, as unidades relevantes para a classificação dos dados quanto ao aspecto lexical serão os predicados verbais, e não os verbos apenas. O quadro seguinte retoma os traços semânticos concernentes às propriedades aspectuais que serão consideradas para a classificação dos predicados verbais conforme as quatro classes aspectuais pertinentes, a saber, estados, atividades, *accomplishments* e *achievements*.

Quadro 11 – Categorias de aspecto lexical

Classe aspectual	Traços semânticos	Exemplo
Estado	[-ADDTO, -dinâmico, -estágio, +estativo, +homogêneo, -télico]	JES: Ela tem uma filhinha. (2;3:17)
Atividade	[+ADDTO, +dinâmico, +estágio, -estativo, +homogêneo, -télico]	ENY: Tá lá na igreja brincando. (2;3:28)
<i>Accomplishment</i>	[+ADDTO, +dinâmico, +estágio, -estativo, -homogêneo, +télico]	JES: Eu desenhei você. (1;12:16)
<i>Achievement</i>	[+ADDTO, +dinâmico, -estágio, -estativo, -homogêneo, +télico]	ENY: Gravador caiu. (2;1:11)

Fonte: Elaborado com base no capítulo 4

Assim como procedemos em relação à figura 14 (seção 3.2.3), reforçamos que, embora os traços [$\pm$ SQA] dos argumentos não tenham sido considerados no quadro 11, o tratamento do aspecto lexical levará em conta o SV, e não apenas o verbo. Por exemplo, em “Eu desenhei você”, o verbo “desenhar” pertence à classe dos *accomplishment* porque o argumento “você” designa uma quantidade especificada de coisas ou massa.

Essas foram as opções metodológicas realizadas nesta tese. No próximo capítulo, descrevemos os dados conforme a metodologia aqui apresentada para posterior análise e discussão.

6 DESCRIÇÃO DOS DADOS

Neste capítulo, descrevemos os dados das crianças investigadas, bem como os dados relativos ao *input* linguístico, de acordo com as categorias estabelecidas no capítulo anterior, de modo que os padrões que aí emergem possam ser evidenciados. A descrição dos dados começa, na seção 6.1, com os dados das duas crianças investigadas, a saber, ENY e JES, e prossegue, na seção 6.2, com os dados do *input* linguístico que cada uma delas recebeu durante o período de coleta de dados. Enquanto os resultados da seção 6.1 servirão de base para a avaliação da Hipótese do Aspecto (seção 7.1), os da seção 6.2 serão considerados na avaliação da hipótese formulada nesta tese (seção 7.2).

6.1 Descrição dos dados das crianças investigadas

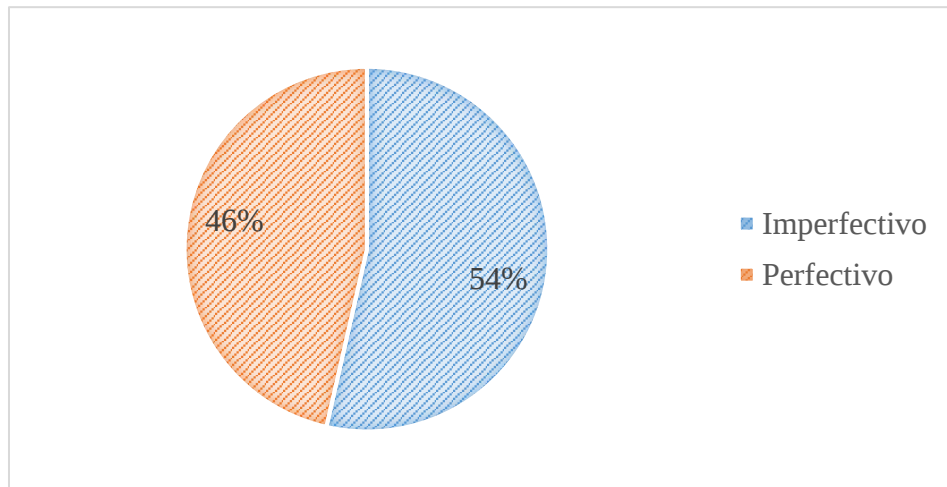
Com o intuito de fornecer uma caracterização geral das categorias em análise, compactamos os dados em duas tabelas. A primeira registra o total de ocorrências das subcategorias de aspecto gramatical, enquanto a segunda registra o total de ocorrências das subcategorias de aspecto semântico.

	Tabela 1 – Total de ocorrências de aspecto gramatical		
	Imperfectivo	Perfectivo	Total
ENY	150	130	280
JES	140	77	217

Fonte: Elaborada com base nos dados da pesquisa

Partindo dos dados de ENY, uma representação gráfica da distribuição do aspecto gramatical pode ser feita da seguinte maneira:

Gráfico 1 – Distribuição do aspecto gramatical nos dados de ENY



Fonte: Elaborado com base nos dados da pesquisa

Conforme o gráfico 1, o aspecto gramatical apresentou distribuição equilibrada entre as classes perfectivo e imperfectivo. Precisamente, 54% das 280 formas verbais produzidas por ENY eram imperfectivas, enquanto 46% eram perfectivas. Em números absolutos, a tabela 1 registra que, do total de 280 verbos, 150 apresentaram marca de imperfectivo e 130 apresentaram marca de perfectivo. Das formas imperfectivas, 134 foram flexionadas no presente do indicativo, nove consistiram na perífrase estar + gerúndio, quatro consistiram na perífrase estar + particípio variável e apenas três foram flexionadas no pretérito imperfeito do indicativo. Já em relação às 130 formas perfectivas, todas elas foram flexionadas no pretérito perfeito do indicativo.

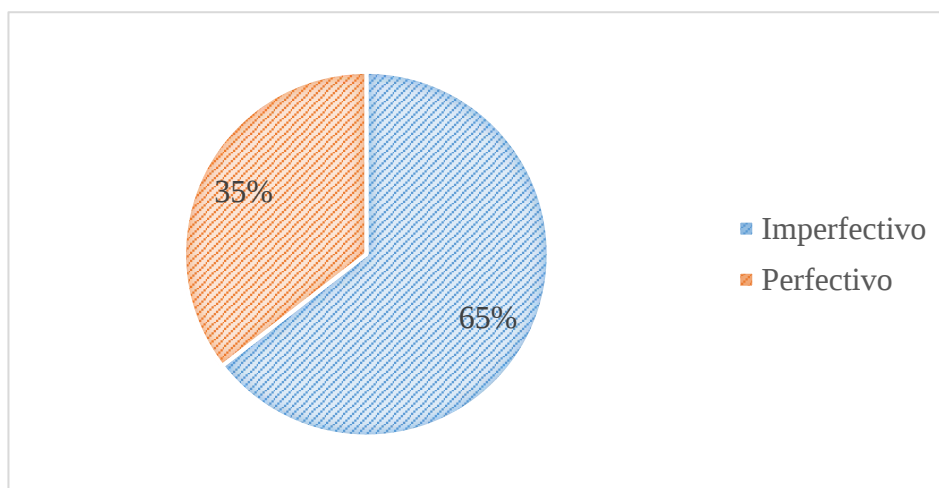
O presente do indicativo e o pretérito perfeito do indicativo foram as flexões verbais utilizadas por ENY desde a primeira sessão. A perífrase estar + gerúndio foi utilizada pela primeira vez em 1;10:5, tendo sido seguida pelo pretérito imperfeito, em 1;11:30, e pela perífrase estar + particípio variável, em 2;2:23. Os exemplos de (1) ilustram a primeira ocorrência de cada uma dessas marcas.

- (1) a. Num qué [Não quero]. (1;5:10) → presente do indicativo
 b. Mait co. [machucou] (1;5:10) → pretérito perfeito do indicativo
 c. Tá lavando o cabelo? (1;10:5) → estar + gerúndio
 d. Cabia aqui. (1;11:30) → pretérito imperfeito do indicativo
 e. Tá molhado. (2;2:23) → estar + particípio variável

Como mostram os exemplos de (1), o surgimento das marcas aspecto-temporais nos dados de ENY seguiu uma ordem específica: presente do indicativo e pretérito perfeito do indicativo > estar + gerúndio > pretérito imperfeito do indicativo > estar + particípio variável. O surgimento do pretérito imperfeito do indicativo, uma forma simples, após o surgimento da perífrase estar + gerúndio, que é uma forma complexa, assim como seu baixo número de ocorrências, é um fato que chama a atenção. Com a descrição dos dados de JES, a seguir, será possível observar em que medida essa ordenação funciona para casos diferentes.

Quanto aos dados de JES, a representação gráfica da distribuição do aspecto gramatical é dada no gráfico 2, em que podemos notar um predomínio das formas imperfectivas sobre as formas perfectivas.

Gráfico 2 – Distribuição do aspecto gramatical nos dados de JES



Fonte: Elaborado com base nos dados da pesquisa

De acordo com o gráfico 2, enquanto 65% das 217 formas verbais produzidas por ENY eram imperfectivas, 35% eram perfectivas. Em números absolutos, o que a tabela 1 registra é que, dos 217 verbos, 140 apresentaram morfologia de imperfectivo e 77 apresentaram morfologia de perfectivo. Das 140 formas imperfectivas, 124 foram flexionadas no presente do indicativo, 12 consistiram na perífrase estar + gerúndio, três consistiram na perífrase estar + particípio e apenas uma foi flexionada no pretérito imperfeito do indicativo. Assim como nos dados de ENY, todas as suas 77 formas perfectivas foram flexionadas no pretérito perfeito do indicativo.

Os dados de JES são semelhantes aos de ENY em muitos aspectos. As flexões verbais utilizadas por JES desde a primeira sessão de gravação foram, assim como no caso de ENY, o presente do indicativo e o pretérito perfeito do indicativo. Mais tarde, em 1;9:1, foi registrada

a primeira ocorrência da perífrase *estar + gerúndio*, a qual foi seguida pela perífrase *estar + particípio variável*, em 1;10:13, e, finalmente, pelo pretérito imperfeito do indicativo, em 1;10:27. A primeira ocorrência de cada uma dessas marcas aspecto-temporais é exemplificada em (2), a seguir.

- (2) a. Qué papel [quero papel]. (1;6:9) → presente do indicativo
 b. Caiu. (1;6:9) → pretérito perfeito do indicativo
 c. Tô abraçando. (1;9:1) → *estar + gerúndio*
 d. Tá aberto. (1;10:13) → *estar + particípio variável*
 e. Abia [sabia]. (1;10:27) → pretérito imperfeito do indicativo

Com uma pequena diferença em relação ao pretérito imperfeito do indicativo e à perífrase *estar + particípio variável*, o surgimento das marcas aspecto-temporais nos dados de JES obedeceu a uma sequência semelhante à que se observou nos dados de ENY: presente do indicativo e pretérito perfeito do indicativo > *estar + gerúndio* > *estar + particípio variável* > pretérito imperfeito do indicativo. Das marcas aspecto-temporais, a única ocorrência de pretérito imperfeito do indicativo foi a última a surgir. Em comparação aos dados do *input*, a utilização restrita do pretérito imperfeito do indicativo e seu surgimento tardio em relação às demais marcas aspecto-temporais podem ser um indicativo da habilidade das crianças para detectar padrões linguísticos no *input*. Na próxima seção será possível constatar se o comportamento do pretérito imperfeito do indicativo tem alguma relação com os dados do estímulo linguístico.

Realizada essa descrição dos dados quanto ao aspecto gramatical, o foco incide agora sobre a caracterização dos dados quanto ao aspecto lexical. Tal caracterização inicia-se pela apresentação do total de ocorrências das subcategorias de aspecto lexical, o que é feito na tabela 2.

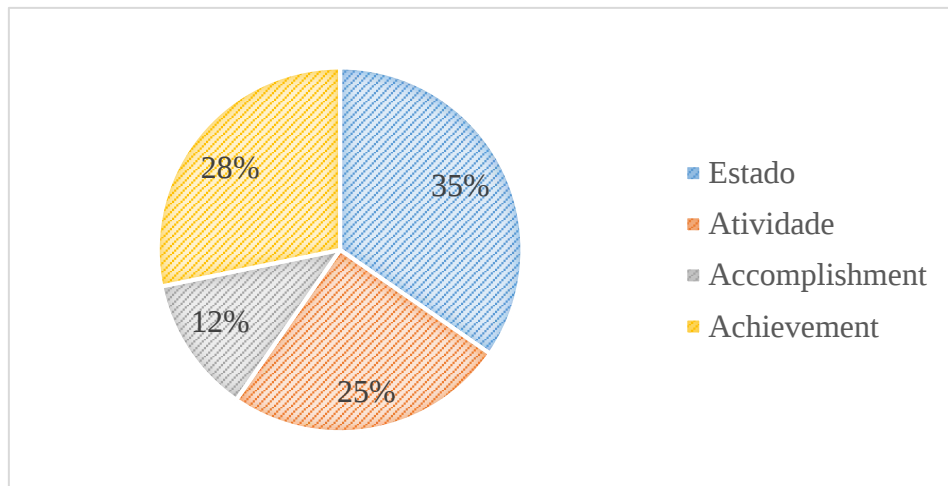
Tabela 2 – Total de ocorrências de aspecto lexical

	Estado	Atividade	<i>Accomplishment</i>	<i>Achievement</i>	<i>Total</i>
ENY	97	70	34	79	280
JES	115	35	18	49	217

Fonte: Elaborada com base nos dados da pesquisa

Do total de predicados verbais produzidos por ENY, 97 pertencem à classe estado, 79 à classe *achievement*, 70 à classe atividade e 34, à classe *accomplishment*. Em números percentuais, isso equivale a um índice de 35% para a classe estado, 28% para a classe *achievement*, 25% para a classe atividade e 12% para a classe *accomplishment*. Esses percentuais estão representados no gráfico 3.

Gráfico 3 – Distribuição do aspecto lexical nos dados de ENY



Fonte: Elaborado com base nos dados da pesquisa

Os predicados pertencentes às duas classes com maior número de representantes (estado e *achievement*) foram registrados desde a primeira sessão, em 1;5:10. A primeira ocorrência de um predicado de atividade foi registrada em 1;7:12. Na sequência, em 1;12:28, foi registrado o primeiro predicado do tipo *accomplishment*. Essas informações acerca do aspecto lexical nos dados de ENY são exemplificadas em (3).

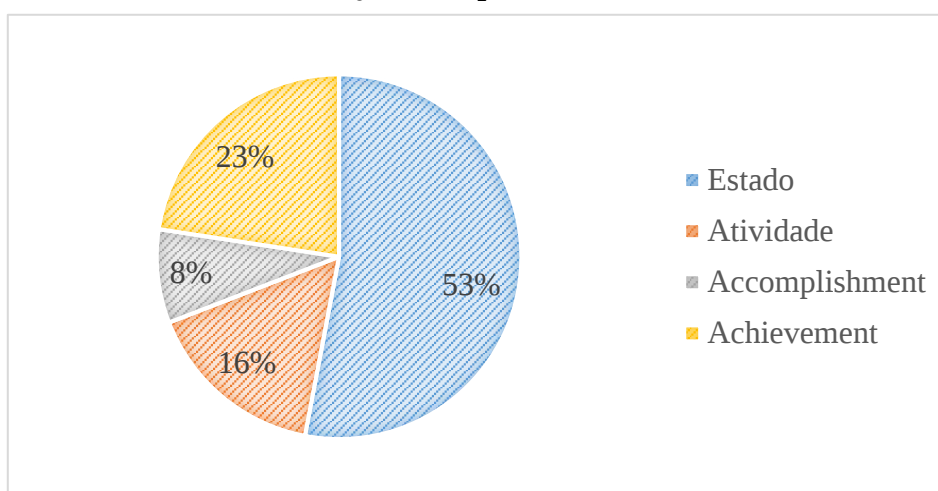
- (3) a. [sv __ [querer __]] (1;5:10) → estado
 b. [sv __ [machucar]] (1;5:10) → *achievement*
 c. [sv __ [voar]] (1;7:12) → atividade
 d. [sv __ [trazer __]] (1;12:28) → *accomplishment*

Em (3) os espaços vazios indicam que as posições não foram preenchidas lexicalmente, embora os argumentos selecionados para tais posições pudessem ser recuperados por meio da flexão verbal ou do contexto. Como é possível constatar a partir de (3), no que diz respeito ao surgimento do aspecto lexical, os dados de ENY apresentaram a seguinte ordenação:

estado/*achievement* > atividade > *accomplishment*. A seguir, apresentamos a distribuição dos dados de JES em relação às classes aspectuais.

Assim como ocorreu no caso de ENY, as classes predominantes nos dados de JES foram estado e *achievement*. Do total dos predicados produzidos por JES, 115 pertencem à classe estado, 49 à classe *achievement*, 35 à classe atividade e 18, à classe *accomplishment*. Conforme o gráfico 4, o equivalente em números percentuais é de 53% para a classe estado, 23% para a classe *achievement*, 16% para a classe atividade e 8% para a classe *accomplishment*.

Gráfico 4 – Distribuição do aspecto lexical nos dados de JES



Fonte: Elaborado com base nos dados da pesquisa

Quanto ao surgimento do aspecto lexical, os dados de JES também se comportaram de modo semelhante aos de ENY. Predicados de estado e de *achievement* foram registrados desde a primeira sessão (1;6:9). O primeiro predicado de atividade foi registrado em 1;9:1, e, mais tarde, em 1;10:6, foi registrada a primeira ocorrência de um predicado do tipo *accomplishment*. Os exemplos de (4), a seguir, ilustram essas informações.

- (4) a. [sv __ [querer __]] (1;6:9) → estado
 b. [sv __ [cair]] (1;6:9) → *achievement*
 c. [sv __ [abraçar __]] (1;9:1) → atividade
 d. [sv __ [entornar __]] (1;10:6) → *accomplishment*

Tanto nos dados de ENY quanto nos dados de JES, os predicados de estado mais comuns envolveram os verbos ser, estar e querer; os de *achievement* incluíram os verbos acabar, achar, cair e outros; os de atividade englobaram os verbos comer, brigar e outros; e os de

accomplishment compreenderam os verbos comprar e dar. Os quadros seguintes agrupam os verbos produzidos pelas crianças investigadas conforme a classe aspectual. O quadro 12 agrupa os verbos produzidos por ENY, enquanto o quadro 13 agrupa os que foram produzidos por JES.

Quadro 12– Agrupamento dos dados de ENY conforme a classe aspectual

Estado	Atividade	Accomplishment	Achievement
caber, doer, estar, ficar, gostar, querer, saber, sentir, ser, ter, usar	almoçar, babar, bater, botar, brigar, brincar, cantar, catar, chorar, coçar, comer, dançar, dar comida, dizer, dormir, estudar, falar, fazer, fugir, gritar, lavar, limpar, mamar, mancar, mexer, morder, passar, rabiscar, rir, surrar, tossir, voar	abrir, botar, comer, comprar, consertar, dar, emprestar, enxugar, fazer, guardar, mamar, matar, molhar, sujar, tampar, tirar, trazer, vestir	abrir, acabar, achar, acordar, bater, cair, chegar, derrubar, desligar, entender, entrar, ganhar, jogar, lembrar, levantar, ligar, machucar, morrer, nascer, pegar, perder, quebrar, sair, sumir, terminar, ver, vir

Fonte: Elaborado com base nos dados da criança investigada

No quadro 12, é possível observar alguns casos em que um mesmo verbo foi classificado de formas distintas. É o que acontece com os verbos *bater*, *botar*, *comer*, *fazer* e *abrir*. No que diz respeito aos verbos *botar*, *comer* e *fazer*, a classificação variou em função da natureza composicional do aspecto lexical. Quando os verbos foram combinados a complementos portadores do traço [+SQA], como em (5a), os predicados foram dispostos na classe dos *accomplishment*. Por outro lado, quando os verbos foram combinados a complementos portadores do traço [-SQA], como em (5b), os predicados foram posicionados na classe das atividades.

(5) a. O bicho comeu o Mingau⁵¹. (2;2:16) → *accomplishment*

b. Comi bolo. (2;3:14) → atividade

⁵¹ Mingau, no exemplo, é um nome próprio.

Quanto ao verbo *abrir*, entendemos, com base na proposta de Smith (1997) de que *accomplishments* representam um esquema temporal complexo (seção 3.2.2), que o verbo em questão é composto de diferentes subeventos, sendo o primeiro uma ação, e o segundo, o resultado da ação. Assim, quando verbos do tipo de *abrir* são usados em estruturas transitivas (SN V SN), como em (6a), o que se tem é um *accomplishment*, pois é possível identificar dois subeventos distintos. Por outro lado, quando os verbos desse tipo são usados em estruturas intransitivas (SN V), como em (6b), o que se tem é um *achievement*, pois só é possível identificar um único evento.

(6) a. Ela abre (alguma coisa). (2;3:14) → *accomplishment*

b. (Alguma coisa) Abriu. (1;12:14) → *achievement*

Em relação ao verbo *bater*, que figura na classe das atividades e dos *achievements*, o pertencimento a uma classe ou outra variou em função da acepção em que o verbo foi utilizado. Na acepção de *chocar-se* (7a), o verbo *bater* foi posto na classe dos *achievements*. Já na acepção de *dar pancadas* (7b), o verbo em questão foi disposto na classe das atividades.

(7) a. Bateu. (1;12:13) → *achievement*

b. Eu bati no Rafael. (2;4:5) → atividade

Quadro 13 – Agrupamento dos dados de JES conforme a classe aspectual

Estado	Atividade	Accomplishment	Achievement
amar, caber, estar, ficar, gostar, querer, saber, ser, ter, usar	abraçar, andar de bicicleta, bater, beijar, botar, brigar, comer, conversar, correr, dormir, enxaguar, falar, fazer, lavar, mamar, morder, papar, pular amarelinha, segurar, trabalhar	botar, comprar, dar, descer, desenhar, entornar, fazer, fechar, jogar, matar, pintar, tirar	acabar, achar, acordar, aparecer, bater, cair, desligar, entornar, entrar, esquecer, fechar, ir, machucar, morrer, pegar, quebrar, sair, sumir, vir

Fonte: Elaborado com base nos dados da criança investigada

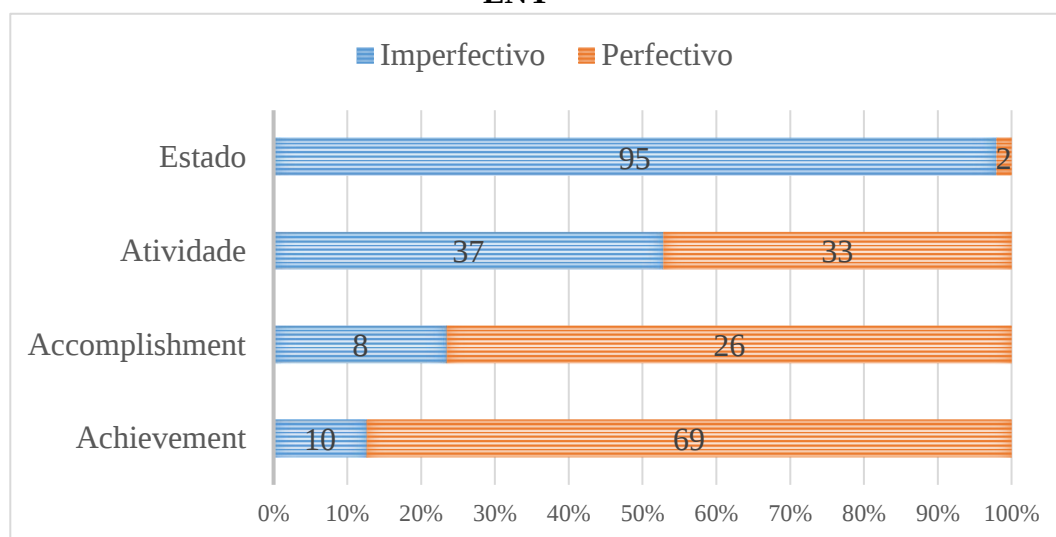
Assim como ocorre no quadro 12, o quadro 13 também traz alguns casos em que um único verbo é disposto em classes distintas. Falamos aqui dos verbos *bater*, *botar*, *fazer* e *fechar*. Como os três primeiros já foram tratados anteriormente, não é necessário dizer mais nada acerca deles. Quanto ao verbo *fechar*, entendemos que se trata de um verbo do mesmo tipo de *abrir*, portanto, tudo que dissemos em relação ao verbo *abrir* é extensivo ao verbo *fechar*. Sendo assim, quando o verbo *fechar* é utilizado em estruturas transitivas (SN V SN), como em (8a), temos um *accomplishment*, e quando ele é usado em estruturas intransitivas (SN V), como em (8b), temos um *achievement*.

(8) a. Fechei (a janela). (2;2:26) → *accomplishment*

b. Fechô a porta (= a porta fechou). (1;10:13) → *achievement*

Concluída a descrição dos dados em análise quanto ao aspecto gramatical e ao aspecto lexical, o que se segue a o estabelecimento de correlações entre as duas categorias em questão. Para facilitar a detecção de padrões nos dados em análise, essas correlações serão representadas por meio de gráficos

Gráfico 5 - Correlação entre o aspecto gramatical e o aspecto lexical nos dados de ENY



Fonte: Elaborado com base nos dados da pesquisa

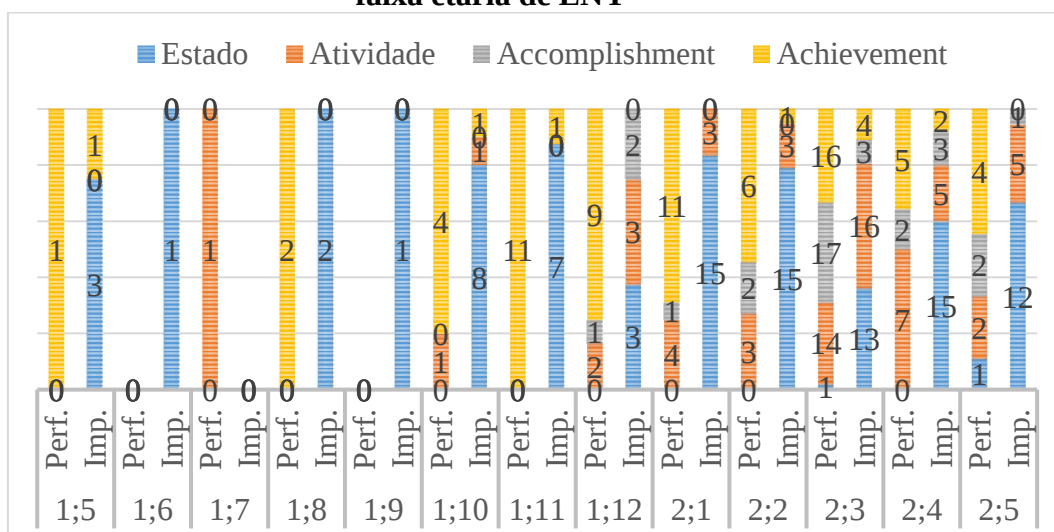
O gráfico 5 apresenta a correlação entre o aspecto gramatical e o aspecto lexical nos dados de ENY. Um ponto saliente nessa correlação é o padrão inverso evidenciado pelo comportamento dos dados referentes às barras das extremidades. Como mostra a primeira barra,

dos 97 predicados de estado, 95 continham verbos com marca de imperfeito, enquanto apenas 2 continham verbos com marca de perfectivo. Isso significa que quase totalidade dos predicados de estado, perto de 98%, associou-se ao aspecto gramatical imperfeito. Por outro lado, 87% dos predicados de *achievement* associaram-se ao aspecto gramatical perfectivo. Em números absolutos, dos 79 predicados pertencentes à classe *achievement*, 69 continham verbos com marca de perfectivo e apenas 10 continham verbos com marca de imperfeito. Quanto à classe atividade, chama a atenção o equilíbrio que caracteriza a distribuição de seus itens entre as duas classes de aspecto gramatical. Enquanto 53% dos predicados de atividade associaram-se ao imperfeito, 47% associaram-se ao perfectivo. Já os predicados de *accomplishment* foram associados ao perfectivo. Em termos de distribuição percentual, do total de verbos componentes dos predicados de *accomplishment*, 76% foram utilizados com marca de perfectivo, enquanto 24% foram utilizados com marca de imperfeito. As correlações atestadas no gráfico 5 são exemplificadas em (9), a seguir:

- (9) a. Gosto poeira não. (2;4:5) → estado + imperfeito
- b. Ela faz bagunça. (2;3:14) → atividade + imperfeito
- c. A Letícia chorou. (2;3:7) → atividade + perfectivo
- d. Comprei a calça. (2;3:14) → *accomplishment* + perfectivo
- e. Cabou. (1;11:23) → *achievement* + perfectivo

Tendo em vista que a consideração dos estágios do desenvolvimento linguístico é relevante para a avaliação da hipótese dominante, o gráfico 6 evidencia o modo como as correlações entre o aspecto gramatical e o aspecto lexical se estabeleceram ao longo do tempo. Por complementar as informações do gráfico 5, no sentido de fornecer mais detalhes a respeito da correlação entre o aspecto gramatical e o aspecto lexical, o gráfico 6 é fundamental para uma avaliação mais precisa da Hipótese do Aspecto.

Gráfico 6 - Correlação entre o aspecto gramatical e o aspecto lexical conforme a faixa etária de ENY



Fonte: Elaborado com base nos dados da pesquisa

Na seção 4.1, tratamos dos estágios de aquisição da linguagem conforme as considerações de Quadros (2008) acerca do assunto. Como pudemos observar, é possível identificar pelo menos três estágios durante o desenvolvimento linguístico de uma criança: o estágio de uma palavra, o estágio de duas palavras e o estágio de combinações múltiplas. Ao compararmos a caracterização que a autora faz de cada estágio de aquisição ao desenvolvimento linguístico de ENY, constatamos que a transição do estágio de uma palavra para o estágio de duas palavras ocorreu por volta de 1;8, e a transição do estágio de duas palavras para o estágio de combinações múltiplas ocorreu em torno de 2;1. Até 1;8, ENY produzia verbos sem nenhum argumento (10a). A partir desse marco, ENY começou a produzir verbos juntamente com seus complementos (10b), passando a produzir construções com sujeito explícito após 2;1 (10c).

- (10) a. Num qué. (1;5:24)
 b. Qué leite. (1;8:24)
 c. Gravador caiu (2;1:11)

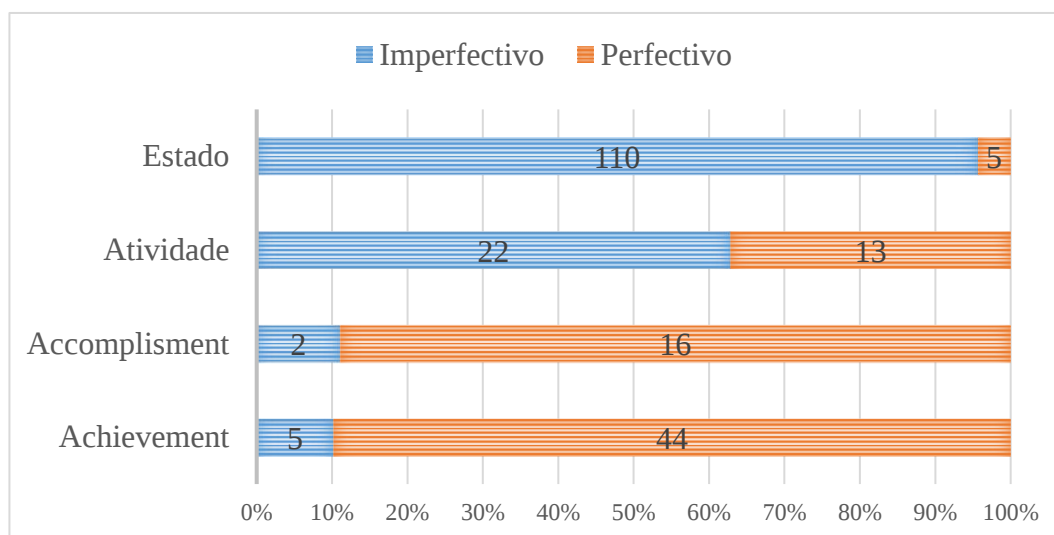
Com base nessas informações acerca dos estágios de desenvolvimento de ENY, o que observamos no gráfico 6 é que, no estágio de uma palavra, há associação entre perfectivo e *achievement* e imperfectivo e estado, com exceção de 1;7, em que há correlação entre perfectivo e atividade. Já no estágio de duas palavras, a associação entre perfectivo e atividade torna-se mais sólida e o perfectivo também aparece associado à classe *accomplishment*. É também nesse estágio que ocorre associação entre imperfectivo e atividade, bem como imperfectivo e

accomplishment. O estágio de combinações múltiplas segue a mesma tendência do estágio anterior, diferenciando-se dele em relação número de predicados da classe *accomplishment*, que é maior.

A relevância do gráfico 6 para a compreensão dos padrões de correlação que foram detectados no gráfico 5 reside no fato de que, em termos de precedência temporal, ele confirma as associações esperadas entre perfectivo e *achievement* e imperfeito e estado. Além do mais, o gráfico ainda esclarece um ponto importante no que diz respeito à correlação entre perfectivo e atividade. Como há um equilíbrio na distribuição dos predicados de atividade em relação às categorias de aspecto gramatical, é fundamental entender como essa distribuição se deu ao longo do tempo. A respeito disso, o que o gráfico 6 mostra é que a associação entre perfectivo e atividade ocorreu antes da associação prevista pela Hipótese do Aspecto entre imperfeito e atividade.

Dando continuidade à descrição dos dados desta pesquisa, apresentamos, nos gráficos seguintes, a correlação entre o aspecto gramatical e o aspecto lexical nos dados de JES.

Gráfico 7 - Correlação entre o aspecto gramatical e o aspecto lexical nos dados de JES



Fonte: Elaborado com base nos dados da pesquisa

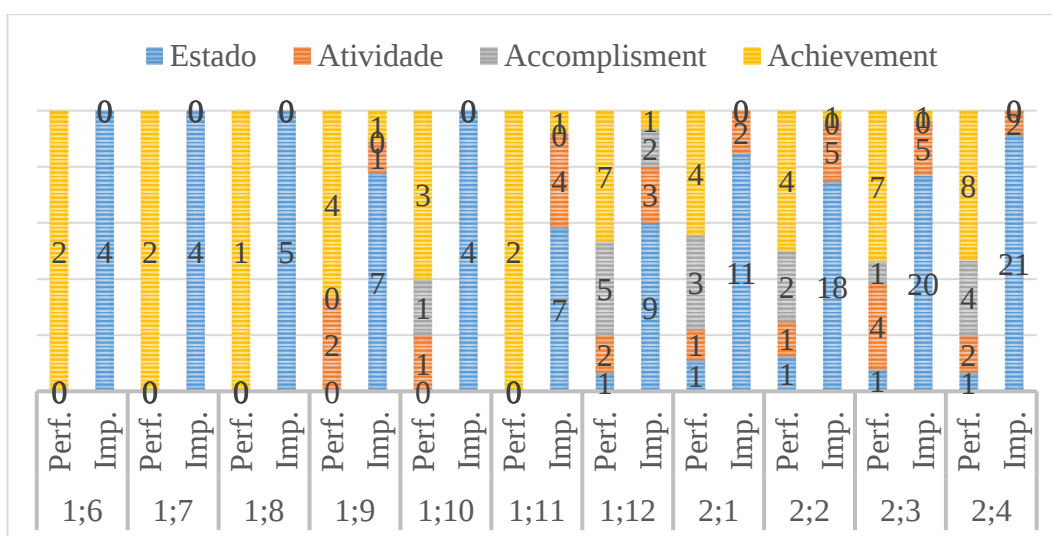
Assim como ocorre nos dados de ENY, os dados de JES apresentam um padrão inverso no que concerne às barras das extremidades. Dos 115 predicados de estado, 110 associaram-se ao imperfeito, o que corresponde a 95% em valores percentuais, e apenas cinco associaram-se ao perfectivo. Por outro lado, dos 49 verbos de *achievement*, 44 associaram-se ao perfectivo, o que corresponde a cerca de 90% em valores percentuais, enquanto 5 associaram-se ao imperfeito. No que concerne às barras intermediárias, os predicados de atividade inclinaram-

se para o imperfeito. Dos verbos componentes dos predicados de atividade, 63% foram produzidos com marca de imperfeito, enquanto 37% foram produzidos com marca de perfectivo. Quanto à classe dos *accomplishment*, 89% dos predicados continham verbos marcados no perfectivo. Embora o padrão evidenciado no gráfico 7 seja semelhante ao do gráfico 5 (Correlação entre o aspecto gramatical e o aspecto lexical nos dados de ENY), há uma diferença no que concerne à força de correlação entre os aspectos gramatical e lexical. A relação entre perfectivo e *accomplishment* é mais forte nos dados de JES, assim como a relação entre imperfeito e atividade. As correlações identificadas no gráfico 7 são exemplificadas em (11).

- (11) a. Te amo. (2;4:1) → estado + imperfeito
 b. Tá andando de bicicleta. (2;2:12) → atividade + imperfeito
 c. O Danilo correu com o cachorro. (2;3:17) → atividade + perfectivo
 d. Fechei (a janela). (2;2:26) → *accomplishment* + perfectivo
 e. Canudinho quebrou. (2;4:5) → *achievement* + perfectivo

O gráfico 8, a seguir, elucida o modo como essas correlações entre o aspecto gramatical e o aspecto lexical nos dados de JES se estabeleceram ao longo do tempo.

Gráfico 8 - Correlação entre o aspecto gramatical e o aspecto lexical conforme a faixa etária de JES



Fonte: Elaborado com base nos dados da pesquisa

Com o intuito de fornecer um quadro mais abrangente do comportamento dos dados em análise ao longo do tempo, realizamos, inicialmente, uma análise dos estágios de aquisição de

JES. Com base nos dados de JES, a transição do estágio de uma palavra para o estágio de duas palavras ocorreu por volta de 1;9. É nesse momento que JES começou a produzir construções com argumento interno (12b). Aos dois anos, JES iniciou a transição para o estágio de combinações múltiplas. Embora seja difícil precisar o momento em que isso acontece, a mudança em relação aos meses anteriores no que diz respeito à produção de estruturas com sujeito explícito (12c) é um indicativo de que a transição para o estágio de combinações múltiplas teve início nesse ponto do desenvolvimento.

- (12) a. Cabô [acabou]. (1;7:20)
- b. Agô a ropa [enxaguou a roupa]. (1;9:15)
- c. Menina veio. (1;12:23)

Como mostra o gráfico 8, JES associou perfectivo a *achievement* e imperfectivo a estado desde a primeira sessão. Somente após 1;9, quando iniciava o estágio de duas palavras, imperfectivo e perfectivo associaram-se à classe das atividades. No estágio de combinações múltiplas, que se iniciou por volta dos dois anos, JES começou a associar as categorias de aspecto gramatical à classe dos *accomplishments* também. Antes disso, houve uma única correlação entre perfectivo e *accomplishment* em 1;10.

Como podemos constatar a partir da análise dos gráficos 6 e 8, os quais apresentam a correlação entre o aspecto gramatical e o aspecto lexical conforme a faixa etária das crianças investigadas, os dados de ENY e de JES apresentam diversas correspondências no que diz respeito ao modo como as correlações entre aspecto gramatical e aspecto lexical são estabelecidas ao longo do tempo. A partir de tais correspondências e das generalizações da Hipótese do Aspecto (quadro 7, seção 3.4), apresentamos, em 13, as seguintes generalizações acerca da aquisição do aspecto por parte das duas crianças investigadas.

- (13) a. As crianças utilizam a marca de perfectivo com predicados de *achievement* no estágio de uma palavra, estendendo a marcação aos predicados de atividade no estágio de duas palavras e aos predicados de *accomplishment* no estágio de combinações múltiplas.
- b. As crianças utilizam a marca de imperfectivo com predicados de estado no estágio de uma palavra, estendendo a marcação aos predicados de atividade no estágio de duas palavras e aos predicados de *accomplishment* no estágio de combinações múltiplas.

Nesta seção, realizamos uma descrição dos dados das crianças investigadas. Inicialmente, apresentamos os dados quanto aos aspectos gramatical e lexical para, em seguida, realizarmos uma descrição em termos da correlação entre esses dois tipos de aspecto. A seguir, tratamos dos dados dirigidos às crianças investigadas, tendo em vista que a consideração desses dados é de fundamental importância para a avaliação da hipótese formulada neste trabalho.

6.2 Descrição dos dados do *input* linguístico

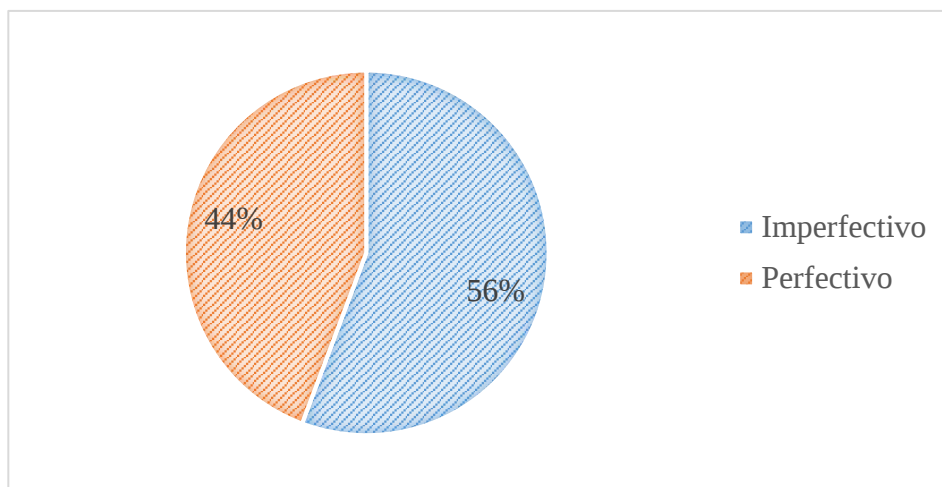
Nesta seção, o tratamento dos dados do estímulo linguístico de ENY e JES segue basicamente os procedimentos realizados na seção anterior. Contudo, tendo em vista que a consideração dos estágios de desenvolvimento não é relevante para a descrição de dados advindos de gramáticas estáveis, como é o caso dos dados desta seção, vamos apenas apresentar os números e percentuais totais das categorias de aspecto gramatical e aspecto lexical pertinentes a este trabalho, bem como a correlação entre tais categorias. A tabela 3, a seguir, registra o total de ocorrências das subcategorias de aspecto gramatical nos dados relativos ao estímulo linguístico das duas crianças.

Tabela 3 – Total de ocorrências de aspecto gramatical nos dados dirigidos às crianças

	Imperfectivo	Perfectivo	Total
<i>Input</i> de ENY	399	317	716
<i>Input</i> de JES	264	147	411

Fonte: Elaborada com base nos dados da pesquisa

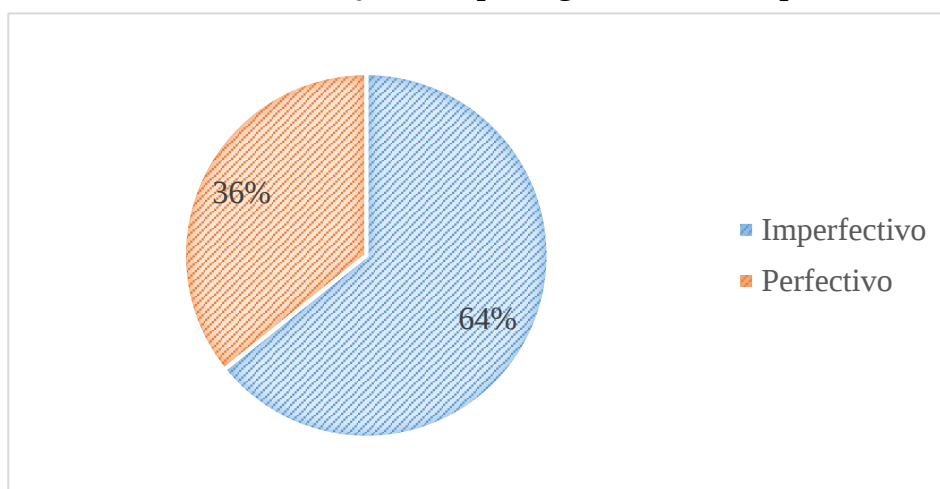
Das 716 formas verbais relativas ao estímulo de ENY, enquanto 399 foram utilizadas com marca de imperfectivo, 317 foram utilizadas com marca de perfectivo, o que equivale a 56% para o imperfectivo e 44% para o perfectivo em números percentuais. Essa distribuição é representada no gráfico 9.

Gráfico 9 – Distribuição do aspecto gramatical no *input* de ENY

Fonte: Elaborado com base nos dados da pesquisa

Ainda em relação aos dados do estímulo linguístico de ENY, das 399 formas imperfectivas, 220 foram flexionadas no presente do indicativo, 164 consistiram na perífrase estar + gerúndio, oito foram flexionadas no pretérito imperfeito do indicativo e sete consistiram na perífrase estar + particípio variável. Quanto às 317 formas perfectivas, todas elas foram flexionadas no pretérito perfeito do indicativo. Quando comparamos a distribuição do aspecto gramatical nos dados do *input* de ENY (gráfico 9) e nos dados de ENY (gráfico 1), obtemos resultados semelhantes. Enquanto o gráfico 9 mostra que, do total das formas verbais produzidas pela mãe de ENY, temos 56% imperfectivas contra 44% perfectivas, o gráfico 1 mostra que, do total das formas verbais produzidas por ENY, 54% são imperfectivas, enquanto 46% são perfectivas.

No que diz respeito aos dados relativos ao *input* de JES, de um total de 411 formas verbais, 264 foram utilizadas com marca de imperfectivo, enquanto 147 foram utilizadas com marca de perfectivo. Como mostra o gráfico 10, isso equivale a 64% para o imperfectivo e 36% para o perfectivo em números percentuais.

Gráfico 10 – Distribuição do aspecto gramatical no *input* de JES

Fonte: Elaborado com base nos dados da pesquisa

Das 264 formas imperfectivas, 178 foram flexionadas no presente do indicativo, 77 consistiram na perífrase estar + gerúndio, cinco consistiram na perífrase estar + particípio variável e quatro foram flexionadas no pretérito imperfeito do indicativo. Em relação às 146 formas perfectivas, todas elas foram flexionadas no pretérito perfeito do indicativo. Em termos de distribuição percentual, o padrão que caracteriza a produção do aspecto gramatical nos dados de JES e nos dados relativos ao *input* de JES é muito semelhante. Se, nos dados do *input* de JES, temos um percentual de 64% para o imperfectivo e de 36% para o perfectivo, nos dados de JES, o percentual de formas imperfectivas é de 65%, enquanto o percentual de formas perfectivas é de 35%.

Comparados aos gráficos 1 e 2 (distribuição do aspecto gramatical nos dados das crianças), os gráficos 9 e 10 (distribuição do aspecto gramatical nos dados do *input* das crianças) mostram que a distribuição do aspecto gramatical nos dados do estímulo linguístico é equivalente à que se evidencia nos dados das crianças.

Com base nas informações da tabela 4, será possível observar se a distribuição do aspecto lexical nos dados do estímulo linguístico também corresponde à distribuição que foi atestada nos dados das crianças.

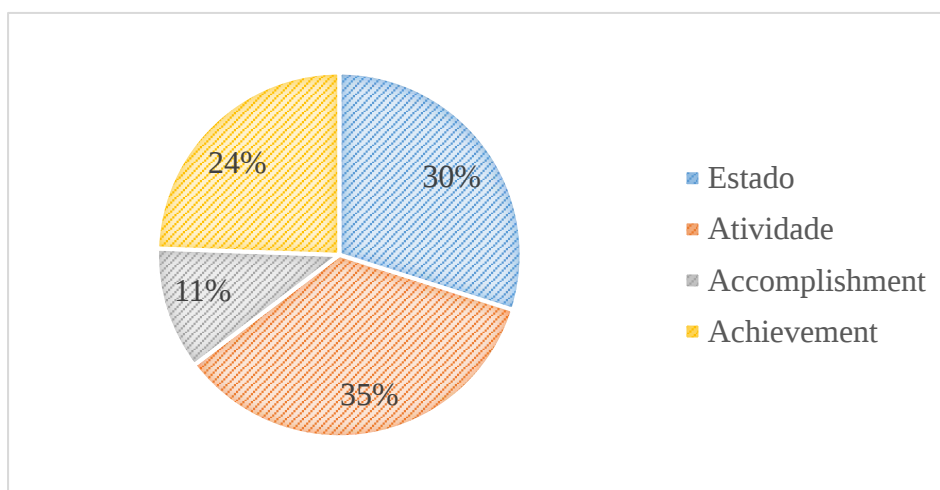
Tabela 4 – Total de ocorrências de aspecto lexical

	Estado	Atividade	<i>Accomplishment</i>	<i>Achievement</i>	<i>Total</i>
ENY	214	249	78	175	716
JES	182	122	59	48	411

Fonte: Elaborada com base nos dados da pesquisa

Do total de predicados verbais presentes no estímulo linguístico de ENY, 249 (35%) pertencem à classe atividade, 214 (30%) à classe estado, 175 (24%) à classe *achievement* e 78 (11%), à classe *accomplishment*. Essa distribuição do aspecto lexical está representada no gráfico 11.

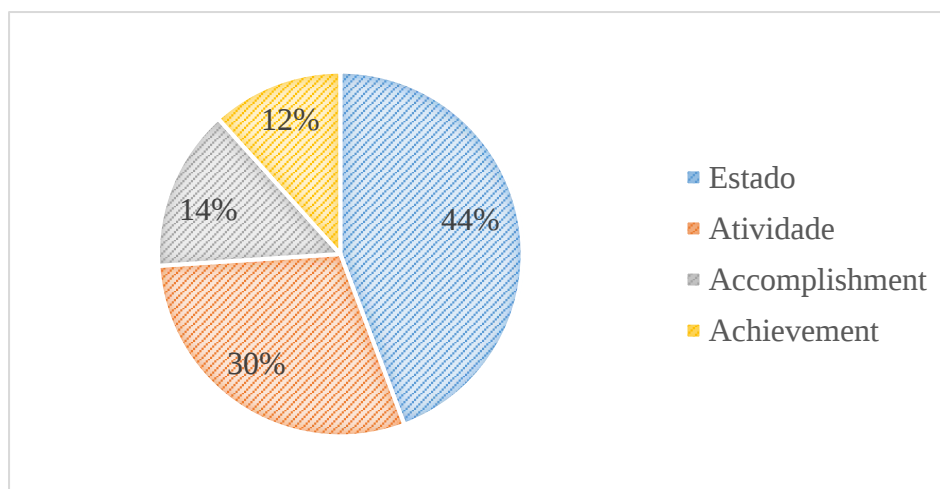
Gráfico 11 - Distribuição do aspecto lexical no *input* de ENY



Fonte: Elaborado com base nos dados da pesquisa

Quanto aos predicados existentes no input de JES, 182 (44%) pertencem à classe estado, 122 (30%) à classe atividade, 59 (14%) à classe *accomplishment* e 48 (12%), à classe *achievement*. O gráfico 12 ilustra essa distribuição do aspecto lexical.

Gráfico 12 - Distribuição do aspecto lexical no *input* de JES



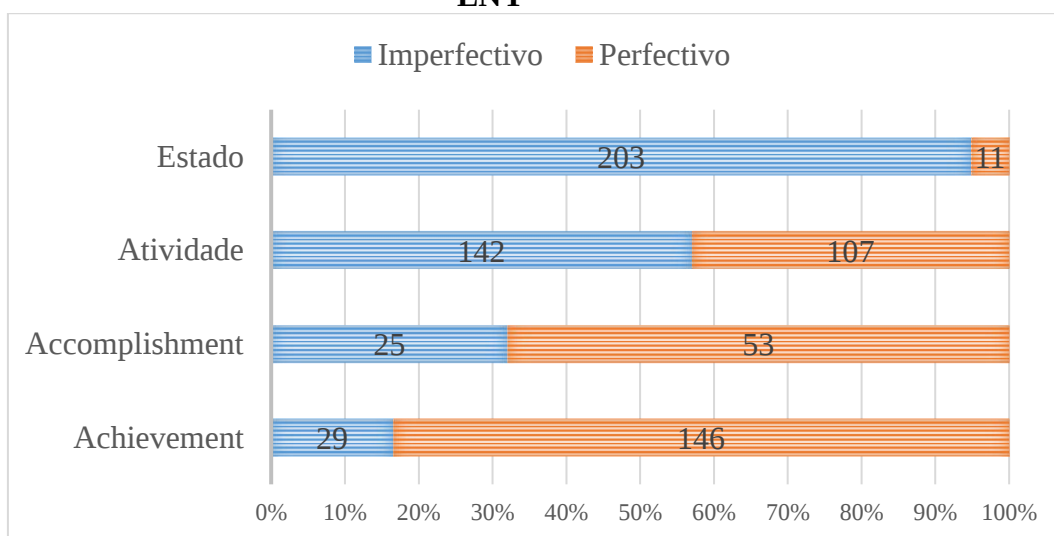
Fonte: Elaborada com base nos dados da pesquisa

A distribuição do aspecto lexical nos dados do estímulo linguístico difere daquela que se evidencia nos dados das crianças investigadas em relação às classes atividade e *achievement*.

Diferentemente do que registram os gráficos 3 e 4 (distribuição do aspecto lexical nos dados das crianças), em que os predicados de *achievement* são mais frequentes do que os de atividade, os gráficos 11 e 12 (distribuição do aspecto lexical nos dados do *input* das crianças) atestam uma frequência maior de predicados de atividade.

Seguindo os procedimentos realizados na seção anterior, os gráficos seguintes evidenciam os padrões de correlação entre o aspecto gramatical e o aspecto lexical nos dados dirigidos às crianças durante as sessões de gravação.

Gráfico 13 - Correlação entre o aspecto gramatical e o aspecto lexical no *input* de ENY

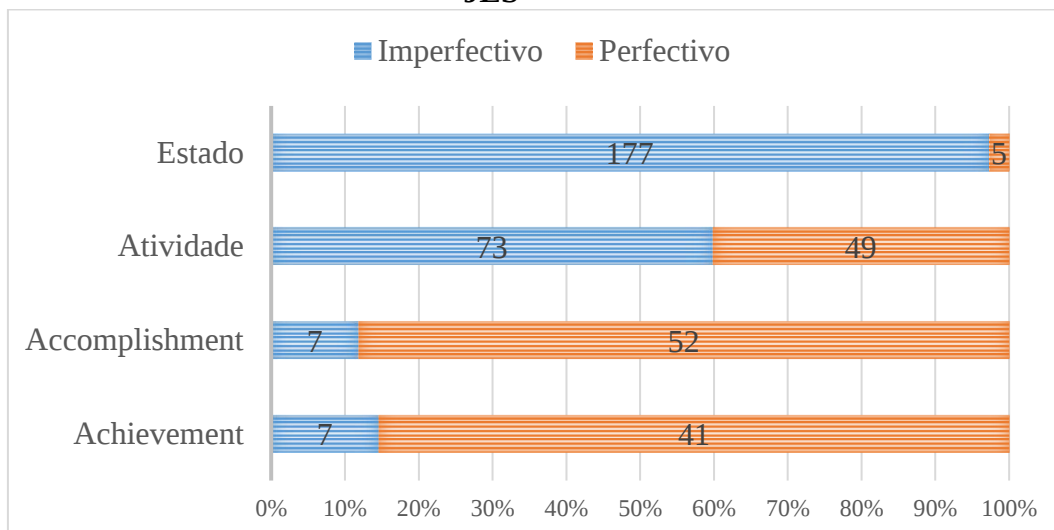


Fonte: Elaborado com base nos dados da pesquisa

O gráfico 13 exibe um padrão semelhante ao que foi detectado no gráfico 5 (correlação entre o aspecto lexical e o aspecto gramatical nos dados de ENY). Como é possível observar, as taxas de associação entre imperfectivo e estado, por um lado, e perfectivo e *achievement*, por outro, também foram as mais altas, 95% e 83% respectivamente. Nos dados de ENY, esses percentuais foram de 98% e 87%. A distribuição dos predicados de atividade entre as duas categorias de aspecto gramatical também ocorreu de forma equilibrada: 57% para imperfectivo e 43% para perfectivo, o que é muito próximo dos índices de 53% e 47% exibidos nos dados de ENY. Já a associação entre perfectivo e *accomplishment* foi um pouco mais flexível. Enquanto o gráfico 13 registra um índice de 68%, essa correlação apresentou percentual de 76% nos dados de ENY. Contudo, apesar dessa diferença no que diz respeito à força de correlação entre perfectivo e *accomplishment*, os dados de ENY e os dados do estímulo de ENY apresentam padrões bastante semelhantes.

No próximo gráfico, será possível constatar se os dados relativos ao estímulo de JES também apresentam semelhanças em relação aos dados produzidos por JES.

Gráfico 14 - Correlação entre o aspecto gramatical e o aspecto lexical no *input* de JES



Fonte: Elaborado com base nos dados da pesquisa

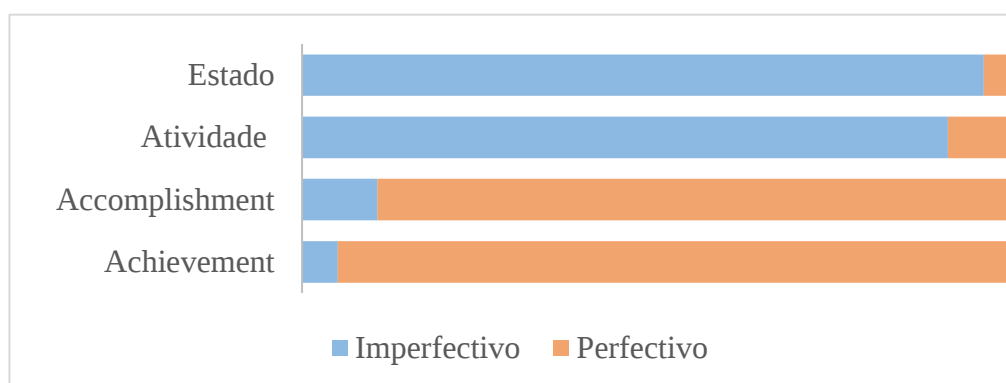
Assim como ocorreu em relação aos gráficos 13 e 5, o padrão exibido pelo gráfico 14 é semelhante ao que foi constatado no gráfico 7 (correlação entre o aspecto lexical e o aspecto gramatical nos dados de JES). Tal qual o gráfico 7, o gráfico 14 mostra que os percentuais de associação entre imperfectivo e estado, por um lado, e perfectivo e *achievement*, por outro, foram os mais altos, atingindo os índices de 97% e 85% respectivamente. Nos dados de JES esses percentuais foram de 95% e 90%. Do mesmo modo, a distribuição das atividades pelas classes perfectivo e imperfectivo também foi a mais equilibrada: 60% para o imperfectivo e 40% para o perfectivo. Esses percentuais correspondem aos que foram detectados nos dados de JES: 63% para o imperfectivo e 37% para o perfectivo. Com uma taxa de 88%, a associação entre perfectivo e *accomplishment* também correspondeu à correlação estabelecida no gráfico 7, que foi de 89%.

O que os gráficos 13 e 14 mostram é que os padrões detectados nos dados relativos ao *input* linguístico e à produção verbal das crianças investigadas são bastante semelhantes. Com a descrição dos dados do estímulo realizada nesta seção, será possível avaliar a hipótese formulada neste trabalho de que o padrão subextensivo da aquisição da morfologia flexional decorre da utilização de mecanismos do terceiro fator de base estatística. A propósito, o capítulo seguinte ocupa-se justamente da avaliação das hipóteses propostas neste trabalho.

7 AVALIAÇÃO DAS HIPÓTESES

O objetivo deste capítulo é fornecer uma discussão dos resultados obtidos no capítulo anterior, de modo que seja possível avaliar as hipóteses que foram propostas na introdução desta tese para explicar o padrão subextensivo que caracteriza a aquisição da morfologia flexional. Tal como foi tratado na seção 3.4, o referido padrão diz respeito à tendência das crianças em fase de aquisição da linguagem de restringir determinada marca aspecto-temporal a uma classe aspectual específica. Sendo assim, a marca de perfectivo ficaria restrita a verbos que compõem predicados de *achievement* e de *accomplishment*, enquanto a marca de imperfectivo ficaria restrita a verbos que integram predicados de atividade e de estado. Esquemáticamente, essa tendência pode ser representada conforme a figura 17.

Figura 17 – Representação esquemática do padrão subextensivo típico da aquisição da morfologia flexional



Fonte: Elaborado com base nos quadros 6 e 7 (seção 3.4)

A partir da observação de que crianças falantes de diversas línguas exibem certos padrões na aquisição de morfemas aspecto-temporais (seção 3.4), e tendo por base os pressupostos minimalistas acerca da FL (seções 2.6 e 4.3), a hipótese formulada para explicar o padrão subextensivo típico da aquisição da morfologia flexional foi a de que ele decorre da utilização de mecanismos do terceiro fator de base estatística. O que isso significa é que as crianças utilizam habilidades de domínio geral, portanto, não específicas da linguagem, para detectar regularidades no estímulo linguístico. Se essa hipótese estiver correta, os padrões detectados nos dados das crianças deverão refletir os padrões detectados nos dados relativos ao seu *input* linguístico. Nesse caso, os padrões identificados poderão diferir de uma criança para outra, mas não de uma criança para seu respectivo estímulo.

Nossa hipótese de trabalho contrasta com uma hipótese dominante na literatura sobre aquisição de aspecto e tempo. Referimo-nos à Hipótese do Aspecto, segundo a qual os traços aspectuais semânticos inerentes às raízes verbais influenciam fortemente o curso da aquisição do aspecto gramatical (LI; SHIRAI, 2000). Como observamos na seção 3.4, uma afirmação comum entre os defensores da Hipótese do Aspecto é a de que os morfemas aspecto-temporais inicialmente produzidos pelas crianças codificam traços de aspecto lexical, e não traços gramaticais de aspecto e tempo. Mais especificamente, o que se propõe é que, na produção linguística inicial, os morfemas aspecto-temporais codificam os traços [$\pm$ télico], e não traços como [$\pm$ perfectivo] ou [$\pm$ passado]. Outra afirmação frequente é a de que o aspecto lexical determina ou controla o uso dos morfemas flexionais. Nesse caso, verbos de *accomplishment*, por exemplo, só poderiam ser utilizados com marcas de perfectivo (pretérito perfeito do indicativo), pois a presença do traço [$+$ télico] determinaria a ocorrência dessa marcação. Dessa maneira, se a Hipótese do Aspecto estiver correta, a flexão aspecto-temporal de um determinado verbo deverá estar diretamente relacionada aos traços aspectuais inerentes a esse verbo, o que resultará em um padrão de correlação entre o aspecto gramatical e o aspecto lexical notavelmente rígido.

Nas próximas seções, testamos as previsões relativas a cada uma das hipóteses propostas para explicar o padrão subextensivo da aquisição da morfologia flexional. Começamos pela Hipótese do Aspecto e, logo em seguida, passamos à nossa hipótese de trabalho.

7.1 Avaliação da Hipótese do Aspecto

Conforme foi apresentada no quadro 7 (seção 3.4), a Hipótese do Aspecto constitui, na verdade, um conjunto de generalizações elaborado por Li e Shirai (2000) a partir de resultados obtidos em diversas pesquisas sobre a aquisição do aspecto. Tendo por base o referido quadro, a ordem em que se estabelecem as relações entre o aspecto gramatical e o aspecto lexical pode ser resumida da seguinte forma:

- (1) a. Perfectivo: *achievement* $\rightarrow$ *accomplishment* $\rightarrow$ atividade $\rightarrow$ estado
- b. Imperfectivo: estado $\rightarrow$ atividade $\rightarrow$ *accomplishment* $\rightarrow$ *achievement*

Com base na ordenação disposta em (1), o que se tem defendido na literatura sobre aquisição de aspecto é que morfemas aspecto-temporais codificam aspecto lexical. Em princípio, a Hipótese do Aspecto é neutra a respeito da propriedade aspectual semântica que

seria codificada. No entanto, o que se tem proposto é que, inicialmente, morfemas flexionais veiculam a propriedade semântica de telicidade. Colocada dessa forma, a hipótese em causa apresenta-se em sua versão forte.

Se, de fato, os dados de aquisição da linguagem se comportam conforme as generalizações da Hipótese do Aspecto, é aceitável supor que os morfemas aspecto-temporais carregam a oposição semântica entre telicidade e atelicidade, já que os predicados das classes *achievement* e *accomplishment* se contrapõem aos predicados das classes estado e atividade em virtude do contraste dos valores do traço [télico]. Nessa perspectiva, poderíamos interpretar os padrões detectados nos dados de JES como um indicativo da legitimidade da Hipótese do Aspecto. Como é possível constatar a partir da observação do gráfico 7 (correlação entre o aspecto gramatical e o aspecto lexical nos dados de JES), as formas perfectivas foram associadas aos predicados de *achievement* em 90% das vezes e aos de *accomplishment* em 89% das vezes, enquanto as formas imperfectivas foram associadas aos predicados de estado em 95% das vezes e aos de atividade em 63% das vezes. Contudo, a barra relativa à classe das atividades pode ser usada como um contraexemplo à Hipótese do Aspecto. Isso porque o percentual de formas perfectivas associadas aos predicados de atividade foi de 37%, o que é significativo para uma classe de predicados atélicos. Uma vez que os predicados de atividade contêm o traço [-télico], a associação entre atividade e imperfectivo deveria, segundo a Hipótese do Aspecto, seguir a mesma tendência que se evidencia entre estado e imperfectivo, o que não acontece. O que podemos concluir a partir da análise do gráfico 7 é que a correlação representada na barra referente à classe das atividades não se ajusta à Hipótese do Aspecto.

As dificuldades que a correlação entre a classe atividade e o aspecto gramatical impõem à Hipótese do Aspecto são ainda mais perceptíveis quando analisamos o gráfico 5 (correlação entre o aspecto gramatical e o aspecto lexical nos dados de ENY). Nesse caso, enquanto as barras das extremidades registram correlações sólidas entre (im)perfectividade e (a)telicidade, as barras intermediárias, especialmente a barra relativa à classe das atividades, apresentam correlações mais flexíveis. Conforme o gráfico 5, os índices de correlação entre o aspecto gramatical e o aspecto lexical são os seguintes: 98% para imperfectivo e estado, 87% para perfectivo e *achievement*, 76% para perfectivo e *accomplishment* e 53% para imperfectivo e atividade. Assim como observamos em relação ao gráfico 7, a correlação que mais chama a atenção no gráfico 5 é a que se estabelece entre o aspecto gramatical e a classe atividade. O percentual de formas perfectivas associadas aos predicados de atividade nos dados de ENY é ainda mais significativo do que nos dados de JES. Nos dados de ENY, a taxa de correlação

entre perfectivo e atividade chega a 47%, o que não está em conformidade com Hipótese do Aspecto.

Dessa forma, se assumirmos a hipótese de que os morfemas aspecto-temporais codificam inicialmente a noção semântica de telicidade, imediatamente enfrentaremos sérias dificuldades para explicar a inequívoca correlação entre atividade e perfectividade presente nos dados de ENY. Visto que são atélcos, os predicados de atividade deveriam apresentar correlação mais consistente com a categoria imperfectivo. De qualquer forma, para chegarmos a uma conclusão acerca da Hipótese do Aspecto, precisamos ainda observar como os dados se comportaram ao longo do tempo.

Se a correlação entre perfectivo e atividade é um contraexemplo à Hipótese do Aspecto, o modo como essa correlação se estabeleceu ao longo do tempo também fornece resultados que não se conformam à hipótese em causa. De acordo com a ordenação apresentada em (1)⁵², as crianças utilizam inicialmente as marcas de perfectivo com *achievement*, depois com *accomplishment* e só mais tarde estendem essa marcação às classes atividade e estado. Como é possível constatar a partir da observação do gráfico 8 (correlação entre o aspecto gramatical e o aspecto lexical conforme a faixa etária de JES), o perfectivo associou-se aos predicados de atividade nos dados de JES (1;9) antes que a associação esperada entre perfectivo e *accomplishment* fosse registrada (1;10). Esses resultados contradizem a Hipótese do Aspecto, já que, diferentemente de (1), os dados de JES apresentaram a seguinte ordenação para o perfectivo: *achievement* > atividade > *accomplishment* > estado.

Basicamente, o comportamento dos dados de ENY ao longo do tempo é semelhante ao que foi observado nos dados de JES. Há, contudo, um ponto relevante nos dados de ENY no que diz respeito à correlação entre perfectivo e atividade. Como é possível observar no gráfico 6, a associação entre perfectivo e atividade (1;7) não só ocorreu antes da associação prevista entre perfectivo e *accomplishment* (1;12), como também ocorreu antes da associação entre imperfectivo e atividade (1;10). Dessa forma, os resultados apresentados no gráfico 6 constituem contraexemplos ainda mais contundentes à Hipótese do Aspecto.

No conjunto, os resultados obtidos não apenas contestam as generalizações da Hipótese do Aspecto, como também impõem um problema incontornável à suposição de que morfemas aspecto-temporais carregam a noção semântica de telicidade. Se a correlação entre perfectivo e atividade é anterior a que se estabelece entre perfectivo e *accomplishment* (e mesmo entre

⁵² (1) a. Perfectivo: *achievement* → *accomplishment* → atividade → estado
b. Imperfectivo: estado → atividade → *accomplishment* → *achievement*

imperfectivo e atividade, como no caso de ENY), então não é possível afirmar que os morfemas de perfectivo veiculam o traço [+télico], já que os predicados de atividade são atélicos.

Mesmo em sua versão mais fraca, a Hipótese do Aspecto não é capaz de fornecer uma explicação adequada para os padrões detectados nos dados das crianças investigadas. Isso porque, mesmo se considerássemos a suposição geral de que traços aspectuais semânticos determinam a aquisição do aspecto gramatical, sem especificarmos nenhum traço semântico que seria codificado pelos morfemas aspecto-temporais, ainda assim os padrões de correlações entre o aspecto gramatical e o aspecto lexical deveriam ser mais rígidos do que os que foram detectados nos dados das crianças investigadas. Por exemplo, todas as vezes que as crianças produzissem um verbo télico, esse verbo deveria estar marcado para o perfectivo, e toda vez que elas produzissem um verbo atélico, esse verbo deveria ser utilizado com marca de imperfectivo. Não é isso que acontece nos dois casos examinados, já que um percentual significativo de verbos de atividade (atélicos) foi associado ao perfectivo.

Uma vez que não apresentam padrões rígidos de correlação entre o aspecto gramatical e o aspecto lexical nem se conformam às generalizações na Hipótese do Aspecto, os resultados obtidos refutam a hipótese de que os traços aspectuais semânticos inerentes às raízes verbais influenciam fortemente o curso da aquisição de morfemas aspecto-temporais. Em busca de explicações mais adequadas para o padrão subextensivo da aquisição da morfologia flexional, avaliamos, na próxima seção, nossa hipótese de trabalho.

7.2 Avaliação da hipótese de trabalho

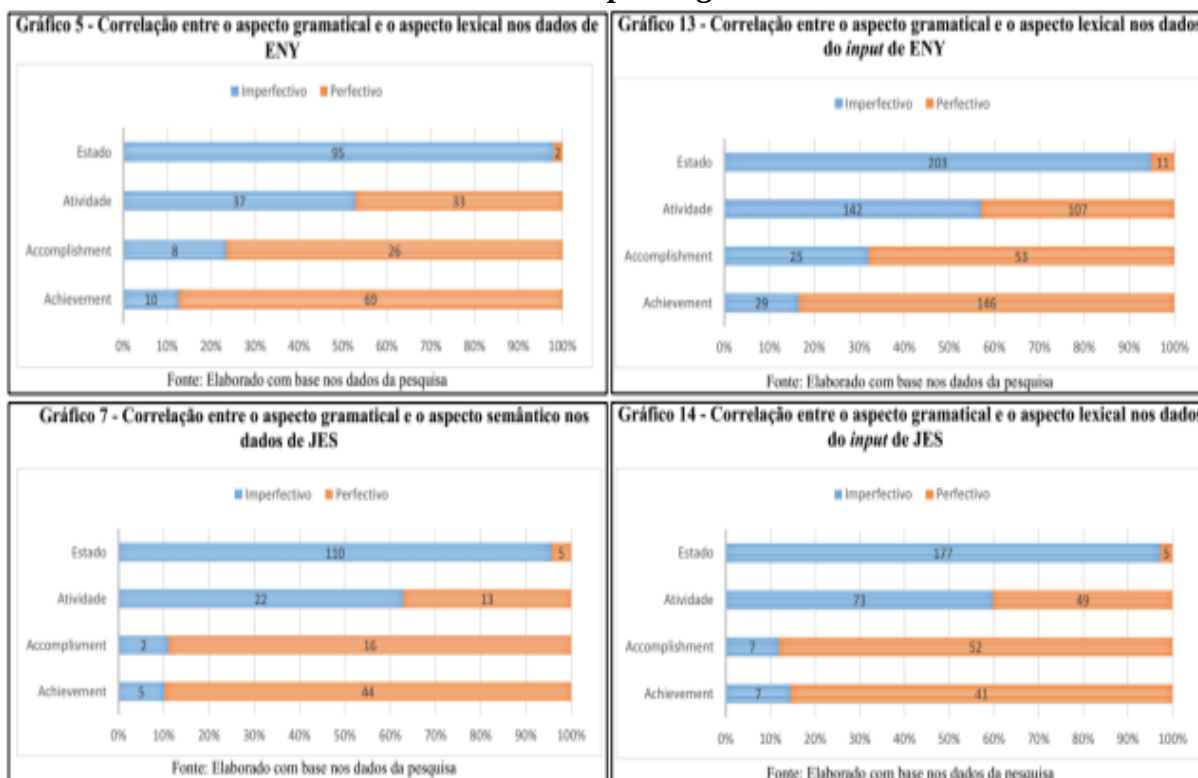
Com base na seção 4.2, podemos afirmar que qualquer abordagem para o desenvolvimento linguístico deve incorporar um mecanismo de aquisição que opere sobre algum tipo de conteúdo. Nessa perspectiva, o que diferencia abordagens nativistas das abordagens empiristas é a natureza do conteúdo. Se, de um lado, os nativistas argumentam a favor da existência de conteúdo linguístico inato, os empiristas, de outro lado, não admitem conteúdo linguístico independente da experiência. De fato, embora as abordagens nativistas para configuração paramétrica apresentadas na seção 4.2.1 (VEPS, Aquisição Hierárquica, Variacional e Subespecificação) tenham desvinculado os parâmetros dos princípios da GU, passando a associá-los às categorias funcionais, o entendimento ainda é o de que essas categorias são inatas. Por outro lado, as abordagens emergentistas discutidas na seção 4.2.2 (aprendizagem estatística e teoria da aquisição baseada no uso) propõem que categorias

linguísticas abstratas não são inatas, mas induzidas com base em sua distribuição no estímulo linguístico.

Considerando o objetivo do Programa Minimalista de reduzir a aparente complexidade da GU, bem como a suposição minimalista de que o desenvolvimento linguístico envolve dotação genética, experiência e princípios de domínio geral, procuramos, na seção 4.3, desenvolver a ideia de que uma perspectiva minimalista para a aquisição da linguagem deve incorporar mecanismos do terceiro fator à sua agenda de pesquisa. É nessa perspectiva que formulamos a hipótese de que o padrão subextensivo que caracteriza a aquisição da morfologia flexional decorre da utilização de mecanismos do terceiro fator de natureza estatística. Para avaliar essa hipótese, comparamos, a seguir, os resultados das duas crianças investigadas (seção 6.1) àqueles relativos ao estímulo linguístico que cada uma delas recebeu durante o período de coleta de dados (seção 6.2).

A comparação entre os padrões de correlação entre o aspecto gramatical e o aspecto lexical detectados nos dados de ENY e JES (gráficos 5 e 7) mostra que a distribuição dos predicados de atividade e de *accomplishment* entre as categorias perfectivo e imperfectivo varia de uma criança para outra. Todavia, quando os dados das crianças são comparados aos dados relativos ao seu respectivo estímulo linguístico (gráficos 13 e 14), o que vemos são apenas semelhanças. A figura 18, a seguir, exemplifica essa constatação ao evidenciar as diferenças entre os gráficos dispostos verticalmente e as semelhanças entre os gráficos dispostos horizontalmente no que diz respeito às barras intermediárias.

Figura 18 – Comparação entre os padrões detectados nos dados das crianças e nos dados relativos ao *input* linguístico



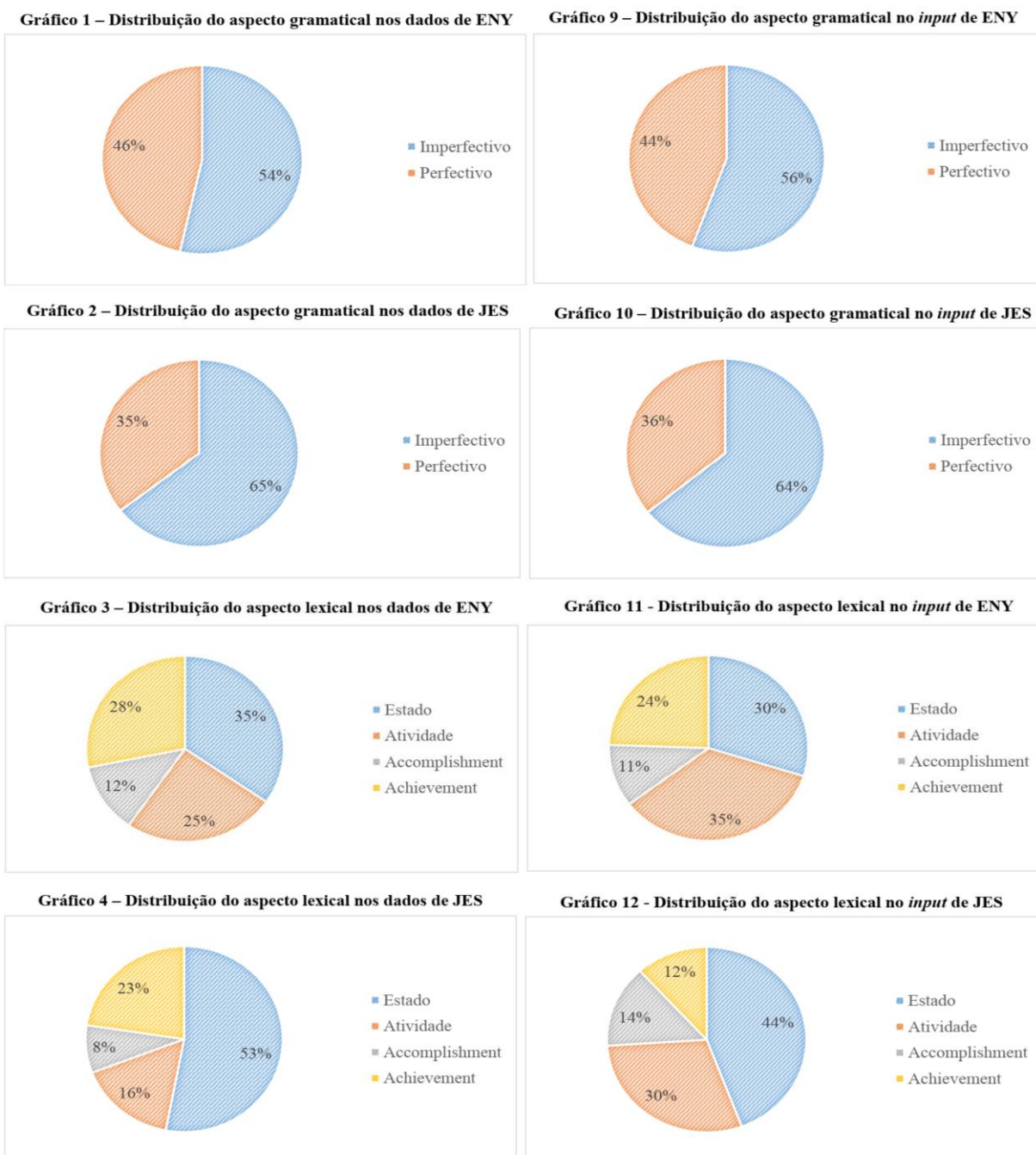
Fonte: Elaborada com base nos gráficos das seções 6.1 e 6.2

Como mostra a figura 18, os padrões exibidos nos dados de ENY e JES variam em relação às barras intermediárias: enquanto a relação entre perfectivo e *accomplishment* é mais estreita nos dados de JES, a distribuição dos predicados de atividade entre as categorias perfectivo e imperfectivo é mais equilibrada nos dados de ENY. Contudo, a comparação entre os gráficos dispostos horizontalmente mostra que os dados referentes às barras intermediárias se comportam de maneira semelhante tanto nos dados das crianças quanto nos dados relativos ao estímulo linguístico que cada uma delas recebeu. Em outras palavras, o que a figura 18 demonstra é que o padrão de correlação entre o aspecto gramatical e o aspecto lexical oscilou de uma criança para outra, mas não das crianças para seu respectivo *input*.

Se os dados de ENY e JES apresentam padrões semelhantes àqueles atestados em seus respectivos *inputs*, não temos razões para supor que a aquisição da morfologia aspecto-temporal depende dos traços aspectuais semânticos inerentes às raízes verbais. O que parece estar por trás dessas correspondências é a utilização de mecanismos do terceiro fator, no caso, procedimentos de natureza estatística, para a detecção de regularidades no estímulo linguístico. Detectar essas regularidades não seria uma tarefa difícil para as crianças, pois as informações relativas à probabilidade de coocorrência entre o aspecto gramatical e o aspecto lexical são

expressas em termos da distribuição do aspecto gramatical. Nesse caso, as crianças não encontrariam grandes dificuldades para identificar informações distribucionais do aspecto gramatical (frequência e probabilidade de coocorrência com o aspecto lexical) porque tais informações estariam disponíveis no sinal acústico na forma de padrões sistemáticos relacionados à morfologia aspecto-temporal. A respeito disso, a figura 19 pode trazer alguns esclarecimentos.

Figura 19 - Comparação entre a distribuição do aspecto nos dados das crianças e nos dados relativos ao estímulo linguístico



Fonte: Elaborada com base nos gráficos das seções 6.1 e 6.2

Como mostra a figura 19, enquanto a distribuição do aspecto lexical apresenta algumas diferenças quando comparamos os dados das crianças aos dados do *input*, a distribuição do aspecto gramatical é uniforme em todos os gráficos. Basicamente, essa diferença está relacionada à frequência dos predicados de atividade e de *achievement*. Como observamos na seção 7.2, os predicados de *achievement* são mais frequentes do que os de atividade nos dados das crianças, enquanto, nos dados do *input*, ocorre justamente o contrário: os predicados de *achievement* são mais frequentes do que os de atividade. Uma comparação entre essas diferenças em relação à distribuição do aspecto lexical e as semelhanças em relação à distribuição do aspecto gramatical, bem como no que diz respeito à correlação entre o aspecto gramatical e o aspecto lexical, parece indicar que as crianças são sensíveis não apenas à frequência do aspecto gramatical, mas também à distribuição do aspecto gramatical em relação ao aspecto lexical. Isto é, mais importante do que o total de ocorrências de um determinado aspecto lexical é o total de ocorrências em que ele é associado a um determinado aspecto gramatical. Quanto às razões pelas quais as crianças produziram mais *achievements*, enquanto suas mães produziram mais atividades, habilidades perceptivas talvez pudessem estar aí envolvidas. Contudo, essa é uma questão que nos levaria além do objetivo deste trabalho.

Esse contraste entre a distribuição do aspecto gramatical e do aspecto lexical é esperado, já que, um determinado morfema aspectual é mais recorrente do que uma raiz verbal específica. Portanto, com base nas informações compactadas na figura 19, podemos afirmar que as crianças são sensíveis à distribuição do aspecto gramatical.

A comparação entre a expressão do aspecto gramatical nos dados das crianças e nos dados do *input* linguístico também pode fornecer indícios de que as crianças são sensíveis à distribuição do aspecto gramatical. Como pontuamos na seção 6.1, o surgimento tardio do pretérito imperfeito do indicativo, bem como a baixa frequência dessa flexão verbal, é relevante para a avaliação da nossa hipótese de trabalho. Sendo uma forma simples, o pretérito imperfeito do indicativo deveria surgir antes da perífrase *estar + gerúndio*, que é uma forma complexa, o que não acontece. O pretérito imperfeito do indicativo não apenas surge após a perífrase *estar + gerúndio*, como também apresenta baixa frequência nos dados das crianças. Quando analisamos os dados relativos ao *input* linguístico (seção 6.2), o que observamos foi que, enquanto o total de ocorrências da perífrase *estar + gerúndio* é de 164 para o *input* de ENY e 77 para o *input* de JES, a soma de ocorrências do pretérito imperfeito do indicativa é de apenas oito para o *input* de ENY e somente quatro para o *input* de JES. Sendo assim, um dos fatores

determinantes para o surgimento de um determinado morfema flexional parece ser a sua frequência no estímulo linguístico.

A semelhança entre a distribuição dos dados das crianças investigadas e a distribuição dos dados do input linguístico confirma, portanto, a hipótese de que o padrão subextensivo característico da aquisição da morfologia flexional decorre da utilização de mecanismos do terceiro fator de natureza estatística. Dessa forma, os resultados desta pesquisa se aproximam do modelo variacional de Yang (2004) visto que seu modelo assumiu explicitamente a necessidade de mecanismos estatísticos na fixação dos parâmetros. No entanto, como observamos na seção 4.3, o modelo de Yang (2004) parece manter uma caracterização da GU em termos de um conjunto de princípios e parâmetros, restando aos mecanismos estatísticos a função de auxiliar as crianças a fixarem parâmetros já especificados na GU. Nessa perspectiva, levando em consideração os esforços minimalistas para minimizar a dotação genética do estado inicial da FL e, em contrapartida, maximizar os efeitos do terceiro fator no desenvolvimento linguístico, compartilhamos com Yang (2004) a postulação de que mecanismos estatísticos estão envolvidos na realização de tarefas pertinentes à fixação paramétrica, mas entendemos que o sistema paramétrico só poderia fazer parte da FL em termos de efeitos do terceiro fator, e não em termos de especificação genética.

A confirmação da nossa hipótese de trabalho tem implicações não apenas para os estudos da aquisição do aspecto, mas também para o desenvolvimento de uma abordagem minimalista para aquisição da linguagem. Conforme mostramos na seção 3.4, diversos estudos sobre a aquisição de tempo e aspecto argumentaram a favor da ideia de que o aspecto semântico interfere fortemente no curso da aquisição do aspecto gramatical. Muitos deles, inclusive, assumem explicitamente a hipótese de que as crianças utilizam morfemas de tempo e aspecto para veicular traços aspectuais semânticos como o traço $[\pm\text{télico}]$. Como já observamos na seção anterior, se os dados das crianças apresentam um padrão subextensivo no que diz respeito à aquisição da morfologia flexional, é natural supor algum tipo de interação entre o aspecto gramatical e o aspecto lexical. Essa é justamente a suposição presente nos estudos tratados na seção 3.4. Todavia, nenhum desses estudos comparou os dados de produção verbal das crianças aos dados do *input* linguístico. Ao procedermos a essa comparação, o resultado que obtivemos foi a constatação de que, na verdade, as crianças refletem os padrões que detectam no *input*.

A constatação de que as crianças refletem padrões que elas detectam no *input* indica que elas utilizam procedimentos de natureza estatística no curso da aquisição da linguagem, o que parece contradizer a literatura gerativista, conhecida pelas alegações de que as crianças não precisam de nada além da exposição aos estímulos linguísticos porque já nascem com um

conhecimento linguístico rico e estruturado. Contudo, como mostramos na seção 4.3, essa é uma suposição pré-minimalista embasada no argumento da pobreza de estímulos, e, além do mais, tal suposição nunca foi feita de forma categórica. O que vemos na literatura minimalista é o empreendimento de sucessivos esforços para reduzir a complexidade da GU, diminuindo a atuação de restrições genéticas e, ao mesmo tempo, incorporando princípios gerais que não são específicos da linguagem, isto é, princípios relativos a outras faculdades cognitivas e ao mundo natural em geral. Além do mais, em Chomsky (2005), encontramos uma proposta para o desenvolvimento da linguagem que vai além da interação entre dotação genética e experiência. Segundo o autor, o desenvolvimento linguístico depende ainda de um terceiro fator, que são justamente princípios gerais não específicos da Faculdade da Linguagem. Portanto, o PM fornece suporte para a incorporação de procedimentos de natureza estatística à equação do desenvolvimento linguístico como parte do terceiro fator.

A consideração dos mecanismos estatísticos no quadro dos fatores que determinam o desenvolvimento linguístico, levanta algumas questões pertinentes ao problema da inicialização e do funcionamento do sistema computacional, já que, nessa perspectiva, a aquisição dos traços que o colocam em funcionamento depende da detecção de regularidades no input, e não da especificação inata de traços componentes de categorias sintáticas. Conforme as considerações acerca do *design* da linguagem que realizamos na seção 2.6, o sistema computacional opera sobre traços formais de elementos do léxico, relacionando-os de forma estruturada. As abordagens nativistas descritas na seção 4.2.1 postulam especificação de traços formais como parte do estado inicial da FL. Uma vez que os traços formais estariam disponíveis no estado inicial, de modo que as crianças só precisariam descobrir quais morfemas os codificam, a inicialização do sistema computacional envolveria mapeamento entre categorias abstratas inatas e palavras pertencentes a elas.

Embora não reconheça a disponibilidade de traços formais no estado inicial, a proposta de incorporação de procedimentos de natureza estatística aos fatores que determinam o desenvolvimento linguístico não acarreta nenhuma mudança em relação ao funcionamento do sistema computacional. De fato, o sistema computacional continua operando sobre traços formais de elementos do léxico. A diferença reside no modo como as crianças identificam esses traços. Quanto a isso, a distribuição de elementos de categorias funcionais parece ser um fator crucial. Ora, informações gramaticalmente relevantes são expressas em termos de propriedades distributivas de categorias funcionais e de categorias lexicais a elas associadas. Sendo assim, as crianças precisam detectar essas propriedades distributivas das categorias funcionais e atribuir sentido aos padrões detectados a partir da exploração de informações pertinentes à

interface semântica. O resultado disso seria a representação dos traços formais necessários para a inicialização e o funcionamento do sistema computacional.

A proposta de que o sistema computacional é inicializado a partir do momento em que as crianças interpretam padrões regulares exibidos pelas categorias funcionais com base em informações pertinentes à interface semântica atende à suposição minimalista de que a FL é simples, opera com base em capacidades identificáveis em outros aspectos da cognição humana e em outras espécies, e, em grande parte, não é determinada pela dotação genética. Além do mais, a proposta pode fornecer uma explicação mais adequada para o fato de que, no estágio de uma palavra, as crianças investigadas produziam marcas aspectuais, mas pareciam não interpretar distinções entre perfectivo e imperfectivo. Ao que parece, as crianças produziam formas perfectivas, como *achou*, *acabou* e *caiu*, para denotar mudanças de estado que acabaram de acontecer ao seu redor, e não para apresentar uma situação a partir de uma perspectiva temporal.

Neste capítulo, avaliamos duas hipóteses para o padrão subextensivo típico da aquisição da morfologia flexional. Os resultados obtidos refutaram a Hipótese do Aspecto e confirmaram nossa hipótese de trabalho. Uma vez que a consideração de procedimentos de natureza estatística como parte do terceiro fator conduz a uma abordagem para a aquisição em que os traços associados às categorias funcionais não se encontram especificados geneticamente, o que está de acordo com o propósito minimalista de reduzir a complexidade da GU, concluímos este capítulo argumentando que uma abordagem minimalista para a aquisição da linguagem deverá incorporar procedimentos de natureza estatística. No próximo capítulo, apresentamos as considerações finais acerca do percurso deste trabalho e dos resultados obtidos.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta tese, examinamos o padrão subextensivo que caracteriza a aquisição da morfologia flexional e avaliamos duas hipóteses formuladas para tentar explicá-lo, sendo uma delas a Hipótese do Aspecto, amplamente difundida na literatura sobre aquisição de aspecto e tempo, e a outra a que foi formulada nesta tese com base na proposta minimalista dos três fatores no *design* da linguagem. A Hipótese do Aspecto propõe que o padrão supracitado advém da interferência de traços semânticos inerentes às raízes verbais no curso da aquisição do aspecto gramatical. Tendo em vista a incompatibilidade dessa hipótese com a concepção minimalista da FL, partimos dos desenvolvimentos recentes da Teoria Gerativa e formulamos a hipótese de que o padrão em causa decorre da utilização de mecanismos do terceiro fator de natureza estatística. Uma vez que os dados confirmaram nossa hipótese de trabalho, sugerimos que o desenvolvimento de uma abordagem minimalista para a aquisição da linguagem deverá incluir procedimentos de terceiro fator à sua agenda de pesquisa. Este capítulo apresenta uma síntese do percurso realizado para atingir esses resultados.

Após uma breve introdução, que delimitou o problema com o qual lidamos, os objetivos da tese e as hipóteses a serem testadas, expusemos alguns dos conceitos básicos da Teoria Gerativa, com destaque para os conceitos de FL e GU, e, na sequência, introduzimos a ideia central dos estudos gerativistas de que as estruturas sintáticas são projeções de seus itens lexicais. Prontamente, desenvolvemos essa questão da projeção da informação lexical tratando da maneira como as propostas para a projeção de categorias sintáticas se desenvolveram a partir de um sistema de regras de estrutura sintagmática para um sistema de princípios relacionados à derivação das sentenças.

Tendo apresentado as questões pertinentes à Teoria Gerativa, focalizamos a categoria com a qual lidamos nesta tese: o aspecto. Iniciamos o tratamento do aspecto procurando diferenciá-lo de tempo, já que ambas as categorias estão associadas à interpretação temporal das sentenças. Em seguida, mostramos que o conceito de aspecto compreende dois sistemas distintos de categorias: o aspecto gramatical, que transmite informações a respeito da perspectiva temporal sob a qual a situação é apresentada, e o aspecto lexical, que transmite informações acerca das propriedades semânticas dos sintagmas verbais. Ao concluirmos nossas considerações acerca da distinção entre o aspecto gramatical e o aspecto lexical, abordamos questões relativas à projeção de traços aspectuais na estrutura sintática e ao padrão de correlação entre o aspecto gramatical e o aspecto lexical típico dos dados de produção verbal infantil.

Após a discussão da categoria aspecto, ocupamo-nos com as questões relativas à aquisição da linguagem. Nossas considerações sobre a aquisição da linguagem voltaram-se para os estágios de aquisição pelos quais as crianças passam, bem como para as abordagens teóricas que buscam explicar a maneira como o conhecimento linguístico se desenvolve. A exposição que fizemos acerca das abordagens existentes para a aquisição da linguagem culminou com uma discussão acerca dos fundamentos do que seria uma abordagem minimalista para a aquisição. Uma avaliação da proposta dos três fatores de Chomsky, somada aos demais esforços minimalistas para reduzir a complexidade da GU, mostrou que os pressupostos atuais da Teoria Gerativa não comportam mais a caracterização da GU em termos de um conjunto de princípios e parâmetros e levou-nos a concluir que a inclusão de procedimentos de natureza estatística no terceiro fator encontra respaldo teórico no PM.

Ao finalizarmos as considerações teóricas, passamos às informações concernentes à metodologia utilizada nesta tese. As informações metodológicas pertinentes a este trabalho consistiram na apresentação do estudo de caso como o procedimento metodológico empregado, na descrição do processo de seleção dos dados e na definição das categorias relevantes para o tratamento dos dados.

Na sequência, dedicamo-nos à descrição dos dados. Os dados das duas crianças investigadas exibiram padrões semelhantes no que diz respeito à correlação entre o aspecto gramatical e o aspecto lexical, sendo a associação entre perfectivo e atividade significativa tanto nos dados de ENY quanto nos dados de JES, tendo em vista que não se trata de uma relação esperada. No que diz respeito ao modo como essas correlações entre o aspecto gramatical e o aspecto lexical foram estabelecidas ao longo do tempo, formulamos as seguintes generalizações: (i) as crianças utilizam a marca de perfectivo com predicados de *achievement* no estágio de uma palavra, estendendo essa marcação aos predicados de atividade no estágio de duas palavras e aos predicados de *accomplishment* no estágio de combinações múltiplas; e (ii) as crianças utilizam a marca de imperfectivo com predicados de estado no estágio de uma palavra, estendendo essa marcação aos predicados de atividade no estágio de duas palavras e aos predicados de *accomplishment* no estágio de combinações múltiplas. Quanto aos dados relativos ao *input*, os padrões detectados apresentaram semelhança considerável em relação aos dados das crianças investigadas.

Concluída a descrição dos dados, foi possível avaliar as hipóteses propostas para explicar o padrão de correlação entre o aspecto gramatical e o aspecto lexical típico da produção linguística infantil. Como os dados das crianças investigadas não se conformaram às generalizações da Hipótese do Aspecto, a hipótese de que os traços aspectuais semânticos

inerentes às raízes verbais influenciam fortemente o curso da aquisição da morfologia aspecto-temporal foi refutada. Por outro lado, uma vez que os resultados mostraram que as crianças refletem o padrão de correlação entre aspecto gramatical e aspecto lexical presente nos dados do *input*, a hipótese de que o referido padrão é formado devido à utilização de mecanismos do terceiro fator de natureza estatística foi confirmada.

A constatação de que as crianças utilizam procedimentos de natureza estatística para detectar padrões no estímulo linguístico associada aos desenvolvimentos recentes do PM acerca da aparente complexidade da GU e dos três fatores no *design* da linguagem levou-nos a propor que uma abordagem minimalista para a aquisição da linguagem deverá considerar propriedades do terceiro fator, além da dotação genética e da experiência. Como mencionamos na seção 7.2, essa proposta não altera o funcionamento do sistema computacional, o qual é inicializado a partir do momento em que as crianças interpretam padrões regulares exibidos pelas categorias funcionais com base em informações pertinentes à interface semântica.

Uma vez delineado o percurso que realizamos para a execução deste trabalho, o que se segue são algumas considerações referentes às abordagens para a aquisição da linguagem (seção 4.2) e aos desdobramentos deste estudo. Tecemos ainda um comentário definitivo acerca da Hipótese do Aspecto. Como procuramos mostrar desde o capítulo introdutório, a suposição pré-minimalista de Chomsky (1980) é a de que o argumento da pobreza de estímulos leva à conclusão de que a linguagem é um sistema complexo, determinado pela dotação genética e autônomo em relação a outras faculdades cognitivas. Contudo, mesmo antes da implementação do PM, a caracterização da linguagem nesses termos nunca foi feita de forma categórica. Ao contrário, conforme as passagens transcritas na seção 4.3, quando o assunto era complexidade, dotação genética e autonomia, Chomsky adotava sempre uma postura cautelosa. Tão logo que encontrou uma explicação para a linguagem baseada em princípios (tendo em mente a colocação que fizemos na seção 4.3 de que uma explicação baseada em princípios quer dizer uma explicação baseada em interfaces), Chomsky desenvolveu a tese minimalista de que a aparente complexidade da GU pode ser o resultado da aplicação de princípios não linguísticos, talvez não humanos, à capacidade recursiva.

Na medida em que parte de uma caracterização da GU em termos de um conjunto de princípios e parâmetros, as abordagens nativistas para aquisição da linguagem discutidas na seção 4.2.1 não podem ser caracterizadas como minimalistas. Com efeito, mesmo nas propostas de Yang (2004) e Roberts e Holmberg (2010), que consideram a formulação minimalista dos três fatores no *design* da linguagem em suas propostas para a fixação paramétrica, o que vemos

é que o primeiro fator ainda inclui muito conhecimento inato, restando ao terceiro fator a função de auxiliar as crianças na fixação de parâmetros.

De qualquer forma, dentre as abordagens nativistas que foram discutidas na seção 4.2.1, os resultados desta pesquisa se aproximam da proposta de Yang (2004) na medida em que seu modelo assume explicitamente a atuação de mecanismos estatísticos para auxiliar na fixação dos parâmetros. Contudo, levando em consideração que o PM persegue o objetivo de minimizar a dotação genética do estado inicial da FL e, ao mesmo tempo, maximizar os efeitos do terceiro fator no desenvolvimento linguístico, entendemos que o sistema paramétrico deve fazer parte da FL não em termos de especificação genética, mas em termos de efeitos do terceiro fator.

Quanto às abordagens emergentistas (seção 4.2.2), quando consideramos a observação de MacWhinney (1999) de que o emergentismo não rejeita o nativismo, bem como a formulação dos três fatores no *design* da linguagem, parece haver uma possibilidade de relacionar resultados produzidos no âmbito das pesquisas emergentistas concernentes aos mecanismos de domínio geral ao terceiro fator. Nesse caso, a realização de pesquisas acerca dos mecanismos estatísticos responsáveis pela detecção de regularidades no estímulo linguístico no âmbito da formulação minimalista dos três fatores poderá contribuir para uma melhor compreensão dos outros sistemas cognitivos que interagem com a linguagem (figura 29) além dos sistemas de fala e de pensamento. Em relação à teoria da aquisição baseada no uso, se fatores como atenção compartilhada, referência ao contexto imediato e padrões interacionais são relevantes para a interface semântica – o que parece ser o caso das crianças investigadas, já que, pelo menos no estágio de uma palavra, elas utilizavam os verbos perfectivos para denotar mudanças de estado em seu contexto imediato – aspectos de ordem pragmática talvez pudessem ser considerados na formulação dos três fatores também. Esse é um ponto que poderia ser desenvolvido em pesquisas futuras. Nesse caso, a pergunta a ser respondida poderia ser formulada da seguinte forma: os resultados das pesquisas emergentistas acerca dos mecanismos de domínio geral são compatíveis com a formulação dos três fatores no *design* da linguagem?

Outro ponto que poderia ser esclarecido a partir da realização de novos estudos diz respeito à natureza dos dados de fala que são dirigidos às crianças. Nos dados desta pesquisa, os padrões de correlação entre o aspecto gramatical e o aspecto lexical exibidos nos dados do *input* foram muito similares aos que foram exibidos nos dados das crianças. Acerca disso, a pergunta que surge é a seguinte: no que diz respeito à correlação entre o aspecto gramatical e o aspecto lexical, os dados do *input* apresentam características específicas ou seguem padrões gerais de produção adulta? Caso os dados do *input* apresentem características específicas, os

adultos estariam adequando seus dados às capacidades psicolinguísticas das crianças? Nesta pesquisa, esse não parece ter sido o caso, já que os padrões de correlação entre o aspecto gramatical e o aspecto lexical apresentaram variações de uma criança para outra, mas não das crianças para seu respectivo *input*. No entanto, a condução de mais estudos seria útil para a elucidação dessa questão.

Ainda no que diz respeito aos desdobramentos desta pesquisa, se tomamos por base os pressupostos minimalistas para a FL, não parece haver outra maneira pela qual possamos alcançar explicações satisfatórias para a aquisição da linguagem a não ser perseguir o objetivo de compreender melhor os sistemas cognitivos que interagem com a linguagem, por mais difícil que isso possa ser. Como o próprio Chomsky (2004b) reconheceu, não sabemos muito sobre os sistemas externos à linguagem porque é quase impossível estudá-los a não ser através da linguagem. Evidentemente, apenas aceitar nossa falta de conhecimento em relação aos sistemas de interface não nos levará a lugar algum, já que, na visão minimalista, esses mesmos sistemas devem explicar a linguagem e suas propriedades, impondo-lhes condições de legibilidade. O que ganharemos se continuarmos a utilizar os sistemas de interface para explicar a linguagem e, ao mesmo tempo, utilizar a linguagem para explicar os sistemas de interface? Portanto, a compreensão dos sistemas cognitivos que interagem com a linguagem é um problema crucial para as pesquisas futuras.

Quanto à Hipótese do Aspecto, apontamos, na seção 3.4, sua incompatibilidade com a concepção minimalista do *design* da linguagem. No entanto, sua avaliação foi necessária por se tratar de uma hipótese amplamente difundida nos estudos acerca da aquisição da morfologia flexional. Considerando que os resultados desta pesquisa não confirmaram as previsões da Hipótese do Aspecto, para ser testável, uma modificação em sua formulação seria necessária. Assim, chegamos a um ponto em que, caso os defensores da Hipótese do Aspecto queiram levá-la adiante, eles precisarão cogitar outro traço, dentre as possibilidades fornecidas na figura 14, para que a alegação de que os morfemas flexionais codificam traços aspectuais intrínsecos aos verbos possa ser testada. Nesse caso, os potenciais substitutos do traço [télico] seriam traços responsáveis pela distinção estativo/dinâmico ou pontual/durativo. Isso porque os resultados obtidos indicam que as únicas correlações que se mantiveram, de fato, incontestáveis foram as que se estabeleceram entre perfectivo e *achievement*, por um lado, e imperfectivo e estado, por outro. Portanto, o traço mais adequado para capturar essas correlações não é o traço [télico], mas qualquer outro que seja capaz de estabelecer oposição entre essas duas classes, como é o caso dos traços [$\pm$ dinâmico], [$\pm$ ADDTO] ou [$\pm$ durativo].

Contudo, mesmo nessa versão modificada, ainda teríamos razões para suspeitar da legitimidade da Hipótese do Aspecto. Isso porque, de qualquer maneira, a Hipótese do Aspecto ainda deveria explicar por que as crianças inicialmente formariam um mapeamento forma/significado atípico que, além de não ser obedecido com rigor terá que ser abandonado em algum ponto do desenvolvimento linguístico. Se as crianças inicialmente formam mapeamentos atípicos, o que determina a mudança para o mapeamento esperado durante seu desenvolvimento linguístico? Esse é um dos grandes desafios para as pesquisas que têm adotado a Hipótese do Aspecto.

Em suma, ao confirmar a hipótese de que a aquisição do aspecto envolve a detecção de regularidades no *input* linguístico, esta tese procurou desenvolver os fundamentos do que seria uma abordagem minimalista para a aquisição da linguagem. Como deve ter ficado claro a partir dos resultados que obtivemos como este estudo, uma abordagem minimalista para a aquisição da linguagem deverá aderir à proposta de transferir o ônus da explicação da aparente complexidade da linguagem do primeiro fator para o terceiro fator, o que poderá resultar em explicações mais satisfatórias para o desenvolvimento linguístico ou, pelo menos, tornar as abordagens nativistas para a aquisição mais adequadas aos pressupostos atuais da Teoria Gerativa.

REFERÊNCIAS

- ANDERSEN, R. Developmental sequences: The emergence of aspect marking in second. In: HUEBNER, T.; FERGUSON, C. A. **Crosscurrents in Second Language Acquisition and Linguistic Theories**. Amsterdam: John Benjamins, 1991.
- ANTINUCCI, F.; MILLER, R. How children talk about what happened. **Journal of Child Language**, v. 3, p. 169-189, 1976.
- ARAÚJO, T. S. N. **Aquisição do aspecto do português brasileiro**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – UFRJ. Rio de Janeiro. 2015.
- BAKER, M. C. Mapping the terrain of language learning. **Language Learning and Development**, v. 1, p. 93-129, 2005.
- BERTINETTO, P. M. On a frequent misunderstanding in the temporal-aspectual domain: the perfective-telic confusion. In: CECCHETTO, C.; CHIERCHIA, G.; GAUSTI, M. T. **Semantic interfaces: reference, anaphora and aspect**. Stanford: CSLI, 2001. p. 177-210.
- BLOOM, L.; LIFTER, K.; HAFITZ, J. Semantics of verbs and the development of verb inflection in child language. **Language**, v. 56, n. 2, 1980.
- BORER, H. **Parametric syntax: Case studies in Semitic and Romance**. Dordrecht: Foris Publications, 1984.
- BRONCKART, J.; SINCLAIR, H. Time, Tense and Aspect. **Cognition**, n. 2, p. 107-130, 1973.
- BROWN, R. **A first language**. Cambridge: Harvard University Press, 1973.
- CASTILHO, A. T. Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa. **Alfa**, v. 12, 1967.
- CASTILHO, A.T. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2016.
- CASTRO, G.; HERMONT, A. Aquisição da linguagem e composicionalidade aspectual. **Revista Linguística**, 2018. No prelo.
- CHOMSKY, N. A Minimalist Program for linguistic theory. In: HALE, K.; KEYSER, S. J. **The view from Building 20: Essays in honor of Sylvain Bromberger**. Cambridge, MA: MIT Press, 1993. p. 1-52.
- CHOMSKY, N. A propósito das estruturas cognitivas e do seu desenvolvimento: uma resposta a Piaget. In: PIATELLI-PALMARINI, M. **Jean Piaget e Noam Chomsky debatem teorias da linguagem e da aprendizagem**. Lisboa: Edições 70, 1987 [1978]. p. 63-84.

CHOMSKY, N. Approaching UG from below. In: SAUERLAND, U.; GARTNER, H. **Interfaces + Recursion = Language? Chomsky's Minimalism and the View from Semantics**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2007. p. 1–29.

CHOMSKY, N. A review of B. F. Skinner, Verbal behavior. **Language** , v. 35, p. 26-58, 1959.

CHOMSKY, N. **Aspects of the Theory of Syntax**. Cambridge: The MIT Press, 1965.

CHOMSKY, N. **Barriers**. Cambridge: MIT Press (MA), 1986a.

CHOMSKY, N. Beyond explanatory adequacy. In: BELLETTI, A. **Structures and beyond: The cartography of syntactic structures**. New York: Oxford University Press, 2004a. p. 104-131.

CHOMSKY, N. Derivation by Phase. In: KENSTOWICZ, M. J. **Ken Hale: a Life in Language**. Cambridge: The MIT Press, 2001. p. 1-52.

CHOMSKY, N. **Knowledge of language: Its nature, origin and use**. New York: Praeger, 1986b.

CHOMSKY, N. **Lectures on Government and Binding**. Dordrecht: Foris Publications, 1988 [1981].

CHOMSKY, N. Minimalist Inquiries: the Framewok. In: MARTIN, R.; MICHAELS, D.; URIAGEREKA, J. **Step by Step: Essays in Minimalist Syntax in Honor of Howard Lasnik**. Cambridge: MIT Press, 2000b. p. 89–155.

CHOMSKY, N. **New Horizons in the Study of Language and Mind**. New York: Cambridge University Press, 2000a.

CHOMSKY, N. **On nature and language**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

CHOMSKY, N. Remarks on nominalization. In: JACOBS, R. A.; ROSENBAUM, P. S. **Readings in English Transformational Grammar**. Waltham: Ginn and Company, 1970. p. 184-221.

CHOMSKY, N. **Rules and Representations**. New York: Columbia University Press, 1980.

CHOMSKY, N. Some notes on economy of derivation and representation. In: FREIDIN, R. **Principles and parameters in comparative grammar**. Cambridge, MA: MIT Press, 1991. p. 417-454.

CHOMSKY, N. **Syntactic Structures**. The Hague: Mouton, 1985 [1957].

CHOMSKY, N. Talks at Google. **Youtube**, 22 abr. 2008. Disponivel em: <<https://www.youtube.com/watch?v=rnLWSC5p1XE>>. Acesso em: 5 jun. 2018.

CHOMSKY, N. **The Generative Enterprise Revisited**: Discussions with Riny Huybregts, Henk van Riemsdijk, Naoki Fukui and Mihoko Zushi. Berlin and New York: Mouton de Gruyter, 2004b.

CHOMSKY, N. **The Minimalist Program**. Cambridge: MIT Press, 1995.

CHOMSKY, N. Three Factors in Language Design. **Linguistic Inquiry**, v. 36, n. 1, p. 1-22, 2005.

CINQUE, G. **Adverbs and functional heads**: A cross-linguistic perspective. New York: Oxford University Press, 1999.

COMRIE, B. **Aspect**. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

FITCH, W. T.; HAUSER, M. D.; CHOMSKY, N. The evolution of the language faculty: clarifications and implications. **Cognition**, v. 97, n. 2, p. 179–210, set. 2005.

HAUSER, M. D.; CHOMSKY, N.; FITCH, W. T. The Faculty of Language: What Is It, Who Has It, and How Did It Evolve? **Science**, New York, v. 298, n. 5598, p. 1569-1579, nov. 2002.

KENEDY, E. **Curso básico de linguística gerativa**. São Paulo: Contexto, 2013.

KIRKHAN, N. Z.; SLEMMER, J. A.; JOHNSON, S. P. Visual statistical learning in infancy: Evidence for a domain general learning mechanism. **Cognition**, v. 83, n. 2, p. B35-B42, 2002.
LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LANGACKER, R. W. A dynamic usage-based model. In: BARLOW, M.; KEMMER, S. **Usage-Based Models of Language**. Stanford: CSLI, 2000. p. 1-63.

LI, P.; SHIRAI, Y. **The Acquisition of Lexical and Grammatical Aspect**. Berlin · New York: Mouton de Gruyter, 2000.

MACWHINNEY, B. **The Emergence of Language**. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 1999.

MARTINS, L. O. **O traço de pessoa na aquisição normal e deficitária do português brasileiro**. Tese (Doutorado em Linguística) - PUC-RIO. Rio de Janeiro. 2007.

MIOTO, C.; SILVA, M. C. F.; LOPES, R. **Novo Manual de Sintaxe**. São Paulo: Contexto, 2013.

PIATELLI-PALMARINI, M. **Jean Piaget e Noam Chomsky debatem teorias da linguagem e da aprendizagem**. Lisboa: Edições 70, 1987 [1978].

POLLOCK, J. Verb movement, universal grammar, and the structure of IP. **Linguistic Inquiry**, v. 20, n. 3, p. 365-424, 1989.

QUADROS, R. M. O paradigma gerativista e a aquisição da linguagem. In: QUADROS, R. M.; FINGER, I. **Teorias de aquisição da linguagem**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

RADFORD, A. **Minimalist Syntax**: Exploring the Structure of English. New York: Cambridge University Press, 2004.

ROBERTS, I.; HOLMBERG, A. Introduction: Parameters in Minimalist theory. In: BIBERAUER, T., et al. **Parametric variation**: Null Subjects in Minimalist Theory. [S.l.]: Cambridge University Press, 2010. p. 1-57.

ROBISON, R. E. The Primacy of Aspect: Aspectual Marking in English Interlanguage. **Studies in Second Language Acquisition**, v. 12, n. 3, p. 315-330, set. 1990.

ROHDE, A. The aspect hypothesis and the emergence of tense distinctions in naturalistic L2 acquisition. **Linguistics**, v. 34, n. 5, p. 1115–1138, 2009 [1996].

SAFFRAN, J. R.; NEWPORT, E. L.; ASLIN, R. N. Word Segmentation: The Role of Distributional Cues. **Journal of Memory and Language**, v. 35, n. 4, p. 606-621, 1996.

SCHÜTZE, C. T. **The empirical basis of linguistics**: Grammaticality judgments and linguistic methodology. Berlin: Language Science Press, 2016 [1996].

SCLIAR-CABRAL, L. **A explicação linguística em gramáticas emergentes**. Tese (Doutorado em Linguística) - USP. São Paulo. 1977.

SKINNER, B. F. **Verbal Behaviour**. New York: Appleton-Century-Crofts, 1957.

SMITH, C. S. **The Parameter of Aspect**. 2ª. ed. Dordrecht: Springer Science+Business , v. 43, 1997.

STOWELL, T. **Origins of phrase structure**. [S.l.]: MIT, 1981.

SWINGLEY, D. Statistical clustering and the contents of the infant vocabulary. **Cognitive Psychology**, v. 50, n. 1, p. 86-132, fev. 2005.

THIESSEN, E. Statistical learning. In: BAVIN, E. L. **The Cambridge Handbook of Child Language**. New York: Cambridge University Press, 2009. p. 35-50.

THORNTON, R.; CRAIN, S. Parameters: the pluses and the minuses. In: DIKKEN, M. **The Cambridge Handbook of Generative Syntax**. Cambridge: Cambridge University Press, 2013. p. 927-970.

TOMASELLO, M. The usage-based theory of language acquisition. In: BAVIN, E. L. **The Cambridge Handbook of Child Language**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009. p. 69-88.

TRAVAGLIA, L. C. **O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão**. 2ª. ed. Uberlândia: EDUFU, 2014 [1985].

VENDLER, Z. Verbs and Times. **The Philosophical Review**, v. 66, n. 2, p. 143-160, 1957.

VERKUYL, H. J. **On the Compositional Nature of the Aspects**. Dordrecht: Springer Science+Business , 1972.

VERKUYL, H. J. Aspectual composition: surveying the ingredients. In: VERKUYL, H. J.; DE SWART, H.; VAN HOUT, A. **Perspectives on Aspect**. Dordrecht: Springer, 2005. p. 19-39.

VERKUYL, H. J. **A theory of aspectuality**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

VERKUYL, H. J. Compositionality. In: BINNICK, R. I. **The Oxford handbook of tense and aspect**. New York: Oxford University Press, 2012. p. 563-585.

WEIST, R. M. et al. The defective tense hypothesis: on the emergence of tense and aspect in child Polish. **ournal of Child Language**, v. 11, p. 347-374, 1984.

WEXLER, K. Very early parameter setting and the unique checking constraint: a new Very early parameter setting and the unique checking constraint: a new. **Language**, v. 106, p. 23-79, 1998.

WITTGENSTEIN , L. **Philosophical Investigations**. New York: Macmillan, 1953.

YANG, C. Universal grammar, statistics, or both? **Trends in Cognitive Science**, v. 8, n. 10, p. 451-56, out. 2004.

ZAGONA, K. Tense, aspect, and modality. In: DIKKEN, M. **The Cambridge Handbook of Generative Syntax**. Cambridge: Cambridge University Press , 2013. p. 746-792.

APÊNDICE A – Aspecto gramatical nos dados de ENY

Aspecto gramatical	Verbo	Quantidade
imperfectivo	querer	29
imperfectivo	ser	25
imperfectivo	estar	24
perfectivo	cair	12
perfectivo	acabar	8
perfectivo	comer	7
perfectivo	botar	6
imperfectivo	fazer	6
perfectivo	fazer	6
perfectivo	pegar	6
perfectivo	achar	5
imperfectivo	ter	5
perfectivo	acordar	4
perfectivo	comprar	4
perfectivo	dar	4
imperfectivo	mexer	4
imperfectivo	saber	4
perfectivo	bater	3
imperfectivo	brigar	3
imperfectivo	comer	3
perfectivo	falar	3
perfectivo	machucar	3
perfectivo	perder	3
perfectivo	quebrar	3
imperfectivo	sair	3
perfectivo	abrir	2
imperfectivo	bater	2
imperfectivo	botar	2
imperfectivo	brincar	2
imperfectivo	dormir	2
perfectivo	entrar	2
perfectivo	estourar	2
perfectivo	ganhar	2
imperfectivo	gostar	2
perfectivo	limpar	2
imperfectivo	mamar	2
perfectivo	mamar	2
perfectivo	morder	2
imperfectivo	passar	2
imperfectivo	pegar	2
perfectivo	sair	2
perfectivo	tirar	2
perfectivo	trazer	2

imperfectivo	usar	2
perfectivo	ver	2
imperfectivo	abrir	1
imperfectivo	almoçar	1
perfectivo	babar	1
perfectivo	brincar	1
imperfectivo	caber	1
imperfectivo	cair	1
imperfectivo	cantar	1
perfectivo	cantar	1
perfectivo	catar	1
perfectivo	chegar	1
imperfectivo	chorar	1
perfectivo	chorar	1
perfectivo	coçar	1
perfectivo	consertar	1
imperfectivo	dançar	1
imperfectivo	dar	1
perfectivo	derrubar	1
perfectivo	desligar	1
perfectivo	dizer	1
imperfectivo	doer	1
imperfectivo	emprestar	1
imperfectivo	entender	1
perfectivo	entender	1
imperfectivo	enxugar	1
imperfectivo	estudar	1
imperfectivo	ficar	1
perfectivo	ficar	1
perfectivo	fugir	1
perfectivo	gostar	1
imperfectivo	gritar	1
perfectivo	guardar	1
perfectivo	jogar	1
imperfectivo	lavar	1
imperfectivo	lembrar	1
perfectivo	levantar	1
perfectivo	ligar	1
imperfectivo	machucar	1
imperfectivo	mancar	1
perfectivo	matar	1
perfectivo	mexer	1
imperfectivo	molhar	1
perfectivo	morrer	1
perfectivo	nascer	1
perfectivo	rabiscar	1

perfectivo	rir	1
imperfectivo	sentir	1
perfectivo	sujar	1
perfectivo	sumir	1
perfectivo	surrar	1
perfectivo	tampar	1
perfectivo	terminar	1
imperfectivo	tirar	1
imperfectivo	tossir	1
imperfectivo	trazer	1
imperfectivo	vestir	1
imperfectivo	vir	1
perfectivo	voar	1

APÊNDICE B – Aspecto gramatical nos dados de JES

Aspecto gramatical	Verbo	Quantidade
imperfectivo	querer	37
imperfectivo	estar	31
imperfectivo	ser	23
perfectivo	pegar	9
imperfectivo	ter	7
imperfectivo	fazer	6
perfectivo	acabar	6
imperfectivo	pegar	4
imperfectivo	saber	4
perfectivo	machucar	4
imperfectivo	caber	3
imperfectivo	gostar	3
perfectivo	botar	3
perfectivo	cair	3
perfectivo	comprar	3
perfectivo	dar	3
perfectivo	morrer	3
perfectivo	quebrar	3
perfectivo	ser	3
imperfectivo	comer	2
perfectivo	achar	2
perfectivo	aparecer	2
perfectivo	bater	2
perfectivo	brigar	2
perfectivo	falar	2
perfectivo	ir	2
imperfectivo	abraçar	1
imperfectivo	acabar	1
imperfectivo	amar	1
imperfectivo	andar de bicicleta	1
imperfectivo	brigar	1
imperfectivo	conversar	1
imperfectivo	correr	1
imperfectivo	desenhar acc.	1
imperfectivo	entrar	1
imperfectivo	falar	1
imperfectivo	ficar	1
imperfectivo	lavar	1
imperfectivo	mamar	1
imperfectivo	matar	1
imperfectivo	morder	1
imperfectivo	papar	1

imperfectivo	pular amarelinha	1
imperfectivo	segurar	1
imperfectivo	trabalhar	1
imperfectivo	usar	1
perfectivo	acordar	1
perfectivo	bater	1
perfectivo	beijar	1
perfectivo	botar	1
perfectivo	comer	1
perfectivo	correr	1
perfectivo	descer	1
perfectivo	desenhar	1
perfectivo	desligar	1
perfectivo	dormir	1
perfectivo	entornar	1
perfectivo	entornar	1
perfectivo	enxaguar	1
perfectivo	esquecer	1
perfectivo	fazer	1
perfectivo	fechar	1
perfectivo	fechar	1
perfectivo	ficar	1
perfectivo	jogar	1
perfectivo	matar	1
perfectivo	pintar	1
perfectivo	sair	1
perfectivo	sumir	1
perfectivo	tirar	1
perfectivo	vir	1

APÊNDICE C – Aspecto lexical nos dados de ENY

Aspecto lexical	Verbo	Quantidade
estado	querer	29
estado	ser	25
estado	estar	24
achievement	cair	13
atividade	fazer	11
achievement	acabar	8
achievement	pegar	8
atividade	comer	7
accomplishment	botar	5
achievement	achar	5
achievement	sair	5
atividade	mexer	5
estado	ter	5
accomplishment	comprar	4
accomplishment	dar	4
achievement	acordar	4
achievement	machucou	4
estado	saber	4
accomplishment	comer	3
accomplishment	trazer	3
accomplishment	tirar	3
achievement	perder	3
achievement	quebrar	3
atividade	bater	3
atividade	botar	3
atividade	brigar	3
atividade	brincar	3
atividade	falar	3
atividade	mamar	3
estado	gostar	3
achievement	abrir	2
achievement	bater	2
achievement	entender	2
achievement	entrar	2
achievement	estourar	2
achievement	ganhar	2
achievement	ver	2
atividade	cantar	2
atividade	chorar	2
atividade	dormir	2
atividade	limpar	2
atividade	morder	2
atividade	passar	2
estado	ficar	2
estado	usar	2
accomplishment	abrir	1

accomplishment	consertar	1
accomplishment	emprestar	1
accomplishment	enxugar	1
accomplishment	fazer	1
accomplishment	guardar	1
accomplishment	mamar	1
accomplishment	matar	1
accomplishment	sujar	1
accomplishment	tampar	1
accomplishment	vestir	1
accomplishment	molhar	1
achievement	chegar	1
achievement	derrubar	1
achievement	desligar	1
achievement	jogar	1
achievement	lembrar	1
achievement	levantar	1
achievement	ligar	1
achievement	morrer	1
achievement	nascer	1
achievement	sumir	1
achievement	terminar	1
achievement	vir	1
atividade	almoçar	1
atividade	babar	1
atividade	catar	1
atividade	coçar	1
atividade	dançar	1
atividade	dar	1
atividade	dizer	1
atividade	estudar	1
atividade	fugir	1
atividade	gritar	1
atividade	lavar	1
atividade	mancar	1
atividade	rabiscar	1
atividade	rir	1
atividade	surrar	1
atividade	tossir	1
atividade	voar	1
estado	caber	1
estado	doer	1
estado	sentir	1

APÊNDICE D – Aspecto lexical nos dados de JES

Aspecto Lexical	Verbo	Quantidade
estado	querer	37
estado	estar	31
estado	ser	26
achievement	pegar	13
achievement	acabar	7
estado	ter	7
atividade	fazer	6
achievement	machucar	4
estado	saber	4
accomplishment	comprar	3
accomplishment	dar	3
achievement	cair	3
achievement	morrer	3
achievement	quebrar	3
atividade	botar	3
atividade	brigar	3
atividade	comer	3
atividade	falar	3
estado	caber	3
estado	gostar	3
accomplishment	desenhar	2
accomplishment	matar	2
achievement	achar	2
achievement	aparecer	2
achievement	bater	2
achievement	ir	2
atividade	correr	2
estado	ficar	2
accomplishment	botar	1
accomplishment	descer	1
accomplishment	entornar	1
accomplishment	fazer	1
accomplishment	fechar	1
accomplishment	jogar	1
accomplishment	pintar	1
accomplishment	tirar	1
achievement	acordar	1
achievement	desligar	1
achievement	entornar	1
achievement	entrar	1
achievement	esquecer	1
achievement	fechar	1
achievement	sair	1

achievement	sumir	1
achievement	vir	1
atividade	abraçar	1
atividade	andar de bicicleta	1
atividade	bater	1
atividade	beijar	1
atividade	conversar	1
atividade	dormir	1
atividade	enxaguar	1
atividade	lavar	1
atividade	mamar	1
atividade	morder	1
atividade	papar	1
atividade	pular amarelinha	1
atividade	segurar	1
atividade	trabalhar	1
estado	amar	1
estado	usar	1